

1ª VIA

PROC.-	106
LIV.-	02
PAG.-	17
REG.-	3726

PROC.-	106
LIV.-	01
PAG.-	42
REG.-	1338

PC

ENTRADA	
28/04/71	
DISTR.-	/ /
1.a CEN.-	/ /
2.a CEN.-	/ /
CERT.-	/ /
SAIDA	/ /
TEMPO TRAM.	
DIAS.	

AULULARIA

de PLAUTO

(SP)

FEDERAÇÃO DO TEATRO AMADOR DO NORDESTE PAULISTA

— FETANP —

Rua General Carneiro, 1340 - 2.º andar - Sala 8  
Caixa Postal, 273

FRANCA — S. P.

RJ-DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
DA-SEÇÃO DE RELAÇÕES ADMINISTRATIVAS

27 ABR 00 52 74474

RECEBIDO POR:

SENHOR DIRETOR DO SERVIÇO DE CENSURA E DIVERSÕES PÚBLICAS DO  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - BRASÍLIA-DF.-

## O GRUPO TEATRAL VANGUARDA

sediado na cidade de Franca-sp-, através de seu representante, abaixo assinado, residente à rua General Osório nº 1.835, também na cidade de Franca-sp-, brasileiro, maior, solteiro, vem, respeitosamente, solicitar a EXPEDIÇÃO DE CERTIFICADO LIBERATÓRIO DE CENSURA para o texto indicado abaixo, juntando os documentos exigidos por Lei.

Nestes termos

P. Deferimento

Franca, 26 de abril de 1971.

A handwritten signature in cursive script that reads "Hélio Laurindo".

Hélio Laurindo

NOME DO TEXT O: " AULULÁRIA "

NOME DO AUTOR : Plauto

Nº DE ATOS : ato único

AUT.DA SBAT : nº 16587

OBSERVAÇÃO: Junto três cópias  
do texto a ser encenado.

# SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT)

Fundada em 27 de setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920 — Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores — Membro do Conselho Pan-Americano da "CISAC" — Membro do IBECC (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura) — Membro da UNESCO — Representante do INC (Instituto Nacional do Cinema do Ministério da Educação e Cultura.

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — Rio de Janeiro GB.

## AUTORIZAÇÃO PARA REPRESENTAÇÃO DE PEÇA TEATRAL

Série 3/70 - SP Nº 16587

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920 mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962, a representação da peça teatral: Au Lulária (A Paula)

Original de Plauto

Música de .....

Tradução de .....

No Teatro Judas Iscariotes Cidade S. Paulo

Empresa Gr. Vanguarda Pela Cia. ....

nos dias Para Censura da Peça

sob condição de pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de ..... %

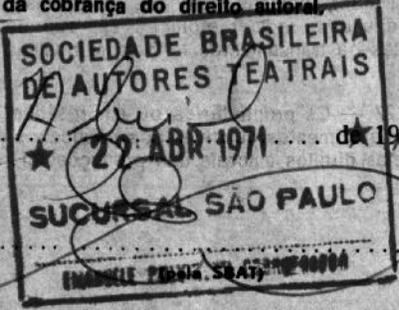
..... da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de NCr\$ ..... por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Empresa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cota percentual, a título de direitos autorais, sobre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Empresa a incluir nos bordereaux de receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Empresa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

S. Paulo 22 de

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.



## Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

### Decreto n.º 4.092, de 4 de agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais esses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

### Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual for a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros ou espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

### Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a todas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ Único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmissores tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

### Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exhibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

### Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

### Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

### Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A autorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor for filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

### Decreto n.º 1.023, de 17 de maio de 1962:

Art. 1.º — Qualquer espetáculo público (representações, execuções, irradiações, funções esportivas, recreativas e beneficentes, etc.) realizado em teatro, cinema, estações de rádio e televisão, circo, parque, cassino, clube, associações recreativas ou esportivas, salões de dependências adequadas, depende de aprovação do respectivo programa, pelo Serviço de Censura de Diversões Públicas (S. C. D. P.) no Distrito Federal, e pela autoridade policial nos Estados e Territórios, seja o espetáculo ou função promovido por pessoa física ou jurídica, ou por entidade de organização comercial ou de organização civil.

# GRUPO DE TEATRO VANGUARDA FRANCA-SP.

## PERSONAGENS



Euclião, um velho

Estáfila, escrava de Euclião

Megadere, um velho rico

Eunêmia, irmã de Megadere

Licônidas, filho de Eunêmia

Fedra, filha de Euclião

Estrebile, escravo de Megadere

Cengrião, escravo cozinheiro.

TEXTO: AULULÁRIA

AUTOR: PLAUTO

AULULÁRIA (A PANELA)Comédia latina, de Plaute.  
(Séc. III a.C.)

Acto I

EUCLIÃO, ESTÁFILA

- EUCLIÃO : Já para fera, sua espia sempre de sihe esbugalhado!
- ESTÁFILA : Ai, pobre de mim! Por que me bates?
- EUCLIÃO : Para que tenhas a mávida que mereces.
- ESTÁFILA : Que fiz eu? Por que me mandas embora de casa?
- EUCLIÃO : Eu não tenho que te dar explicações, meu armazém de pancadões! Vamos, sai! Sai desta porta! (Mostra-lhe o lado oposto à casa) Ora, vêde como ela anda! Se não andares mais depressa, pego o chicote e te ensino! Diacho!
- ESTÁFILA : É preferível morrer a continuar nesta vida.
- EUCLIÃO : Esta malvada só sabe resmungar. Ainda te arranco os olhos, se me continuares espiando! (À parte) Nunca vi mulher mais danada do que esta. Será que eu não deixei escapar alguma coisa que lhe indicasse onde esconde o ouro? Não é nada difícil: parece que esta velhota tem olhos até na nuca. Bem, vou lá dentro ver se o ouro está onde o deixei. (Entra na casa)
- ESTÁFILA (Só): Belas! Que terá acontecido a meu amo? Que vida! Num só dia já me pôs dez vezes fora de casa. Passa as noites sem dormir e os dias todos sentado, como um sapateiro coxo. E eu não sei como continuar escondendo o que houve com sua filha. O pior é que já se aproxima a hora do parto? Que fazer?! (Euclião volta).
- EUCLIÃO (À parte): Agora estou mais tranqüilo, pois vi que tudo está em ordem. (A Estáfila) Volta para casa e fica de guarda.
- ESTÁFILA : De guarda a que? Só temos teias de aranha...



EUCLIAO : Pois guarda as minhas aranhas! Sou pobre, não tenho suporte a po breza. E tu nada tens com isto. Já para dentro, anda! Não deixes ninguém entrar! Mesmo que seja a Sorte que venha ba ter à porta.

ESTÁFILA : Ah! Esta não tem perigo. Embora more na vizinhança, jamais se aproximou de nossa casa. (Estáfila entra na casa).

EUCLIAO (Só): Eu não queria me afastar de casa hoje, mas não há outro remédio. Haverá distribuição de auxílio aos pobres e, se eu não reclamar a minha parte, logo irão desconfiar que eu tenho ouro guardado. Pessoas pobres não costumam desprezar o que lhes dão, ainda que seja pouco. Aliás, mesmo eu guar dando meu segredo com cuidado, parece que todos já o sabem: saúdam-me com amabilidade, estendem-me a mão, perguntam-me como vou de saúde e de negócios. Bem, mas deixem-me ir correndo, para voltar bem depressa. (Sai)

Ato II

EUNOMIA, MEGADORO

EUNOMIA : Como sabes, meu irmão, só quero a tua felicidade. Por isto vim procurar-te. Preciso dar-te um conselho.

MEGADORO : Fala, mana. Este foi sempre o teu costume. Que queres hoje, afinal?

EUNOMIA : Quero... bem... isto é... eu quero... arranjar-te um caga mento.

MEGADORO : Ai de mim! Estou perdido! É este o bem que me queres?

EUNOMIA : Oh! Trata de obedecer-me! Ela é mais velha que tu, mas traz um ótimo dote!

MEGADORO : É o que menos me interessa. Além disto, já escolhi: preten do mesmo casar-me é com a filha de Euclião, nosso vizinho. Tu me dirás que ela é pobre, mas é assim que me agrada. A demais, graças a Deus, eu já sou bastante rico.

EUNOMIA: Se é assim... Que Deus te ajude.

MEGADORO : É o que espero. Vou lá agora. Mas vê! Euclião vem chegando.  
(Eunômia sai)

MEGADORO, EUCLIÃO, ESTÁFILA



EUCLIÃO (À parte): Bem que eu tinha o pressentimento de que ia em busca de nada. Não distribuíram coisa alguma, ninguém deu satisfação. Agora preciso ir depressa para casa. Meu corpo está aqui na rua, mas minha alma está lá. (A Megadoro) Ora, sai ve, Megadora.

MEGADORO : Olá! Tudo bem? Como estás de saúde? Os negócios vão bem?

EUCLIÃO (À parte) Deve haver um motivo especial para um homem abastado ser tão gentil com um pobre: com certeza descobriu que eu tenho ouro escondido. Aquela velha me paga! (A Megadoro) Excluindo o dinheiro, vai tudo bem.

MEGADORO : Ora, se tens paz espiritual, tens tudo o que é necessário para uma vida tranqüila.

EUCLIÃO (À parte): Olha a indireta! Não me resta a menor dúvida: ele sabe do ouro. A escrava já deu com a língua nos dentes. Quando entrar em casa eu lhe cortarei a língua e furarei os olhos!

MEGADORO : Que estás aí a falar sêzinhe?

EUCLIÃO : Lamento a minha miséria. Tenho uma filha moça, sem dote e não consigo casá-la com ninguém.

MEGADORO : Conta comigo, vizinho! Para isto estou aqui.

EUCLIÃO (À parte): Nenhum rico trata tão bem a um pobre, desinteressadamente: rico é como sanguessuga, que agarra tudo o que toca. Por Deus! Será que ele já não estará com o meu ouro? Tenho que ir lá dentro ver! (A Megadoro) Com licença, Eu já volto. (Sai)

MEGADORO : Mas onde vais? (À parte) Que esquisito, sair assim de repente.



EUCLIANO (voltando) (À parte): Lá dentro está tudo em ordem. Mas este sujeito acho que está farejando meu curso. (A Megadoro) Então, que dizias?

MEGADORO : Ouve, Eucliano, eu pretendo... casar-me com tua filha.

EUCLIANO : Ora, Megadoro! Nunca te dei motivos para zombarias de mim e isto é até indigno de ti.

MEGADORO : Mas não é zombaria, homem! É sério! Dize-me: que achas da minha família?

EUCLIANO : Boa.

MEGADORO : Do meu caráter?

EUCLIANO : Bom.

MEGADORO : Dos meus atos?

EUCLIANO : Nem maus nem desonestos.

MEGADORO : E a minha idade - conhece?

EUCLIANO : Sei que é tão grande quanto a tua fortuna.

MEGADORO : Então casa-a e proce. Faze a tua felicidade, a dela e a minha!

EUCLIANO : Mas não tenho dote para ela.

MEGADORO : Se ela tiver juízo, já é dote suficiente. Dinheiro não é preciso.

EUCLIANO : Bem, nestas condições eu ta entrego, mas depois não esqueças que o trato foi este. Vós, ricos, costumais esquecer os compromissos e afirmar que combinastes exatamente o contrário, sempre que isto vos convém. Depois não fiques pensando que eu tenho herança escondida, heim?

MEGADORO : Podes ficar sossegado; entre nós não haverá discussões. Se concordares, faremos hoje o casamento. Eu arco com as despesas.

EUCLIANO : Pagas os gastos da festa?! Claro que pode ser hoje!

MEGADORO : Então vou providenciar tudo. Até mais ver.



- 6 -

EUCLIANO : Até mais ver, Megodoro. (À parte) Sim, senhor heim? A força que o dinheiro tem! Com certeza ele soube que eu tenho um tesouro enterrado e está louco de vontade de apanhá-lo.

EUCLIANO : Onde estás, linguaruda, que já espalhaste o boato de que a minha filha tem dote? (Estáfila chega) Corre! Vai lavar os pratos: hoje à tarde vou dar Fedra em casamento a Megodoro.

ESTÁFILA : Que Deus os proteja! Mas casar assim, às pressas?!

EUCLIANO : Cala-te e vai cumprir minhas ordens. (Sai)

ESTÁFILA (Só): É o fim! Deus do Céu! O parto já se aproxima e hoje eu casa com outro: a desonra se tornará pública! Ai, mas o jeito é obedecer ao patrão e ir fazer meu serviço... (Entra na casa)

## Ato III

ESTROBILO, ESTÁFILA, EUCLIANO,  
CONGRIÃO, demais cozinheiros, flautistas.

ESTROBILO : Ó Estáfila, vem abrir esta porta!

ESTÁFILA : Que queres, Estrobilo?

ESTROBILO : Vê o que Megodoro manda de presente a Euclião: cozinheiros, flautistas e comida para o casamento.

ESTÁFILA : Só isto? E o vinho? Bebe-se água?

ESTROBILO : Calma, calma! O vinho virá, logo mais.

EUCLIANO (Só): Ai, que me estão a vasculhar toda a casa! Pega! Pega ladrão!! (A Congrião) Vais parar no tribunal, seu canalha! (Espanca-o, na cabeça).

CONGRIÃO : Ai, bruto! Por que me bates?

EUCLIANO : Porque, armado de faca, vens invadir minha casa!

CONGRIÃO : Eu, armado? E esta, agora! Faca é muito natural nas mãos de um bom cozinheiro. Nunca viste isto, não?

EUCLIANO : Mas que fazes nesta casa e - o que é pior - na minha ausência?

CONGRIÃO : Vim, com estes outros, preparar a ceia para o casamento.



EUCLIÃO : Ora! Que tens a ver com as bodas? Se passares desta porta sem minha ordem te mato. (Euclião entra na casa).

CONGRIÃO (Só): É o que lucrei. Ai, ai, ai. Vim trabalhar para ganhar dinheiro e agora sou forçado a gastar com um médico. Que dor nestes galos, ai que ódio, que ódio.

EUCLIÃO (saíndo, agarrado à sua panela): Vai lá para dentro! O que te pagam é o trabalho e não, o discurso.

CONGRIÃO : Velho mau! Eu juro que vou te pedir dinheiro pelas pancadas que levei. Eu vim aqui cozinhar e não, levar uma surra.

EUCLIÃO : Não me amoles. Vai cozinhar, se souberes ou, então, vai para o raio que te parta!

CONGRIÃO : Vai tu, enjoado. Vai tu! (Os cozinheiros saem).

...Ate IV

EUCLIÃO, MEGADORO, ESTROBILO

MEGADORO (Sem perceber Euclião): Todos os meus amigos aprovaram minha escolha. Se todos os ricos casassem com moças pobres, haveria maior paz: haveria à nossa volta menos inveja do que há. Elas nos respeitariam e não iriam esbanjar; o pobre não gasta hoje porque pensa no amanhã.

EUCLIÃO (À parte): É deveras precioso o que éle diz da economia! (A Megadoro) Ouvi o que dizias com imenso prazer.

MEGADORO : Ahm? Olá, Euclião. Eu, hoje quero beber contigo.

EUCLIÃO (sempre com a panela nas mãos): Grato, mas hoje não bebo.

MEGADORO : Trarei de casa um bom vinho.

EUCLIÃO : Eu hoje só bebo água.

MEGADORO : Veremos! Durante a festa quero dar-te vinho à beça: temos que comemorar! Bem; agora, com licença. Vou para casa apresentar-me (Sai)

EUCLIÃO : Vai, vai. (Só) Éle quer embebedar-me! Já descobriu mesmo o ouro! Essa velha tagarela já deu com a língua nos dentes!

(Olha para a panela) Ai, panelinha, eu te adoro! E hei-de te proteger - podes confiar em mim!! Vou enterrar-te no bosque, onde ninguém te achará.

ESTROBILO (à parte): Onde irá aquele velho, com aquela panela enorme?

EUCLIAO : Sei de um lugar muito bom para guardar-te, querida.

ESTREBILLO (Só): Este velho deve estar doído. Acho bom ir espreitá-lo.

Ato V

LICÔNIDAS, EUNÔMIA, FEDRA

LICÔNIDAS : Vai, mamãe, pelo amor de Deus! Fala ao tio Megadoro do que te acabo de contar! Impede este casamento! Isto está em tuas mãos e eu te imploro!

EUCÔNIA : Espero que meu irmão compreenda, meu filho, e concordo com o que propões.

FEDRA : Ai, senhora, estou perdida. Anda logo, por favor! Deus do Céu! Já sinto as dores! Nossa Senhora, ampara-me!

LICÔNIDAS : Corre, mãe. Aí tens a prova! As dores estão mais fortes!

EUNÔMIA : Eu vou, filho. Vem comigo. (Saem)

ESTROBILO (Só)

Foi fácil! O velho enterrou, saiu e eu fui cavucar: desenterei a panela e estava cheia de ouro! Ouro, ouro! Eu estou rico! Sou o novo rei Filipe! Vou esconder isto em casa!  
(Sai)

EUCLIAO (Só)

Fui roubado! Estou perdido! Arrasado! Liquidado! - Agarra! Pega o ladrão! Mas pegar quem? Correr pra onde? Oh! Estou desesperado! Que desgraça! Antes, a morte! De que me vale estar vivo, se perdi tudo o que eu tinha? (À platéia) E vós ficais aí calados, como se fôsseis honestos, mas eu conheço esta trama: eu sei que há muitos ladrões! (chorando) - Por que vos rides de mim? Gozais com a minha desgraça? (Continua a soluçar).

## LICÔNIDAS, EUCLIAO

LICÔNIDAS (à parte): Quem será aquele senhor soluçando, perto da casa -  
Pedra? Virgem Santa! É Euclião! Com certeza já descobriu a  
nesso erro! Decerto sabe até que a filha já deu à luz, a  
criança. E eu? Que faço? Não sei se fujo ou se vou lá, con-  
solá-lo. Acho que é melhor fugir!

EUCLIAO : Ei! Vem aqui! Que disseste?

LICÔNIDAS : Euclião, perdão te imploro! Eu também sou um infeliz!

EUCLIAO : O mais infeliz sou eu, que estou perdido! Acabado! Desgra-  
gado!

LICÔNIDAS : Oh! Tenta acalmar-te um pouco.

EUCLIAO : E como posso ter calma?

LICÔNIDAS : É que eu preciso falar-te, fazer-te uma confissão: o cri-  
me que te atormenta... bem... fui eu que o cometi!

EUCLIAO : Que?! Repete o que disseste!

LICÔNIDAS : É verdade, sim... fui eu.

EUCLIAO : Mas, mōço, que mal te fiz, pra me pregares tal peça? Não -  
vês que é a perdição minha e de minha família?!

LICÔNIDAS : Eu estava fora de mim! Fui atraído por ela: foi o destino  
quem quis. Eu peço que me perdes.

EUCLIAO : Mas como chegaste a ela? E como ousaste tocá-la, se ela não  
te pertencia?

LICÔNIDAS : Aconteceu, sei lá como! Já não se pode é negar. E olha: se  
Deus não quisesse, nada teria ocorrido.

EUCLIAO : E o que Ele quer, no momento, é que eu te mande enforçar!!!

LICÔNIDAS : Não faças isto! Eu dou um jeito!

EUCLIAO : Qual Jeito coisa nenhuma! Como ousaste, às escondidas, to-  
car na minha...

LICÔNIDAS : Foi o vinho. E a ocasião... Eu estava embriagado e a possuí,  
por amor.



- EUCLIAO : Ah! É assim, seu descarado?! Que vileza: amor e vinho! Se isto agora é direito, já nos podemos desculpar, em plena luz do dia, roubarmos o ouro das damas! No caso de nos pegarem, diremos que assim agimos porque estávamos "tocados" e que o amor... Ora, esta não!
- LICÓNIDAS : Mas, se eu te peço desculpas...
- EUCLIAO : De que me servem as desculpas? Ela não te pertencia, não a devias ter tocado.
- LICÓNIDAS : Mas, já que usei possuí-la, agora fico com ela.
- EUCLIAO : O que? Vais ficar com ela?! E contra a minha vontade?!
- LICÓNIDAS : Não contra a tua vontade. Mas sei que devo aceitá-la: tu mesmo vai concordar em que ela deve ser minha.
- EUCLIAO : Cala-te e traze-a de volta!
- LICÓNIDAS : Hein?! Trazer de volta o que?
- EUCLIAO : O que era meu e roubaste; ou te levo ao tribunal!
- LICÓNIDAS : O que eu roubei, que era teu? Já não entendo mais nada.
- EUCLIAO (irônico): Não sabes, é? Não me digas!
- LICÓNIDAS: Explica-me o que tu queres; quem sabe, eu possa ajudar.
- EUCLIAO : Só quero, não: eu exijo! Trata de restituir-me minha panela de ouro! Acabas de confessar que me roubaste, não foi?
- LICÓNIDAS : EU?! Por Deus! Não roubei ouro nem sei de panela alguma!
- EUCLIAO : Agora negas, patife? Mas já sei que és o ladrão.
- LICÓNIDAS : Ora, Euclião, tu estás louco, se crês que eu seja um ladrão. Eu estava crente que falavas de outra coisa...
- EUCLIAO : Mas que outra coisa haveria de ser?
- LICÓNIDAS : Algo de suma importância: é preciso que me deixes explicar tudo com calma.
- EUCLIAO : Dize lá, primeiro, então: tu não roubaste o meu ouro?
- LICÓNIDAS : Claro que não. Esta é boa!
- EUCLIAO : Nem sabes quem o furtou?
- LICÓNIDAS : Não tenho a mínima idéia, pois, se soubesse, eu diria!



- EUCLIAO : E se acaso descobrires quem o levou, me dizes?
- LICONIDAS : Direi, homem! Podes crer.
- EUCLIAO : Não me ocultarás o ladrão nem pedirás uma parte do ouro que ele apanhou?
- LICONIDAS : Não, Juro pelo que quiseres.
- EUCLIAO : Certo. Agora, o teu assunto.
- LICONIDAS : Bem, é que... Tens uma filha...
- EUCLIAO : Que novidade! Isto eu sei.
- LICONIDAS : Ache que tu a prometeste a meu tio Megadoro.
- EUCLIAO : Também não é novidade. E daí?
- LICONIDAS : Ele me permitiu que te procurasse, para desfazer o noivado.
- EUCLIAO : Desfazer?! Depois de tudo preparado?! Que Deus lhe mande um castigo! Era só o que faltava!
- LICONIDAS : Calma! Deixa-me explicar-te. Não queiras mal a meu tio. Deus há-de te proteger e, também, à tua filha.
- EUCLIAO : É. Assim seja.
- LICONIDAS : Assim seja. Que Deus também me proteja! E agora ouve: eu pedi o teu perdão porque ofendi a ti e à tua filha, a quem, embriagado, desonrei, cedendo a um impulso da mocidade. Dá-ma, agora, em casamento, de acordo com as nossas leis.
- EUCLIAO : Ai de mim! Que é que me contas?!
- LICONIDAS : Não fiques tão exaltado! Não houve nada demais: apenas fiz com que aparecesse já avô nas bodas de tua filha. Ela acabava de ter um menino. Foi por nós que meu bom tio desistiu do casamento.
- EUCLIAO : Quanta desgraça reunida! Não, não pode ser verdade!
- LICONIDAS : Pois vai lá dentro e pergunta! Verás que não te menti.
- EUCLIAO : É o que vou, mesmo, fazer. (Sai)
- LICONIDAS (só): Onde se terá metido meu escravo Estóbilo? Mandei-o falar com Estáfila e até agora não voltou...



ESTROBILO, LICÔNIDAS, escravos

ESTROBILO (vem feliz, sorridente): Ó Deus Todo Poderoso! Haverá, por -  
êste mundo, alguém mais rico que eu? Mas todo o ouro que -  
tenho de nada me servirá, se eu continuar cativo. Ah! Eis  
meu amo ali perto.

Vou pô-lo a par do ocorrido e pedir que me liberte. (A Li-  
cônidas): Meu amo, eu encontrei...

LICÔNIDAS : Vamos, fala! Que encontraste?

ESTROBILO : Um tesouro fabuloso! Uma panela, assim, grande - cheia! -  
Cheinha de ouro!

LICÔNIDAS : Tu? E como a conseguiste?

ESTROBILE : Tirei-a dêste avarento, que meu amo quer por sogro.

LICÔNIDAS : E onde está êsse ouro?

ESTROBILO : Bem oculto, numa arca. E agora quero que tu me libertes.

LICÔNIDAS : Libertar-te, patife?! Devolve êsse ouro!

ESTROBILO : Ouro? Mas que ouro, senhor?

LICÔNIDAS : O que dizes teres roubado e escondido numa arca.

ESTROBILO : Ora, eu estava só brincando. Não tenho ouro, não senhor.

LICÔNIDAS : Não mintas, que eu te castigo!

ESTROBILO : Podes bater-me, esganar-me, mas não me arrancas mais nada!

LICÔNIDAS : Oh! Que estou eu esperando, que não te mato aqui mesmo? (A-  
perta-lhe a garganta) - Devolves ou não devolves?

ESTROBILO : S-Sim! Deixa-me tomar fôlego!

LICÔNIDAS (soltando-lhe a garganta): E é pra já! Entrega o ouro! Ou -  
queres ser amarrado ao tronco e chicoteado?

ESTROBILO : Só te peço que me escutes.

LICÔNIDAS : Não escuto coisa alguma! Vinde, homens do chicote!

ESCRAVOS : Pronto, patrão. Que desejas?

LICÔNIDAS : Preparai logo as correntes.

ESTROBILO : Podes atar-me e bater-me, mas primeiro ouve-me um pouco: é  
tudo o que eu te suplico.



LICÔNIDAS : Está bem. Fala, mas logo!

ESTROBILO : Se me torturares até a morte, perderás teu escravo e ainda ficarás sem o ouro, que só eu sei onde está. No entanto, se me prometeres o dese prêmio da liberdade, imediatamente obterás o que desejas. A todos a Natureza jurou livres e todos, por natureza, desejam a Liberdade, pois o pior de todos os males, a mais terrível desgraça é a servidão.

LICÔNIDAS : Nisto deves ter razão.

ESTROBILO : Otive o resto. O mundo atual está repleto de avaros, que fecham a sete chaves os territórios, as despensas, os celeiros, e vivem como mendigos, em meio à maior riqueza. Seus próprios filhos passam necessidade das coisas. Eles, porém, insensíveis a tudo, vão acumulando riquezas, pelo simples prazer de acumularem, até que um escravo, esperto e usado, lhes fure o que guardam com tantos cuidados. Então, nem a a cruz fará esse escravo confessar o seu delito. Assim se vingam os escravos, sorrindo e zombando da sua escravidão. É, pois, a liberdade que faz fiéis os escravos.

LICÔNIDAS : Falaste bem, mas não em poucas palavras, como havias prometido. Mas se hoje eu te fizer livre, tu me darás esse ouro?

ESTROBILO : Claro! Mas é preciso que haja testemunhas. Perdão, mas não confio muito em ti.

LICÔNIDAS : Como quiseres; para mim não há problema.

ESTROBILO : Megadoro! Eurômia! Vinde cá, por favor. É só um minutinho,

ESTROBILO, LICÔNIDAS, MEGADORO, EUNÔMIA

EUNÔMIA : Cá estamos, Estrobilo. Para que nos chamaste?

ESTROBILO : Para serdes testemunhas de que Licônidas garantiu libertar-me, se eu lhe der uma grande panela de ouro. E eu, então, pertencerei a mim próprio! (A Licônidas) - Prometes isto?

LICÔNIDAS : Prometo.



ESTROBILO : Juras por Deus?

LICÔNIDAS : Sim. Por Deus e pelo que tu quiseres.

ESTROBILO (A Eunômia e Megadoro): Ouvistes o que êle disse?

MEGADORO : Ouvimos perfeitamente.

ESTROBILO : E eu ainda estou arriscando, porque esta nossa época não é de muita boa fé; escrevem-se documentos, convocam-se testemunhas, vem o escrivão etc., firma-se data e lugar. No entanto, há sempre um advogado pronto a negar o que se fez.

EUNÔMIA : Tu me conheces bastante; podes confiar em mim!

LICÔNIDAS : Chega, vái logo. Busca o ouro e traze-o depressa!

ESTROBILO : Combinado. Eu vou e volto num instante. (Sai)

ESTROBILO, LICÔNIDAS, EUCLÍO

ESTROBILO : Eis aqui o ouro todinho; cumpri minha parte do trato. Agora é tua vez.

LICÔNIDAS : Quanto ouro acumulado! Mas chamemos logo Euclíão. Euclíão! Euclíão!

EUCLÍO : Hein? Que quereis vós todas? (Vê o ouro) Oh, não! Não creio! Impossível! Será real o que vejo?! Ó Deus, que imensa alegria! Ó papelinha querida, que bom, beijar-te de novo! E abraçar-te! Ai eu te adoro! Minha tristeza acabou!

LICÔNIDAS : Que coisa! Sempre pensei que não ter dinheiro fôsse horrível para todos: a indigência obriga jovens a se prostituírem, adultos a roubarem, velhos a pedirem esmolas... Mas o que vejo agora é pior que a miséria; ter muito mais dinheiro do que necessário. Ah! Como Euclíão sofreu, hoje, por ter perdido a panela! Nem o drama de sua filha trouxe-o de volta à razão! Como é vil e mesquinho êste apêgo ao dinheiro!

EUCLÍO : A quem devo agradecer? A Deus eu e meus vizinhos? A todos, creio. Ó Licônidas, amigo de verdade! Sou-te muito, muito grato por tanta felicidade! Desejo recompensar-te com esta



panela de ouro; quero que ela seja tua, a minha filha também.

LICÓNIDAS : Quê?! Mas é sério o que falas? Nem sei como agradecer-te!

EUCLIÃO : Agradecerás bastante, se aceitares meu presente. E a mim - também, como sogro.

LICÓNIDAS : Claro que aceito! E desejo que minha casa seja a casa de Euclião.

ESTROBILO : Ainda não me libertaste. Recordas-te da promessa?

LICÓNIDAS : Sim, recordo-me, Estrobilo. És livre: bem o mereces. E agora, vai lá dentro, continuar ajudando.

ESTROBILO : Graças a Deus! Eu sou livre! Sou um HOMEM de verdade! Sou rico, sou poderosa, pois tenho força e saúde e sou dono de mim mesmo! Sou mais rico que os avaros, a que o ouro escraviza! Mais forte que os poderosos, porque tenho a alma em paz! Livre! Livre! Livre! Livre!

F I M



SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS  
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES



P A R E C E R

I) Documentação

- a) Título em Português: AULULÁRIA
- b) Título original: \_\_\_\_\_
- c) Autor: PLAUTO
- d) Tradutor: \_\_\_\_\_
- e) Diretor: HÉLIO LAURINDO
- f) Produtor: \_\_\_\_\_
- g) Companhia: GRUPO TEATRAL VANGUARDA
- h) Classificação da Censura: 14 (quatorze) anos

II) Análise

- a) Gênero: \_\_\_\_\_
- b) Argumentos: Estória de um velho muito ambicioso, escravo do ouro que possuía. De tanto arranjar locais para ocultá-lo, termina por ser roubado. Pensando somente na riqueza, esquece-se da família, e, em virtude disto, a sua filha solteira, vem a ter um filho. Desesperado / com tanta desgraça, surpreende-se ao ver o ladrão que lhe devolve o tesouro, explicando que, com tal atitude, havia conseguido a liberdade. Diante disto o velho compreende o seu erro e, para penitenciar-se, faz presente do ouro à filha, ao futuro genro e ao neto.
- c) 1 - Mensagem: Positiva. Os bens materiais nada representam. O verdadeiro rico é aquele que vive em paz com a consciência, livre, forte e saudável.
- 2 - Impressão final: O desfêcho apresentado é satisfatório, com um fundo do educativo muito bom, mostrando o quanto é vil e mesquinho ser ávaro.
- d) Diálogos: normais, acessíveis.
- e) Cenas: necessário o ensaio geral.

f) Personagens: Desta ca-se o felho ávaro. Os demais são pessoas comuns  
conscientes.

g) Valor educativo: Bom, pela mensagem que traz.

III) Conclusão O objetivo da peça é de reconhecido valor, pois visa mostrar  
que não se consegue ser feliz e livre quando se é avarento, ponto de /  
vista do autor - mas que encerra um bom ensinamento moral. Apesar do  
seu valor educativo ser bom, proponho que seja liberada para maiores /  
de 14 (catorze) anos, devido que parte de seu conteúdo não seria de  
bom alvitre ser visto por crianças -no caso, os problemas acarretados  
pela avareza do pai, o seu total desleixo com a família, ocasionando os  
impasses amorosos da filha, com sérios e desagradáveis problemas para /  
os pais.

Brasília, 04 de maio de 19 71

*M. Sampaio*  
MARIA DAS GRACAS SAMPAIO PINHATTI  
Técnico de Censura - Cart. nº \_\_\_\_\_

Sr. Chefe:

*Trata-se de peça liberada*  
*anteriormente c/a mes-*  
*ma sanção no pro-*  
*posto.*

5-5-71

*Sampaio*

DE ACÓRDO  
*Wilson*  
WILSON DE QUEIROZ GARCIA  
Chefe da Seção de Censura

*L. Sampaio*  
*10.5.71*



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0015, p.22

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

# CENSURA FEDERAL

## TEATRO

Certificado Nº 3126/71

PEÇA: AULULÁRIA

ORIGINAL DE PLAUTO

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 10 de MAIO de 1976

CLASSIFICAÇÃO

Brasília, 30 de MAIO de 1971

**PROIBIDO**  
PARA MENORES DE  
**14 ANOS**

Chefe do S. C. D. P.

*General*  
**GEOVÁ LEMOS CAVALCANTE**

M. J. - D. P. F.  
**CERTIFICADO DO S. C. D. P.**

Certifico constar do livro nº 02 fôlha nº 17, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada " AULULÀRIA "

Original de PLAUTO BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0015, p. 23

Tradução de \_\_\_\_\_

Adaptação de \_\_\_\_\_

Produção de GRUPO TEATRAL VANGUARDA - FRANCA /BÃO PAULO

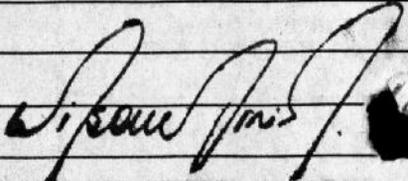
Tendo sido censurada em 04 de maio de 1971 e recebido

a seguinte classificação: PROIBIDO PARA MENORES DE 14 (QUATORZE) ANOS,

- CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL -

**O PRESENTE CERTIFICADO SÔMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.**

Brasília, 10 de MAIO de 1971

  
**WILSON DE QUEIROZ GARCIA**  
**-chefe da seção de censura**

**Coordenador de Censura**  
**de Teatro e Cinema**



ed/

WILSON DE QUEIROZ GARCIA  
Chefe da Seção de Censura

Atendiosamente,

Paga - AULAIRIA  
Autor - FLAUIO  
Intrs. - GRUPO TEATRAL VANGUARDA.  
Endg. - GENERAL OSÓRIO 1835 / FRANCA / SP.

Solicitto as suas providências no sentido de que seja assistido o ensaio geral da peça teatral abalizada e discriminada, podendo ser entregue a documentação ao interessado, caso a classificação estabelecida por este SDDP esteja de acordo com o observado no ensaio, devendo, posteriormente, ser remetido minucioso relatório a res - patto.

Sr. Chefe :

DO : Chefe da Seção de Censura do SDDP  
PARA : Sr. Chefe da TQDR-DR/DPF-SP  
ASS. : Providências (solicitto).

Bresília, 11 / 5 / 1971

Memorando nº 307 / 71-SDDP

DPF - SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

**IMPROPRIO**  
**ATÉ 14 ANOS**



P. 106

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES  
DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA

TCTC  
PROCESSO Nº - 106-

67

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0015, p.25  
= PEÇA TEATRAL -

AULULÁRIA = de PLAUTO

Tradução e Adaptação de Thais Bianchi

Carimbo do S. C.

Autuação

Anexos:

Distribuição

**IMPROPRIO**  
**ATÉ 14 ANOS**

M. J. N. I. - DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA

fundação cultural do distrito federal

OF. Nº 529/67 = D E = F C D F

Em 19 de setembro de 1967

Do Diretor Executivo da Fundação Cultural do Distrito Federal  
Ao Ilmo. Sr. Chefe do Serviço de Censura e Diversões Públicas  
Assunto Solicita Autorização

2-7744

Presado Senhor,

Pela presente vimos solicitar autorização para apresentação da peça "AULULÁLIA" DE PLAUTO, em tradução e adaptação de THAIS BIANCHI, para o Teatro Experimental do Cego.

Em anexo segue o original da referida peça. Informamos que a mesma deverá ser levada a cartaz nos dias 23 e 24 do corrente, no horário de 21 horas.

Sem mais para o momento, renovamos ao ensejo protestos de estima e consideração.

Atenciosamente,

*Carlos Augusto de Oliveira de Albuquerque*  
CARLOS AUGUSTO DE OLIVEIRA DE ALBUQUERQUE

- DIRETOR EXECUTIVO -

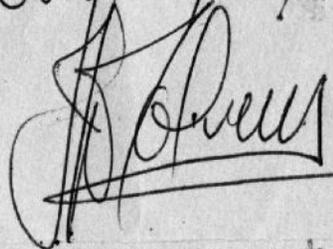
M. J. D. P. F.
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
Protocolo N.º 4942
Em 20 / 9 / 1967
<i>Pluto</i>
Protocolista

RECEBI O PROGRAMA ANEXO
Em _____ de _____ de 19____

Do Sr. Chefe da Seção  
de Censura para indicar  
censor a fim de exami-  
nar.

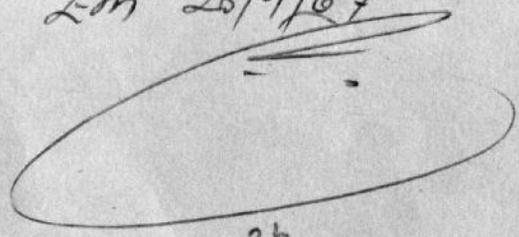
Em 20/09/67  
Maria R. Weitzel  
Chefe da Tete.

Do Censor Montebelo  
Para examinar e  
emitir parecer:

Em 20/09/67  


Chefe da Seção de Censura do SCOP

SOLICITO ENSAIO GERAL  
COM A DEVIDA ANTECIPA-  
ÇÃO. Em 20/9/67



27226  
ou  
30661

V. AO LERDA →

BOMAS EXIÇÕES  
ABÓS 21 HARRAS IMP.  
ATÉ 14 ANOS  
29/9/67

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL - DEPARTAMENTO FEDERAL DO DIREITO AUTORAL

DEPARTAMENTO DE COBRANÇA -  
Rua Visconde de Inhaúma, 107 - 6.º andar - Rio de Janeiro

10% DA Renda

AUTORIZAÇÃO

A, Nº 113176

**NÃO VALE COMO RECIBO**

Autorizamos o uso do nosso repertório musical, nas condições expressas ao lado e referentes a

Usuário *Fundação Cult. de D. F.*

Local *Martins Pena -> S.B.A.T.*

Dia(s) *25 e 26* de *1967* das *-* às *-* horas.

Tipo da função *Peca Teatral "Alulária"*

DIREITOS AUTORAIS

- Const. Fed. - art 141 § 19
- Cód. Civil - art. 649 e §§
- Dec. n.º 4.790 de 2-1-1924
- Dec. n.º 5.492 de 16-7-1928
- Dec. n.º 1.023 de 17-5-1962

Corresponde ao recibo n.º *Sob. Percentagem*

*B S B 24/9/67 a) Claudionas*

ISENTO DE SÉLO pelo art. 203 da Const. Fed.

1531/67

Peça teatral - ( AULULÁLIA )

Original de Plauto - Tradução e adaptação de Thais Bianchi

FUNDAÇÃO CULTURAL DO DISTRITO FEDERAL

ATÉ 22 DE SETEMBRO DE 1968

22

setembro

67

IMPRÓPRIO ATÉ

14 ANOS.



*A. Romero Lago*  
A. ROMERO LAGO

IMPRÓPRIO

ATÉ 14 ANOS

fundação cultural do distrito federal

Of; Nº 545 / 67 - D E - F C D F

Em 21 de setembro de 1967

Do Diretor Executivo da Fundação Cultural do Distrito Federal  
Ao Ilmo. Sr. Chefe do Serviço de Censura e Diversões Públicas  
Assunto Solicita Autorização

Prezado Senhor,

Em adiantamento ao nosso Ofício nº 529/67, solicito seja autorizado mais dois dias, respectivamente 25 e 26 para apresentação do Teatro Experimental do Cego.

Sem mais no momento, aproveitamos a oportunidade para renovar a V.Sa. os protestos de estima e consideração.

Atenciosamente,

C-1531

*[Handwritten Signature]*  
CARLOS AUGUSTO DE OLIVEIRA DE ALBUQUERQUE  
- Diretor Executivo -

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
M. J.  
SERVIÇO DE CENSURA E  
DIVERSÕES PÚBLICAS  
**APROVO**  
de \_\_\_\_\_ de 19\_\_

M. J. D. P. F.  
SERVIÇO DE CENSURA E DIVERSÕES PÚBLICAS  
Protocolo N.º 4978  
Em 21 / 9 / 1967  
*[Handwritten Signature]*

RECEBI O PROGRAMA ANEXO  
Em 22 de setembro de 1967  
*[Handwritten Signature]*

/ejsd.-



# Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Affiliada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores de Música

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT - RIO

Rio de Janeiro — Brasil.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0015, p. 31

## Direitos de Representação

## Autorização Nº 209299

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu § único, e 27, do decreto n.º 5492, de 16-7-1920, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, a representação da peça teatral:

AULULÁRIA

Original de \_\_\_\_\_ x \_\_\_\_\_

Música de \_\_\_\_\_ x \_\_\_\_\_

Tradução de TEATRO EXPERIMENTAL DO LEGO

No Teatro Martins Pereira Cidade BRASÍLIA

nos dias 23 e 24 Setembro 1967

sob a condições do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de \_\_\_\_\_ % \_\_\_\_\_ da renda bruta de cada espetáculo, mediante

a garantia mínima de Cr\$ \_\_\_\_\_ por espetáculo, obrigando-se

a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados.

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competente — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada nas primeiras vias dos recibo oficiais da SBAT.

Cláudio Henrique  
(pela SBAT)

Isenta de selo — Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-1945

## Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

### Decreto n. 4.092, de 4 de Agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

Paragr. 1.º — E' facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Policia ou em Juizo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artistica nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

Paragr. 2.º — Para o disposto no paragr. 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

Paragr. 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação official dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

### Decreto n. 4.790, de 2 de Janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros ou espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

### Decreto N. 5.492, de 16 de Julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n. 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela rádio telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

Paragr. Unico — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artisticas ou difusões, rádio telefônicas em que os músicos, executantes ou transmissores tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

### Decreto N. 18.527, de 10 de Dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exhibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematografos, dancings, cabarés, sociedades rádio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

### Decreto N. 21.111, de 1 Março de 1934:

Art. 35, paragr. 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precidida da indicação dos nomes dos autores.



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0015, p. 33

AULULÁRIA DE PLAUTO

ADAPTAÇÃO E TRADIÇÃO

DE

THAIS BIANCHI



IMPROPRIO  
ATÉ 14 ANOS



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0015, p 34

## PLAUTO

Tito Maccio Plauto nasceu em 245 AC., na mesma região em que séculos mais tarde surgiria a figura de São Francisco. Chama-se Umbria, esta parte da Itália, conhecida pela beleza tranqüila de suas paisagens.

Plauto foi o primeiro romano a fazer Teatro dentro do espírito do seu povo, embora ainda sob certa influência grega. Foi aquele que soube de maneira mais sutil dar forma à tradição latina. Em mãos de Plauto, a comédia grega de Menandro perdeu o tom moralista e íntimo para abrir-se, num enorme e sonoro riso que chega até nossos dias.

Infelizmente a parte final de Aululária, perdeu-se. Não nos julgamos com o direito de impor à estória, um desfecho que talvez estivesse longe do desejo do autor.

De que maneira terminaria Plauto a sua peça ?

Esta pergunta entregamos aos espectadores. Leven-na para casa, e imaginem como daqui em diante viveram Euclião, Estróbilo e a incrível marmita.

IMPROPRIO  
ATÉ 14 ANOS



IMPROPRIO  
ATÉ 14 ANOS

I ATO

— Salve! Salve a todos! Não precisam quebrar a cabeça para descobrir quem sou. Eu sou o deus do Lar e guardo a casa ali da praça há anos. De pai para filho, tenho velado por todos. Aconteça, porém, que o avô do atual dono da casa me confiou, com o maior dos juramentos, o segredo de um tesouro seu. Só a mim êle disse isso. Ao filho não falou nada e, como herança, deixou-lhe apenas um pedaço de árido terreno. Morto o velho, eu, é claro, comeci a observar o tal filho. Talvez êle fôsse melhor do que o velho, mas qual o que! Logo percebi que os meus cultos diminuiam dia a dia. Resolvi vingarme: deixei-o morrer em total ignorância e recomeci a observar o neto, atual dono da casa. Minhas ilusões não demoraram muito; o neto tinha saído pior do que a encomenda e ganhava de longe em avareza os outros dois. Teria me consumido de tristeza, se não fôsse Fedra a filha de Euclião. Não se passa um dia sem que me ofereça incenso para o espírito, louros para a cabeça e preces para o coração. Por causa dela permiti ao pai descobrir o tesouro. Com êle, Fedra poderá casar-se bem. Já existe mesmo quem a ame. O rapaz sabe quem ela é, mas ela não sabe de que família é o rapaz e o pai não sabe nada de nada. Para fazê-la feliz imaginei um plano, pois é preciso livrá-la do tio do moço que é vizinho de Euclião e que a pedirá em casamento ainda hoje. Por isso eu ... mas esperem: pressinto que o velho vai começar a brigar, como de costume, com a velha serva. Vai pô-la para fora de casa. Aposto que é para ver se o tesouro ainda está no lugar. Agora vou retirar-me, mas de onde fico estarei observando tudo.

EUCLIÃO — Depressa! Sai daí! Que é que você procura ?

ESTÁFILA — Eu? Nada.

EUCLIÃO — Sei o que você procura. Mata o bedelho em tudo, sempre procurando pela frente, pelos lados, por trás. Enxada! Vá-se embora de uma vez!

ESTÁFILA — Não vou!

EUCLIÃO — Se você não fôr, eu a mato de pancada.

ESTÁFILA — Por que me ameaça sempre ? Por que me bate ?

EUCLIÃO — Porque a casa é minha e porque, quando um bastão a vê, trema de vontade de terminar em suas costas. Va-se embora e não chegue perto daquela lugar.

ESTÁFILA — Que lugar ?

EUCLIÃO — Aquêle ... Aquêle ... Você sabe muito bem qual é, pois vive cheirando a casa tôda: ora aqui, ora acolá, Ande! Rua! E olhe lá por onde pisa, tarteruga velha!

ESTÁFILA — Mil vêzes enforcada, que serva em sua casa! Mil vêzes morta!

EUCLIÃO — Estão vendo como resmungo essa bruxa ? Caminhe para lá! Mais um pouco! Depressa! Vire-se! Agora, quieta! Se mexer uma perna, um dedo, uma unha, a farei pendurar no galho de uma árvore. (PARA O PÚBLICO) Outra velha ruim como esta, ainda está para nascer. É capaz de tudo. Até de descobrir a minha narrita. (VIRA-SE PARA ESTÁFILA) Não se mexa, hein ? (PARA O PÚBLICO) Enxada pelas costas. (PARA ESTÁFILA) Dê mais um pas-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0015, p. 36

- so para a frente! Mais outro! Pare! Meu Deus! Quanta preocupação dá uma marmitta cheia de ouro! **(SAI)**
- ESTÁFILA - Coitada de mim! ... Me expulsa da casa ao menos dez vêzes por dia. Parece que tem o diabo no corpo. Não descansa, nem de dia, nem de noite. Sempre atento, grudado com esta casa. Fazendo barulho por tudo. Quando penso que qualquer hora vai descobrir toda a história da filha, tremo!
- EUCLIÃO - **(VOLTA)** Tudo em ordem! Os deuses velam por mim! Já estava até com dor de barriga, de medo. **(GRITA)** Estáfila!
- ESTÁFILA - Ai! Que susto!
- EUCLIÃO - Susto... não é? Ainda hei de descobrir o que tem na consciência... Agora, escute bem: fique aqui e vigie.
- ESTÁFILA - O que é que eu vou vigiar? As aranhas? As roupas velhas desta arca trançada a sete chaves?
- EUCLIÃO - Três vêzes serpente! Isso mesmo: as aranhas e as roupas velhas. Sou pobre e me contento com aquilo que tenho. Devo poupar tudo. Por falar nisso, antes que me esqueça, vá lá dentro apagar o fogo. Receio que alguém venha pedir alguma brasa. E, lembre-se, em minha casa, quando eu não estiver, não entra ninguém, nem mesmo a deusa Fortuna em pessoa.
- ESTÁFILA - Esta, não tem perigo.
- EUCLIÃO - Cale a boca e entre!
- ESTÁFILA - Cale a boca e entro.
- EUCLIÃO - Depressa! E não vá arrastar, como de costume, os pés no chão.
- ESTÁFILA - Já sei... Andar gasta o chão. Vou venado, assim...
- EUCLIÃO - Num pulo vou e volto.
- ESTÁFILA - Que pena!
- EUCLIÃO - que eu vá?
- ESTÁFILA - Que volte.
- EUCLIÃO - Desgraçada! **(GERA ENTRA)** Onde é que você vai, Gera? Não há ninguém em casa.
- GERA - Minha mãe estava precisando ...
- EUCLIÃO - De um pouco d'água? O poço secou.
- GERA - E depois ela queria ...
- EUCLIÃO - Um pouco de fogo? Está apagado e não pense reacendê-lo para vocês.
- GERA - A mamãe ...
- EUCLIÃO - O martelo, o prego, tudo os ladrões roubaram. Levaram tudo.
- GERA - Tudo mesmo?
- EUCLIÃO - Tudo!
- GERA - Pobrezinho do Sr. Euclião! É que mamãe queria também ...
- EUCLIÃO - Muitas coisas deseja a sua mãe e eu não tenho nada para dar. Caminhe, caminha! ...
- GERA - Onde é que o senhor vai correndo, assim?
- EUCLIÃO - Ao Forum.
- GERA - Para que?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0015, p.37

- EUCLIANO - Você e sua mãe não sabem que hoje fazem uma distribuição de dinheiro a todos os pobres ? Eu vou apanhar a minha parte. É justo, não ?
- GERA - O senhor ?
- EUCLIANO - Por que não posso ir? Você acha que sou rico ?
- GERA - Mas pobre também não é.
- EUCLIANO - Como não? Sou pobre e toda a gente sabe disso. Se não fosse pobre, em vez de ir pedir esmola, ficaria em casa, refestelado, aproveitando minha riqueza.
- GERA - Mas uma esmola ...
- EUCLIANO - Olhe só o orgulho desta! Uma esmola é uma esmola. Tudo serve para quem não tem nada.
- GERA - Que os deuses o ajudem!
- EUCLIANO - Também você e a sua mãe. Assim, vocês não mais virão pedir-me nada. Vocês são uns vizinhos a quem falta tudo ...
- GERA - Somos mais pobres que o senhor.
- EUCLIANO - Se vocês são pobres, eu sou paupérrimo! E agora vá para casa, que já é tempo!
- PASSANTE - Salve, Eucliano!
- EUCLIANO - Salva! É hoje!
- PASSANTE - Como vai ?
- EUCLIANO - Como pode ir um miserável ...
- PASSANTE - O que tem feito de bom ?
- EUCLIANO - Nada que tenha melhorado minha vida.
- PASSANTE - Os negócios, com vão ?
- EUCLIANO - Os meus negócios são só procurar negócios ...
- PASSANTE - E em casa, tudo bem ?
- EUCLIANO - Sim, sim, de saúde todos bem. Mas deixa-me ir embora tratar da vida. Não sei porque tanta gentileza ... Está se comportando como se um dia eu lhe pudesse dar alguma coisa. Pensa que guarde um tesouro em casa. Como vai ? Tudo bem ? É inútil aproximar-se, meu amigo. Eu sou pobre, entendeu ? Pobre! Pobre! Ah! (SAI)
- PASSANTE - Ah! ... O senhor não pode tratar-me assim. (SAI ATRÁS DELE)

ENTRAM EUNÔMIA E MEGADORO

- EUNÔMIA - Esteja certo, meu irmão: digo estas coisas todas no seu próprio interesse. Pode ser que você ache que falo demais. Não o condeno por isso. Nós, as mulheres, não podemos mesmo ficar quietas. Dizen até que nunca houve uma mulher realmente muda! ...
- MEGADORO - Mulher admirável! Dê-me sua mão.
- EUNÔMIA - Mas onde está a mulher admirável ?
- MEGADORO - Aqui, na minha frente.
- EUNÔMIA - Não senhor.
- MEGADORO - Se você diz que não, digo não, eu também.
- EUNÔMIA - O que você não deve é exagerar. Realmente não há uma mulher admirável, meu irmão. Cada uma é pior do que a outra.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0015, p 38

- MEGADORO - Não sou eu quem a vai contrariar.
- EUNÔMIA - Ainda bem, pois desejo que você siga o meu conselho; permita-me que lhe encontre uma esposa.
- MEGADORO - Ai de mim! Nem por sonho!
- EUNÔMIA - Por favor, Desejava tanto vê-lo com filhos...
- MEGADORO - Muito bem! Case-me, mas com uma condição: ela chega de noite e parte na manhã seguinte. E sabe por que? Porque uma noite seria eu a divertir-me; uma vida inteira, ela.
- EUNÔMIA - Deixe de brincar. Até já escolhi a noiva: meia idade e um grande dote.
- MEGADORO - Bonito! Um homem velho casa-se com uma mulher já passada! Se nasce um filho, como se chamará?
- EUNÔMIA - Sei lá ....
- MEGADORO - Pois sei eu. Se chamará: Póstumo! Querida irmã: a canseira de procurar esposa, deixe-a para mim. Graças aos deuses e aos nossos antepassados sou bastante rico. Não me interessam parentes influentes, os dotes, as pompas, o poder. São estas coisas que tornam um homem escravo.
- EUNÔMIA - Mas, então, com quem você gostaria de casar?
- MEGADORO - Euclião ...
- EUNÔMIA - Você quer casar com Euclião?!...
- MEGADORO - Deuses! Com a filha, naturalmente. É bela como um botão!
- EUNÔMIA - A filha de Euclião?! Que velho mais ousado!
- MEGADORO - Euclião, apesar dos pesares, é um bom homem.
- EUNÔMIA - Eu também acho, mas a filha...
- MEGADORO - É pobre. Que me importa? Gosto dela mesmo assim.
- EUNÔMIA - Você sempre foi meio doido. Que os deuses o ajudem!
- MEGADORO - Bem que eu preciso ...
- EUNÔMIA - Depois desta notícia ... vou indo.
- MEGADORO - Passe bem, minha irmã.
- EUNÔMIA - Você também. (SAI PELA ESQUERDA, ENQUANTO EUCLIÃO SURGE PELA DIREITA)
- MEGADORO - Vejamos se Euclião está em casa. Ei-lo que chega! Sabe-se lá de onde vem...
- EUCLIÃO - (RESMUNGANDO, CABEÇA BAIXA, À PARTE) Tudo mentira! Bem que eu desconfiava. No Forum, não havia uma alma, quanto mais dinheiro!
- MEGADORO - Salve, Euclião!
- EUCLIÃO - Boa sorte, Megadoro! (CONTINUA ANDANDO)
- MEGADORO - (CAMINHANDO ATRÁS DELE) Como tem passado? Bem? Feliz?
- EUCLIÃO - (RESMUNGANDO À PARTE) Hum! É rico e me cumprimenta assim. Um rico jamais fala com tanta delicadeza a um pobre! Aqui tem coisa... Este já soube do tesouro. Cuidado, Euclião...
- MEGADORO - Então, muita coisa boa?
- EUCLIÃO - Dinheiro, nem tan to. Definho, mas creio que os deuses estão comigo.
- MEGADORO - Que exagerado! Mas se não lhe falta nada... Por Felix! Quando alguém, como você, possui uma consciência pura, já tem tudo para ser feliz.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0015, p. 39

- EUCLIÃO - A êste a velha já soprou tudo. Quando chegar em casa, corto-lhe a língua.
- MEGADORO - O que é que você tanto murmura ?
- EUCLIÃO - Lamento a minha miséria. Já imaginou ? Uma filha moça e ninguém para querê-la?
- MEGADORO - Mas é tão bonita ... como não há de ter pretendente ?
- EUCLIÃO - Ai de mim! Não tenho dinheiro para dar-lhe um dote.
- MEGADORO - Vamos... não perca a esperança. Arranjaremos um marido para ela. Eu o ajudarei: nisto e em tudo o que precisar.
- EUCLIÃO - (À PARTE) Muita bondade... Deve querer qualquer coisa. Tem já a bôca agancarada para engolir-se o ouro. Quando o rico se faz de generoso, não confiem. São sanguessugas que, quando grudam, não largam mais.
- MEGADORO - (APROXIMANDO-SE) Escute-me, Euclião. Quero falar-lhe sôbre um assunto que interessa tanto a você quanto a mim.
- EUCLIÃO - (À PARTE) Não há dúvida. Roubou-me o tesouro e agora quer fazer um arranjo comigo. (DIRIGINDO-SE PARA A CASA) Garanto que não está mais lá.
- MEGADORO - Mas onde vai ?
- EUCLIÃO - Preciso ver uma coisa. Volto já.
- MEGADORO - Onde já se viu? Me largar aqui dêsse jeito! Tenho a certeza de que, quando lhe pedir a filha, pensará que estou brincando. Será que a miséria ajuda mesmo um homem a tornar-se mesquinho ?
- EUCLIÃO - Meu ouro está salvo! Um momento: antes que o perca! Então, Megadoro, eis-me aqui, que deseja você ?
- MEGADORO - Você vai responder-me francamente ao que lhe pedir.
- EUCLIÃO - Não me peça nada, porque eu não tenho nada para dar.
- MEGADORO - Sim, o que eu quero você tem.
- EUCLIÃO - Tenho? Eu?
- MEGADORO - Tem... tem...
- EUCLIÃO - Diga lá o que tenho. Não... não diga. Ninguém deve saber.
- MEGADORO - O que ?
- EUCLIÃO - Aquilo que você julga que eu tenho e que, em vez, não tenho.
- MEGADORO - O que eu quero você tem... Observe-a sempre...
- EUCLIÃO - (À PARTE) Por Hércules! Sabe tudo. Vou ver. (SAI APRESSADAMENTE)
- MEGADORO - Foi-se, outra vez... Euclião! Euclião! Que homem mais agitado!... Talvez não seja o melhor momento para lhe pedir a filha... Mas vou tentar.
- EUCLIÃO - (À PARTE) Não posso deixar de estar de olho aberto. Pelo jeito não vai sair de frente de minha casa.
- MEGADORO - Euclião! Euclião!
- EUCLIÃO - (APROXIMANDO-SE) Desculpe-me, uma necessidade...
- MEGADORO - Enfim, quer ouvir-me, ou não ?
- EUCLIÃO - Ouço, mas fale depressa! (COMEÇA A PASSEAR)
- MEGADORO - (ATRÁS DÊLE) Diga-me, o que pensa da minha família ?
- EUCLIÃO - Bem. (VOLTA-SE)

- MEGADORO - E de mim? (ATRÁS DÊLE) BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0015, p. 40
- EUCLIÃO - Bem. (VOLTANDO-SE)
- MEGADORO - E dos meus negócios? (ATRÁS DÊLE)
- EUCLIÃO - Assim... assim... (VOLTANDO-SE)
- MEGADORO - E de minha idade? Não responde?
- EUCLIÃO - Responde. (VOLTANDO-SE)
- MEGADORO - Então? (ATRÁS DÊLE)
- EUCLIÃO - (PARADO) Torne a perguntar.
- MEGADORO - Sobre a minha idade, o que pensa?
- EUCLIÃO - Que é abundante. E o seu dinheiro também.
- MEGADORO - Eu, pelo meu lado, sempre o julguei uma ótima pessoa. Um homem de bem. Um cidadão digno.
- EUCLIÃO - (À PARTE) Está chegando ao ponto. Já sentiu o cheiro do dinheiro. Sabe de tudo?... Sabe de tudo?... Sabe onde está o ouro! (VAI SAINDO)
- MEGADORO - Espere! Como você é nervoso (MEGADORO TENTA SEGURÁ-LO. EUCLIÃO O EMPURRA E ÊLE CAI)
- EUCLIÃO - Afinal, o que deseja?
- MEGADORO - Você sabe quem eu sou. E eu sei quem você é. Desejo casar-me com sua filha. Concorda?
- EUCLIÃO - Você acha justo caçoar de um pobre homem como eu?
- MEGADORO - Mas eu não estou caçoando. Seria incapaz de fazer isto.
- EUCLIÃO - Então, porque quer casar-se com minha filha?
- MEGADORO - Para que tudo seja melhor para você, para mim e para os seus.
- EUCLIÃO - O que eu penso e acho é que você é um homem rico e poderoso. Eu sou um homem pobre, paupérrimo; se eu casasse com você a minha filha, você ficaria como boi e eu como burro. Andaríamos atrelados um ao outro e como eu não pudesse suportar a mesma carga, lá ficaria eu deitado, como um burro, no meio da lama. Você, como boi, me trataria com desprezo, os de minha igualha trocariam de mim. Depois, se houver qualquer diferença entre nós, não terei estábulo onde entrar. Os burros vão despedaçar-me a dentadas e os bois irão atacar-me à cornadas. É muito perigoso tentar-se passar da classe dos burros para a dos bois.
- MEGADORO - O que importa é você ficar parente de gente honesta. Aceite minha proposta e dê-me sua filha.
- EUCLIÃO - Mas se não tenho dote para lhe dar, como posso pensar em casá-la?
- MEGADORO - Se ela tiver juízo, já é dote bastante. Case-a, que é melhor.
- EUCLIÃO - Mesmo sem dote?
- MEGADORO - Mesmo sem dote.
- EUCLIÃO - Está bem... (À PARTE) Esse barulho... Espere! Matam-me!
- MEGADORO - O que é que você tem, homem?
- EUCLIÃO - Você está ouvindo esse barulho de ferro, batendo sobre a terra? (CORRE PARA CASA)
- MEGADORO - Estão cavando no meu quintal.
- EUCLIÃO - (GRITANDO DA PORTA) Estáfile! Porque batia?

- BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0015, p. 41
- ESTÁFILA - Eu não batia.
- EUCLIÃO - E o que fazia ?
- ESTÁFILA - Nada.
- EUCLIÃO - Por que não fazia nada? Procurava alguma coisa ?
- ESTÁFILA - Eu... trabalhava...
- EUCLIÃO - Para dentro. (ESTÁFILA ENTRA. EUCLIÃO VOLTA ATÉ MEGADORO)
- MEGADORO - Mas o que é isso ? Vai-se embora e me deixa falando sozinho... Acha que, porque tenho idade, pode me manobrar ?
- EUCLIÃO - Longe disso...
- MEGADORO - Então: dá-me ou não me dá sua filha ?
- EUCLIÃO - Sem dote ?
- MEGADORO - Sem dote.
- EUCLIÃO - Se incumbe de tôdas as despesas do matrimônio ?
- MEGADORO - Tôdas.
- EUCLIÃO - Sem enxoval ?
- MEGADORO - Sem enxoval.
- EUCLIÃO - Neste caso, sim. Negócio feito.
- MEGADORO - Que os céus nos bendiga!
- EUCLIÃO - Nos bendiga ! Mas lembre-se: dote eu não dou.
- MEGADORO - Benditos deuses, já sei.
- EUCLIÃO - Eu sei bem como agem os senhores: aquilo que eu disse, não disse. Os compromissos se fazem segundo o interêsse do momento.
- MEGADORO - Então, não haverá discussão. Você se importaria se realizássemos casamento hoje mesmo ?
- EUCLIÃO - Sem dote.
- MEGADORO - Sim, Euclíão, vamos, sim, já entendi!
- EUCLIÃO - E concordou ?
- MEGADORO - Sim.
- EUCLIÃO - Repete.
- MEGADORO - Sim, pela última vez: sem dote! Vou preparar tudo. Adeus. Vou encontrar Estrobilo no mercado imediatamente. Oh! Fedra! Fedra! deusa de tôdas as deusas! (SAI)
- EUCLIÃO - A força que o dinheiro tem! Com certeza, já ouviu dizer alguma coisa a respeito do tesouro; por isso quer aparentar-se comigo. (GRITA Estáfila! Onde está você, (ESTÁFILA ENTRA) que já andou espalhando por toda a vizinhança que eu ia dar um dote a minha filha ?
- ESTÁFILA - Deuses! Eu não espalhei nada. Assim é que o senhor faz.
- EUCLIÃO - O que ?
- ESTÁFILA - Quando tem uma dúvida, fala tão cotto que a gente se confunde a ponto de confessar um erro que não cometeu. Por que o senhor é assim ? Por que ? ...
- EUCLIÃO - As suas lágrimas são poucas para tirar as manchas de sua consciência. Depressa! Mexa-se! Faça o que eu disse!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0015, p. 42

- ESTÁFILA - (CAMINHA, MAS DEPOIS PÁRA) O que foi que me disse ?
- EUCLIÃO - Você me faz sempre repetir tudo. Gosta de me fazer gastar o fôlego. Dei minha filha em casamento a Megadoro.
- ESTÁFILA - Qua a deusa Felicidade nos ajude! Não é possível! Como vai casá-la, as sim de repente ?
- EUCLIÃO - Caminhe. Vou até o mercado-sul, que é para não encontrar Megadoro, pois é capaz de querer dividir as despesas. Quando voltar, tudo deve estar pronto. Feche a casa. (Sai)
- ESTÁFILA - Não fale tanto que gasta o folêgo. Sim, sim pode ir em paz. Que hei de fazer agora ? Estamos à beira da perdição. Receio que venha por aí alguma tristeza e que eu tenha de esgotar toda a amargura. (SAI)
- LARE - (ENTRANDO) Como vêm, espectadoras, a armadilha está pronta. O casamento de minha protegida com o velho Megadoro está combinado. Mas o nó é iníquo e os deuses não permitirão que Imene una a velhice aos verdes a nos da juventude. Estejam a ver. O Lare, a quem foram oferecidos os ritos, grato vigia. (SAI).
- ESTRÓBILO - (ENTRANDO SEGUIDO DE DOIS ESCRAVOS) As compras já fizemos. Cozinheiros contratados! Mas confesso, meus amigos que estou muito admirado. Megadoro me ordenou para tudo dividir. Desta vez comprou por dois: se entra aqui, se entra ali... O tio do meu amo casa-se hoje.
- CONGRIÃO - Com a filha de quem ?
- ESTRÓBILO - Dêsse Euclião, seu vizinho. E mandou dar-lhe metade dos mantimentos e um cozinheiro.
- ANDRAZ - Então, é metade aqui, metade lá ?
- ESTRÓBILO - Sim.
- ANDRAZ - Mas o velho não podia pegar as despesas do noivado da filha ?
- ESTRÓBILO - Ora!
- CONGRIÃO - Mas, por que não paga ?
- ESTRÓBILO - Porque é mais sêco do que uma pedra pomes. Ouçam aqui: conta-se que, quando êle dorme, põe na boca um fole.
- CONGRIÃO - Para que ?
- ESTRÓBILO - Para não desperdiçar o fôlego. E tem mais: quando se lava, chora a água que gasta.
- CONGRIÃO - Quer dizer que, para êsse, não adianta pedir-se dinheiro para comprar-nos nossa liberdade.
- ESTRÓBILO - Por Hércules!! mesmo que você lhe pedisse a Foma, êle não lhe daria. Una vez, o barbeiro cortou-lhe as unhas e êle juntou todos os bocadinhos para levar consigo.
- ANDRAZ - Mas então é o mais sovina dos sovinas.
- ESTRÓBILO - Se é!... Outro dia, um falcão lhe roubou um pouco de polenta, pois êle correu ao juiz para acusar o falcão.
- CONGRIÃO - E o que disse o juiz ?
- ESTRÓBILO - Que o pássaro tinha voado e que o ar não é mais território grago. Eu poderia contar mil dessas estórias, se tivesse tempo. Mas agora preciso saber qual de vocês dois é mais ligeiro.
- ANDRAZ - Eu, sem comparação.



- ESTRÓBILO - Mas eu preciso de um cozinheiro e não de um ladrão.
- ANDRAZ - Eu falo como cozinheiro, não como ladrão!
- ESTRÓBILO - Sim, porque como ladrão você já falou bastante. E você, o que diz ?
- CONGRIÃO - Como na vê, sou.
- ANDRAZ - Um cozinheiro que só mete o pé na cozinha em dia de mercado. Um cozinheiro de ocasião. Um cozinheiro sem referência.
- CONGRIÃO - Olha quem fala ... Logo um que se chama Andraz para rinar com incapaz...
- ANDRAZ - E você, Congrião ?
- ESTRÓBILO - Quietos! Pegue o cesto maior e vá tratar do seu serviço.
- ANDRAZ - Pronto!
- ESTRÓBILO - E você, aquê outro!
- CONGRIÃO - Você não é nada justo. Eu fiquei com o cesto maior.
- ESTRÓBILO - Em compensação ele ficará com mais trabalho. Você vai para casa de Euclião.
- CONGRIÃO - Estróbilo, traidor, me manda à casa desse velho miserável. Se precisar de qualquer coisa, terei de fabricá-la.
- ESTRÓBILO - Fazer o bem é realmente tempo perdido.
- CONGRIÃO - Não sei que bem você me fez.
- ESTRÓBILO - Acha pouco mandá-lo para uma casa em que você conservará as mãos no devido lugar, porque não tem nada para você pagar. Anda, venha!
- CONGRIÃO - Vou.
- ESTRÓBILO - (BATENDO À PORTA DE EUCLIÃO) Estáfila! Abra a porta!
- ESTÁFILA - Quem é ?
- ESTRÓBILO - Eu, Estróbilo.
- ESTÁFILA - Que quer ?
- ESTRÓBILO - Que você deixe entrar o servo e as provisões para as núpcias. Magadoro mandou-me trazer estas coisas para Euclião.
- ESTÁFILA - São as núpcias de Tântalo. Nem vinho trouxeram.
- ESTRÓBILO - Virá mais tarde com o patrão.
- ESTÁFILA - Lenha, não temos.
- CONGRIÃO - Saída de casa, vocês têm ?
- ESTÁFILA - Cão! Acha que, para lhe dar de comer, devemos pôr fogo em tudo ?
- ESTRÓBILO - Deixem de conversa. Ao trabalho, que é melhor.
- ESTÁFILA - (A CONGRIÃO) Venha comigo.
- ESTRÓBILO - (DIRIGINDO-SE A ESTÁFILA) Entregue isto, em segredo, à bela Pedra, a mando de meu amo. Ah! Que dia! Mas que dia! (SAI)

IMPROPRIO  
ATÉ 14 ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0015, p-44  
II ATO

**EUCLIANO ENTRANDO COM UM SERVO**

- SERVO - Há horas ando atrás do senhor com êste cesto e não decide pôr nada dentro.
- EUCLIANO - Comprar, comprar... Você não fala em outra coisa, além de comprar, Não viu que no mercado não havia nada ?
- SERVO - Como nada, senhor ? Estava cheio de mercadoria ...
- EUCLIANO - Cheio... cheio de porcaria. É preciso saber gastar.
- SERVO - O peixe estava tão bom ...
- EUCLIANO - Caro.
- SERVO - Era fresco. Ainda estava vivo.
- EUCLIANO - Af está. Fazem-no comprar vivo, mas é vivo que você o come ? Não, você o come morto. Caro, muito caro.
- SERVO - Tinha carneiro...
- EUCLIANO - Caro. E estava morto.
- SERVO - E a vitela ?
- EUCLIANO - Cara.
- SERVO - E a carne de vaca ?
- EUCLIANO - Cara! Cara! Cara! Tudo caro! Mas de mim aqueles ladrões de comerciantes não tiram nada. Deixei-os plantados ali. Já meu avô dizia: Quem em festa desperdiça, por uma semana jejua.
- SERVO - Mas, e as provisões para a festa ?
- EUCLIANO - Eu as fiz. Sem ostentação, mas com dignidade. Comprei incenso para o Lara, a fim de que faça feliz minha filha!
- SERVO - E só ...
- EUCLIANO - Comprei também esta guirlanda para o Lara. Ele é o único a quem preciso agradar.
- SERVO - E a mim, não dá nada ?
- EUCLIANO - E por que haveria de dar ?
- SERVO - Por lhe ter carregado o cesto.
- EUCLIANO - Essa é boa! Ser pago por ter carregado um cesto vazio! Ladrão é o que você é!
- CONGRIÃO --- (DENTRO) Estáfila, trate de achar uma panela maior! Esta é pequena.
- ESTÁFILA - (DENTRO) Maior?! Procure, ora. Lá no fundo é capaz de ter uma.
- EUCLIANO - (AO SERVO) Ouça! Estrou arruinado! Estão levando a minha panela. Hércules, daí-me forças para correr, que não consigo sozinho dar um passo. A polo, ajudai-me! E você, também. (O SERVO EMPURRA-LO ATÉ A PORTA DA COZINHA. ESPIA PARA DENTRO E SAI CORRENDO COM O BARULHO)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0015, p. 45

- ANDRAZ - (SURGE DA CASA DE MEGADORO) Os peixes estão escamados e este galo mais depenado que um viajante assaltado em meio da estrada. Vou falar a Congrião. Mas, o que é isso? Que confusão! Acho que deu briga por aqui. É melhor voltar depressa, antes que o mesmo aconteça na outra casa.
- CONGRIÃO - (SAINDO CORRENDO DA CASA DE EUCLIÃO) Queridos patrícios, vizinhos, estrangeiros e forasteiros! Abram alas que eu preciso fugir! Acabo de sair de um hospício. Jamais vi coisa igual! O velho caiu sobre mim com a fúria de um atleta ofendido. Estou ferido, morto! Onde está Estrobilo que me trouxe para cá? Onde está ele?
- EUCLIÃO - (APARECENDO) Anh! Anh! Pensou que podia fugir? Pare! Nem mais um passo.
- CONGRIÃO - O que foi que eu fiz, velho louco?
- EUCLIÃO - Vou te mandar prender.
- CONGRIÃO - Por que?
- EUCLIÃO - Porque você anda de facão.
- CONGRIÃO - Mas o facão é utensílio de cozinheiro.
- EUCLIÃO - Então, por que me ameaçou há pouco com ele?
- CONGRIÃO - Para me defender.
- EUCLIÃO - Você é, sem dúvida, o maior patife da Terra e como eu gostaria de lhe bater ...
- CONGRIÃO - Só queria saber por que? Por que?
- EUCLIÃO - Você ainda pergunta? (LEVANTA O BASTÃO)
- CONGRIÃO - Olhe, estou aqui para seu próprio bem.
- EUCLIÃO - Será meu bem ter estranhos na minha casa, xeretando minha vida?
- CONGRIÃO - Vim lhe preparar a coisa nupcial.
- EUCLIÃO - E que importa a você que se coma crú ou cozido?
- CONGRIÃO - Esta é pior do que eu pensava. O azar sempre ajuda quando quero trabalhar ...
- EUCLIÃO - (RESMUNGANDO À PARTE) O melhor é deixá-lo entrar e tratar de ficar com o tesouro junto de mim. Afinal... é só um dia. (ALTO): Está bem seus espertalhões: podem entrar, mas, aí de vocês, se levantarem os olhos da panela!
- CONGRIÃO - O velho é louco! Para mim, chega! Escute, velho sovina: se quiser, vá cozinhar o senhor mesmo. (SAI)
- EUCLIÃO - (SÓ) Que alívio vê-los pelas costas! Mas é bem feito para mim. Quem me mandou meter-me com um homem rico? As armadilhas já começaram.
- MEGADORO - (ENTRANDO) Oh! As vantagens que se tem em se casar com uma jovem bela e pobre são incontáveis! Hai de tê-la sempre perto e humilde a meu lado. E nunca, sim, nunca a ouvirei reclamar jóias e vestidos, como desculpa de que trouxe um bom dote. Realmente, tive grande sorte! ...
- EUCLIÃO - (À PARTE) Já me viu e faz esse discurso, de propósito.
- MEGADORO - Salve, Euclião!
- EUCLIÃO - (À PARTE) Eu não disse?
- MEGADORO - Vim procurá-los para bebermos juntos.



- EUCLIÃO - Hoje não porei uma gota de bebida em minha boca.
- MEGADORO - Não faça isso. Já mandei preparar um bom vinho velho.
- EUCLIÃO - (À PARTE) Bom seria se não o conhecesse. Usa esse artifício para me adormecer, pegar minha marmita e fazê-la mudar de endereço.
- MEGADORO - Por que fala tanto sozinho ?
- EUCLIÃO - Desta vez estava censurando-o.
- MEGADORO - A mim ?
- EUCLIÃO - Sim; mandou para minha casa quinhentos cozinheiros, tendo cada um delas seis mãos e olhos espalhados pelo corpo todo. Mas afinal, o que de seja ?
- MEGADORO - Preparar uma bela ceia.
- EUCLIÃO - Em minha casa, nada de ceia, nada de vinho. Lá só se bebe água.
- MEGADORO - Pois hoje, eu juro que você se embriagará, maldito bebedor de água! Mas, agora, como não quer fazer-me companhia, vou aproveitar o tempo e purificar-me no templo. Adeus.
- EUCLIÃO - (CORRENDO PARA CASA) Ah! Marmita querida! Quantos a cobiçam! Onde a le varei ? (ENTRA EM CASA)
- ESTRÓBILO - (ENTRANDO) É dever de um bom escravo fazer o que fiz e obedecer imediatamente. O escravo deseja servir a seu amo com devoção, até em sonhos, sacrifica seus próprios interesses por aqueles de seu senhor. Meu amo Laconidas já sabe do plano do tio. Mandou-me aqui só vigiar, enquanto tomo outras providências. Mas, que vejo ? O velho Euclião! Observemos o que vai fazer.
- EUCLIÃO - É... O melhor será levar o tesouro para o templo da Fidelidade. Mas a Fidelidade sabe tão bem fiel sou eu mesmo, os outros não sei não ... O melhor talvez seja mesmo não tirá-lo daqui. (VOLTA PARA GUARDAR O TESOURO)
- ESTRÓBILO - O que é que estou ouvindo ? Então o velho tem um tesouro... Oh! Deus Fidelidade! Não seja mais fiel a êle que a mim! Mostre-me onde está ês se ouro todo, que tanto jeito dava em minha vida! (APROXIMA-SE PÉ ANTE PÉ DA CASA)
- EUCLIÃO - (SAINDO DA CASA) Ah! vil inseto! O que faz à porta da minha casa! Não foi à toa que o corvo cantou em minha orelha esquerda! Era você que vinha me desgraçar ? Mas receberá uma boa lição!
- ESTRÓBILO - Que loucura lhe subiu à cabeça ? Eu não tenho nada a ver com o senhor. Com que direito quer me bater ?
- EUCLIÃO - Ainda pergunta, seu ladrão? "Seu" tríplice ladrão! Trate de largar isso já!
- ESTRÓBILO - Por Polix! Que devo eu largar ?
- EUCLIÃO - O que tem na mão ?
- ESTRÓBILO - Não tenho nada.
- EUCLIÃO - Mostre. A outra. E a terceira, onde pôs ?
- ESTRÓBILO - Que terceira, enlouqueceu ?
- EUCLIÃO - E a roupa, tire a roupa, que eu quero ver!
- ESTRÓBILO - O senhor quer me ver, mas eu não tenho nada para lhe mostrar, já disse!



EUCLÍÃO - Vá até a casa de Megadoro e me espere lá. (ESTRÓBILO OBEDECE EUCLÍÃO ENTRA EM CASA). Depois dessa aprendi a não confiar nem na Fidelidade! O melhor é esconder meu tesouro onde descansam os mortos. Estará mais seguro ali o meu querido. (ESTRÓBILO SAI DA CASA DE MEGADORO E VEM ESPIAR EUCLÍÃO POR ALGUM TEMPO. DEPOIS VOLTA A CASA DE MEGADORO)

EUCLÍÃO - (SAINDO DE CASA) Estróbiloz

ESTRÓBILO - Pronto, senhor!

EUCLÍÃO - Suma!

ESTRÓBILO - Num instante! (SAI, FALANDO À PARTE) Eis-me são e salvo! A deusa Fortuna me acompanha. Estou seguro que o velho tem um tesouro escondido. Agora é só segui-lo e descobrir onde se encontra. (ESCONDE-SE ENQUANTO EUCLÍÃO SAI CAUTELOSAMENTE. ESTRÓBILO SEGUE-O, E, À PARTE, FALA) Na verdade vou receber algumas pauladas do meu amo pela minha desobediência. Mas o resultado vale bem o castigo. (SAI)

#### ENTRAM LICÔNIDAS E EUNÔMIA

LICÔNIDAS - Foram os deuses que me puseram no seu encontro, a caminho daqui. Agora que já lhe contei tudo, peça que me ajude, minha Mãe. Eu amo Fedra. Como posso permitir que meu velho tio a tome por esposa?

EUNÔMIA - A situação é delicada, porque seu tio, apesar de bom homem, enamorou-se pela moça. Acha que não encontrará nenhuma outra tão virtuosa como Fedra e não desistirá dela facilmente.

LICÔNIDAS - Aí está. Vamos provar a meu tio que Fedra não é tão virtuosa, como ele pensa.

EUNÔMIA - Não é virtuosa? E você pretende casar-se com ela?

LICÔNIDAS - Só na aparência. Ela hoje fugirá de casa. Todos pensarão que foi comigo, mas, na realidade, estará bem segura a seu lado; a honra salva.

EUNÔMIA - Que complicação! ... Como sabe que ela aceitará a sua idéia?

LICÔNIDAS - Está tudo combinado com a velha Estáfila. Esperam apenas o meu sinal.

EUNÔMIA - Bem mais depressa anda a mocidade de hoje, que aquela do meu tempo.

LICÔNIDAS - Minha mãe, por favor, ajude-me!

EUNÔMIA - Pois seja. Afinal, eu sempre faço o que você quer e... se me diz que a ama... No fundo, acho que seu tio ia fazer uma grande loucura com esse casamento.

LICÔNIDAS - Oh! Bem aventurado seu eu, que possuo, por mãe, a mais compreensiva das mulheres! Se Estróbiloz me obedeceu, tudo deve estar preparado. Ao trazer as compras do meu tio, devia ter dado a Estáfila um certo recado. Espere-me aqui; só queria saber onde se escondeu o patife. (GRITANDO) Estróbiloz! Oh! Estróbiloz! (PARA A MÃE) Não está. Essa agora...



- EUNÔMIA - Com certeza descobriram tudo e êla foi prêso. Oh! Meu filho! Entregue seu destino aos deuses e vamos embora. Tenha pena de mim, pois não tenho mais idade nem posição para meter-me em tais aventuras.
- LICÔNIDAS - Não! É minha vida que está em jôgo. Espere um pouco, lhe suplico. Eu mesmo vou lá dentro ver o que há.
- EUNÔMIA - Oh! Deuses! Até onde pode levar o amor de mãe! Eis-me aqui, como uma qualquer, raptando a prometida do meu irmão para casar-se com meu filho! ( À PARTE ) Êle está demorando... O faço? Vou-me embora, espero ou espio?
- LICÔNIDAS - ( APARECE COM FEDRA E ESTRÓBILO ) Ei-la, minha mãe, a jovem que amo.
- FEDRA - Minha mãe! Meus filhos a bendirão...
- EUNÔMIA - ( EMPURRANDO A AMBOS ) Está bem, está bem. Deixamos as palavras para depois. Agora é sair daqui, o mais depressa possível, e esperar as conseqüências.
- ESTRÓBILO - ( À PARTE ) Conseqüências! Eu que o diga! Tenho pra mim que, desta vez, o velho me corta a língua e me manda enforcar, tudo ao mesmo tempo! ( SAI )
- ESTRÓBILO - ( ENTRANDO ) Oh! É maravilhoso! Eu tenho sôzinho mais riquezas que os Pies que habitam as montanhas de ouro. Sim, porque eu falo dêles e não de vós, reis, que não passam, a meu lado, de pobres mendigos coroados. Que belo dia! Bem fiz eu de seguir o velho Euclião. Trepado num cipreste do cemitério, pude ver muito bem em que cova guardava êle o seu tesouro! Mais é maravilhoso!
- EUCLIÃO - Pega ladrão!
- ESTRÓBILO - Deuses! É êle! É preciso esconder depressa a minha descoberta.
- EUCLIÃO - Oh! Fidelidade! Fidelidade! Traidora! Estou perdido! Estou morto! Assas sinaram-me e eu não tenho mais para onde ir. Agarrem, agarrem o ladrão! Onde está êla? Oh! Eu não sei... Não sei nada... Perdi o rumo da minha vida... Como descobrir outra coisa pela qual viver? Porque es tão sempre roubando o motivo de viver dos outros?! ( DIRIGINDO-SE À PLATÉIA ) Vocês, que estão aí, ajudem-me! Venham em meu socorro! Preciso reencontrar a razão da minha vida. Mostrem-me aquêle que me roubou. Ah! Vocês não podem? Ah! Vocês se escondem sob uma túnica branca e tomam ares de gente honesta... O que é que você tem a me dizer, heim? Você, aí! Eu posso confiar em você? Sim, porque jeito de honesto você tem. Quem foi que riu? Todos, não é? Vocês não me enganam. Aqui estão muitos que gostam de esconder lodos... Eu vou morrer de fome, mas isto pouco lhes importa e ainda riem de mim... Infeliz que sou eu!...
- LICÔNIDAS - ( ENTRANDO ) Por Polix! É Euclião quem se amaldiçoa assim em praça pública? Pobre homem, chora a filha, que julga desonrada, Euclião, por que chora assim?
- EUCLIÃO - Porque sou um desgraçado!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0015, p. 49

- LICÔNIDAS - Mais desgraçado sou eu!
- EUCLIÃO - Não! Eu sou o mais desgraçado! Pois não tem saída o abismo em que caí.
- LICÔNIDAS - Não se desespera assim.
- EUCLIÃO - Diga-me, então, como sair do desespero ?
- LICÔNIDAS - O responsável pela sua desgraça sou eu, confesso.
- EUCLIÃO - Que é que estou ouvindo ?
- LICÔNIDAS - A verdade.
- EUCLIÃO - Não é possível. Que mal lhe fiz eu para me tratar assim e arruinar a mim e a minha filha ?
- LICÔNIDAS - Foram os deuses que me empurraram até ela.
- EUCLIÃO - O que ?
- LICÔNIDAS - Não tinha outro caminho a seguir. Primeiro, o senhor a escondeu de todos; depois, de repente, resolveu, tirá-la de casa... Perdoe-me, suplico-lhe.
- EUCLIÃO - Quer dizer que você teve a coragem de tocar no que não era seu ?
- LICÔNIDAS - Está tal qual a tirei daí.
- EUCLIÃO - Então, por que a levou consigo ?
- LICÔNIDAS - O amor... caro senhor Euclião.
- EUCLIÃO - Deslavado! Quer dizer que, para você, o amor desculpa tudo ?
- LICÔNIDAS - Mas se eu já lhe disse que estou disposto a reparar minha falta.
- EUCLIÃO - Não gosto de gente que faz o mal e vem, em seguida, pedir desculpas. Você devia era não ter tocado nela.
- LICÔNIDAS - Mas uma vez que toquei, a guardarei para sempre.
- EUCLIÃO - É louco! O rapaz é louco! Roube dêsse jeito, nunca vi! Vou acusá-lo no Fórum!
- LICÔNIDAS - Mas que vantagem teria em tornar público, um fato que deve ficar entre nós ?
- EUCLIÃO - É verdade. Todos saberiam e ainda era pior. Está bem. Devolva-me a marmitta e eu lhe darei a metade do ouro.
- LICÔNIDAS - Que marmitta? Que ouro ? Eu venho procurá-lo para uma coisa bem mais importante do que marmitta e ouro.
- EUCLIÃO - Não, não é possível! Não foi o ladrão ?
- LICÔNIDAS - Por quem me toma o senhor ? Se minha Família, nem eu, somos conhecidos seus, eu lhe direi agora que Megadoro é meu tio, Antinaco foi meu pai, Eunómia é minha mãe e que eu me chamo Licônidas.



- EUCLIÃO - E daí? Não sei o que poderá querer de mim.
- LICÔNIDAS - O senhor tem uma filha.
- EUCLIÃO - Ela está em casa.
- LICÔNIDAS - O senhor, creio, prometeu-a em casamento ao meu tio.
- EUCLIÃO - É verdade.
- LICÔNIDAS - Pois bem. Ele me ordenou dizer-lhe que renuncia à sua mão.
- EUCLIÃO - O que?! Ele renuncia à minha filha no momento em que tudo está pronto e em que perdi a minha marmita? Ah! A minha marmita! Tenho de procurá-la! Que todos os deuses e todas as deusas do Olimpo o confundam! Foi e le a causa de todos os meus males!
- LICÔNIDAS - Tenha coragem, bom homem, e não o maldiga. Outra ventura maior está pa ra chegar.
- EUCLIÃO - Ventura... Ah!
- LICÔNIDAS - Eu tenho uma confissão a lhe fazer.
- EUCLIÃO - Ah!
- LICÔNIDAS - Conheci sua filha durante as festas de Ceres, amei-a e ultrajei-a rap-tando-a.
- EUCLIÃO - Mentiroso! Minha filha está em casa.
- LICÔNIDAS - Não. Sua filha está em minha casa.
- EUCLIÃO - Deuses! Que crime me ousa confessar!
- LICÔNIDAS - Por que se desespera, assim? Eu amo sua filha e vou desposá-la.
- EUCLIÃO - Estou perdido. Todas as desgraças caem sobre mim. ( VAI PARA CASA ) La-re! La-re! Isso não se faz!...
- LICÔNIDAS - Vá, senhor, dizer suas preces ao bom Lare de sua casa. Ele lhe dirá que sua filha está muito feliz.
- EUCLIÃO - Que assim seja.
- LICÔNIDAS - Eu logo entrarei também. ( SÓ ) Tudo parece correr bem. A única coisa que me intriga é a ausência de Estróbilo. ( SAI )
- ESTRÓBILO - ( ENTRANDO ) Deuses imortais! De que venturas sinto-me coberto! Eis-me dono de uma marmita cheia de ouro, escondida em bom lugar! Haverá ou-tro homem em Atenas para quem os deuses tenham sido mais benevolentes! Ah! ...
- LICÔNIDAS - ( ENTRANDO ) Conheço esse grito.
- ESTRÓBILO - Será o meu mestre, quem vejo?
- LICÔNIDAS - E será meu escravo, quem encontro?



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0015, p. 51

- ESTRÓBILO - Ele, em pessoa.
- LICÔNIDAS - Só mesmo a felicidade que me domina faz-se perdoar a sua desobediência.
- ESTRÓBILO - ( À PARTE ) Se ela está feliz, por que não contar-lhe a minha rica des coberta ? É o momento justo para pedir-lhe a minha liberdade, Senhor , se soubesse o que encontrei...
- LICÔNIDAS - Que foi ?
- ESTRÓBILO - Não é nada parecido, com êsses tesouros que fazem gritar de alegria as criancinhas.
- LICÔNIDAS - É mais uma brincadeira de mau gosto ?
- ESTRÓBILO - Desta vez, não, Senhor, escute aqui: encontrei riquezas imensas.
- LICÔNIDAS - Onde ?
- ESTRÓBILO - Dentro de uma marmita.
- LICÔNIDAS - O que é que você está dizendo ?
- ESTRÓBILO - Eu a surrubei do velho Euclíao.
- LICÔNIDAS - Onde é que está o ouro ?
- ESTRÓBILO - No fundo da terra.
- LICÔNIDAS - Fale claro, que a hora não é para brincar.
- ESTRÓBILO - Estou vendo e estou arrependido.
- LICÔNIDAS - De que ?
- ESTRÓBILO - De ter brincado .
- LICÔNIDAS - Quando ?
- ESTRÓBILO - Quando falei da marmita. Fiz isso só para experimentar o senhor. Francamente, estou decepcionado. Quer dizer, que, se eu o tivesse mesmo em contrado, o meu patrãozinho já se aprontava para tirá-lo de mim, heim?!
- LICÔNIDAS - Não escutarei mais suas idiotices. Devolva-me o ouro, agora!
- ESTRÓBILO - Devolver-lhe o ouro ?
- LICÔNIDAS - Devolva-me, já disse. Devo entregá-lo ao verdadeiro dono.
- ESTRÓBILO - E, de onde vou tirar êsse tal ouro ?
- LICÔNIDAS - Você não acabou de confessar que o havia achado e enterrado ?
- ESTRÓBILO - Ora, meu senhor! Então ainda não me conhece? Não sabe como eu adoro u-  
ma boa brincadeira ?
- LICÔNIDAS - Dê-me o ouro, que eu conheço pela sua cara, quando está mentindo.



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0015, p.52, 52

ESTRÓBILO - Está bem. Não acredita em mim... Pois então pode me matar de pancada , mas eu não direi nem mais uma palavra. ( DEITA-SE ) Estou morto! Morto entendeu ? Morto !...

LICÔNIDAS  
ESTRÓBILO - OS DOIS PARAM ESTÁTICOS, LICÔNIDAS COM O BRAÇO LEVANTADO PARA BATER-LHE, ENQUANTO ENTRA, PELO OUTRO LADO, LARE

LARE - O que se passará depois, eu não sei. O que pensam vocês ? Mesmo como Lare acho-me confuso. Afinal, com o tesouro eu pretendia dar felicidade a Pedra. Ela já a encontrou. Euclião, como todos os mortais, não me receu o que os deuses lhe entregaram. Talvez com Estróbilos, o tesouro esteja em melhores mãos.

Acho que não vou mais intervir na existência dessa gente. Deixarei à própria Vida a incumbência de resolver tudo. No momento o que resta é o silêncio, uma vez que Estróbilos jurou não mais abrir a boca.

F I M

\* \* \*

PROC.-	106
LIV.-	01
PAG.-	42
REG.-	1338

MJ - DPF - DCDP	
ARQUIVO	
M.º PROTOCOLO:	35702
PRACA:	CURITIBA - PR
JÁ LIBERADA:	Sim
IMPROPRIEDADE:	14/abr
N.º CERTIFICADO:	1338
TÉRMINO VALIDADE	1/19

FULULÁRIA (A COMÉDIA DA PANELA)

PLANTO

MJ-DFP-SRA/BSB  
FICHA DO

25 JUN 08 58 75 S. A. DCDF 035702

Curitiba, 20 de junho de 1975.

RECEBIDO POR:

*Raf*

2

*W*

*Natal*

*Do ayuntamiento  
verificar e provid.  
em 23.6.75*

Ilmo Sr.  
Diretor do Departamento de Censura Federal  
Departamento de Polícia Federal  
Brasília, DF

Prezado Senhor:

Estamos encaminhando em anexo três exemplares do texto *Aululária* (A Comédia da Panela), de Plauto, para fins de censura.

Atenciosamente

*Jorge de Souza Teles*  
Jorge de Souza Teles.  
Diretor

Grupo de Atividades Dramáticas do Teatro do Paiol  
A/C. Jorge de Souza Teles  
Rua XV de Novembro, 556 - 16º andar, Caixa Postal 1539  
Centro, Curitiba. 80 000

ROGERIO NUNES  
Diretor de DCDF



*Sociedade Brasileira de Autores Teatrais*

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920  
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores  
Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO  
Rio de Janeiro — Brasil.

3  
Vee

Rio de Janeiro , 9 de Junho de 19 75

Ilmo. Sr.  
Diretor do Departamento de Censura Federal  
(Departamento de Polícia Federal)  
Brasília D F

Saudações atenciosas:

Com a presente, temos a satisfação de encaminhar a V. Sa.  
para fins de CENSURA, tres copias da peça

AULULARIA (A COMEDIA DA PANELA)

Original de PLAUTO

Tradução de Agostinho Silva

Próxima apresentação de Grupo Atividades Dramáticas Teatro Paiol

Teatro Teatro Paiol Cidade Curitiba

Estado Paraná

A estréia está prevista para 1a. quinzena de Agosto

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a devida consideração,

Pela SBAT,

*Guym Gatto Mendes*

-5-

- ESTÁFILA: -Pala, meni. Temos que agir depressa porque daqui a pouco Gene-  
roso está de volta.
- FEDRA: - (Arregalando muito mais os olhos) - Estáfila.
- ESTÁFILA: - Ai essa agora, Estáfila, Estáfila, Estáfila. Meu nome é mel? Que  
bicho te mordeu? Engasgou com que? ...
- FEDRA: - (Rindo e gaguejando) - Estáfila, Acho... acho... acho que já está  
na hora.
- ESTÁFILA: - (Rindo) - De verdade?
- FEDRA: - De verdade. É igualzinho como você falou.
- ESTÁFILA: - Ah, agora é que tudo se embananou. Mas enfim, toca a agir. Vou es-  
quentar água e chamar umas amigas. Eu mesma vou te ajudar a  
ter esse menino? Megadoro que esperarei mais alguns dias se qui-  
ser. E não vai nem ter o trabalho de fazer filhos. Casa e já é  
pai. E eu acho que ele vai se chamar Leonidas. Teu pai que bufe  
e chore, nem eu, em você, nem o menino temos nada com isso. Va-  
mos.
- FEDRA: - Mas como sabe que é um menino?
- ESTÁFILA: - Ora, pois não havia de saber? Aprendi com minha avó. Nunca fa-  
lhei: barriga bicudã, menino. Barriga redonda, menina. Barriga qua-  
drada, gêmeos. Vamos, vamos.  
(Saem)

## A T O I I I

- CRIADO: - Meu amo quer que eu reparta todos em duas porções. Pois é. Ele  
se casa hoje com a filha de Generoso e mandou que lhe desse  
metade dos mantimentos e alguns escravos.
- GOROROBA: - O que? Quer dizer que este velho não quer pagar a comida do ca-  
samento da filha?
- CRIADO: - Só te digo que a pedra pomes não é tão seca como aquele velho  
avarento.
- GOROROBA: - Mas é bem assim como você diz?
- CRIADO: - Hum. Anda sempre a clamar por deuses e por homens e a dizer  
que perdeu tudo e que está liquidado se lhe sai dos tições um  
bocadinho assim de fumo. Imagine que quando vai dormir tapa a  
tê o buraco do fole.
- GOROROBA: - Mas por que razão?
- CRIADO: - Ora, para que, enquanto dorme, não se perca nem um bocadinho de  
vento.
- GOROROBA: - Quer dizer que enquanto dorme ele tapa até o buraco do debai-  
xo para não escapar nem um bocadinho de vento?
- CRIADO: - Mas você não acredita em mim?
- GOROROBA: - Pois eu acredito.
- CRIADO: - E quer saber mais? Palavra que quando se lava até a água que  
se perde ele lamenta.
- GOROROBA: - Você acha que ele nos daria algum dinheiro para comprar a nos-  
sa liberdade?
- CRIADO: - Por Hércules, mesmo que você fosse pedir a fome, ela não te da-  
va. Outro dia o barbeiro cortou-lhe as unhas, pois andou a jun-  
tar e levou para casa todos os pedacinhos.
- GOROROBA: - Poxa. Isto sim que é ser um velho pão-duro.
- CRIADO: - Uma vez um gavião entrou em sua casa e roubou-lhe um pedaço  
de carne. Pois o homem veio a ter com o juiz a chorar, desfeito  
em lágrimas, soluçando, pedindo que lhe fosse possível citar o  
gavião em juízo. Se eu tivesse tempo contava inúmeras coisas  
de que me lembro. Bom, chega de papo furado. Mas qual das duas é  
a mais inteligente?
- GOROROBA: - A melhor sou eu.
- CRIADO: - Olha que eu estou a pedir uma cozinheira e não uma ladrona.
- GOROROBA: - Pois é uma cozinheira que eu digo. Cozinheira de mão-cheia.
- CRIADO: - (a Tagarela) - E você o que diz?
- TAGARELA: - Eu sou o que você vê.
- GOROROBA: - Ela é uma cozinheira de acaso. Cozinha de nove em nove dias...

# TEATRO

4  
Val

TÍTULO MULULÁRIA

1) S. ARQUIVO

Documentação EM ORDEM

Clas. Anterior 14 anos

Praça C. WRITIBA - PR

Obs.: \_\_\_\_\_

DF. 25 / 06 / 75

*[Signature]*  
Chefe Seção Arquivo

4) SERVIÇO DE CENSURA

*[Large handwritten mark]*

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura \_\_\_\_\_

Técnico de Censura \_\_\_\_\_

Técnico de Censura \_\_\_\_\_

Data para Exame de \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_ a \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

DF. \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

*De acordo com o parecer nº 5779-75, encaminhado à Seção de Expedientes, para emitir certificado de impropriedade de até 14 anos, com um corte a pag. 5. Violância, condicionado ao exame do ensaio geral. 2- A consideração do Sr. Chefe do S.C. e*

*Jan/27-06-75*

*[Signature]*  
Flortaldo de Carvalho Queiroz  
Subst. Chefe da Seção de Censura de Teatros e Conferências / SC

5) Diretor da D. C. D. P.

**LIBERE-SE**

na forma do parecer

Em, 30 / 06 / 1975

*[Signature]*  
Rogério Nunes



PARECER Nº

5979/75

TÍTULO: "AULURÁRIA - A COMÉDIA DA PANELA" Peça Teatral de Plauto - tradução de Agostinho da Silva

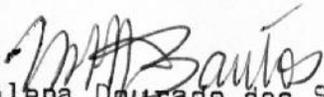
CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14 anos - com corte.

- C O N F R O N T O -

No exame procedido no confronto, constatamos que houve a introdução de um longo trecho, no qual sugerimos um único corte, pois sem essa frase não alterará o conteúdo da estória. Por essa razão sugerimos a liberação da peça, bem como a manutenção da classificação anterior, que é impróprio para menores de 14 anos, ficando condicionada a ensaio geral.

CORTE: Página nº 05.

Brasília, 27/06/75

  
Maria Helena Dourado dos Santos

010775

516/75 SCTG/SG/DCDP

Superintendente Regional do DPF no Paraná

AULÁRIA ( COMÉDIA DA PANELA)

PLAUTO

Superintendente:

Curitiba - PR

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE

PR.TEA.PTE.

AULULARA

PLAUTO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0015, p.60

GRUPO ATIVIDADES DRAMÁTICAS TEATRO PAIDL - RJ -

27 JUNHO 75

PROIBIDO PARA MENORES DE 14 (CATORZE) ANOS. CONDICIONADO  
AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO  
ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCOP. ....

REQUERENTE: JORGE DE SOUZA TELES

27 JUNHO 75  
*[Handwritten signature]*

*[Handwritten signature]*  
PROIBIDO  
MANDEL FRANCISCO C. GUIDO  
20 ANOS  
mhf

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0015, p.01

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

1338/75

AULULARIA ( A COMÉDIA DA PANELA)

PLAATO

27 JUNHO

27 JUNHO

*Rogério Nunes*  
ROGÉRIO NUNES

80

75

PROIBIDO PARA  
MENORES DE  
QUATORZE ANOS



J-DFP - SRA/BSB



Serviço Público Federal  
Departamento de Polícia Federal  
Superintendência Regional no Paraná

AGU 1462 046520

*Antônio*

0106

FICHADO  
S. A. DCDP

OF. Nº 1879/75-SCDP/SR/PR

Em 11 de agosto de 1975.

Do Superintendente Regional do DPF no Estado do Paraná

Ao Ilmº. Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas.

Assunto Relatório (remete)

*De ordem  
AO Arquivo.  
Em 14.8.75  
[Assinatura]  
Urs. Ev. Su. V. Adm.*

Senhor Diretor,

Em anexo, estamos remetendo a V. Sª. o relatório referente ao ensaio-geral da peça teatral denominada "AULULÁRIA", de autoria de Plauto, levado a efeito dia 05 de agosto do corrente ano, procedido pelo Técnico de Censura, Francisco Surek, em exercício no SCDP/SR/PR.

Valemo-nos do ensejo para renovar a V. Sª. as manifestações de estima e subido apreço.

*Divaldo P. de Oliveira*  
Bel. Divaldo Pacheco de Oliveira.  
Superintendente Regional do DPF/SR/PR.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARANÁ

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS/SR/PR

R E L A T Ó R I O

Em obediência aos termos do ofício nº 516/75-SCTC /SC/DCDP, de 01 de julho de 1975, procedemos, na Capital do Estado/ do Paraná, ao ensaio-geral de peça teatral.

Título da peça: "AULULÁRIA".

Autor: Plauto.

Diretor: Jorge Teles.

Elenco: Grupo do Paiol.

Local da encenação: Teatro do Paiol.

Nº do Certificado: 1338/75.

Classificação etária: Proibida para menores de / 14 anos.

Titus Matus Plautus tece a comédia da panela de ouro na peça "AULULÁRIA" em que o pecunioso ancião, vítima da avareza, suspeita das atitudes mais casuais dos amigos, visto acreditá-los atormentados pelo mesmo pecado capital.

Jorge Teles, após procurar assimilar a ideação do comediógrafo latino, responsabiliza-se pela orientação dos onze personagens amadores dos quais obtém disciplinado espetáculo, sem introduções de novos termos ou cenas descabidas. No palco livre de cenários e móveis, o elenco ostenta espessa maquilagem, à guisa de máscaras, e usa indumentária semelhante a que estava em voga há milênios. Os diálogos entre os comunicadores se sucedem solene e pausadamente em consequência dos quais resulta um espetáculo de cem minutos, que satisfaz os requisitos estabelecidos para liberações de peças proibidas para menores de 14 anos.

Curitiba-PR, em 11 de agosto de 1.975.-

  
FRANCISCO SUREK

Técnico de Censura do SCDP/SR/PR.

Rec  
Lindo  
Folha

1338

P 106

P. 106



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0015, p. 69.

AULULARIA	DISTRIBUIÇÃO
AUTOR PLAUTO	
TRADUÇÃO - PROFA AIDA COSTA	

M. J. - D. P. F.  
SERVIÇO CENSURA DE  
DIVERSÕES PÚBLICAS  
RECEBIDO NA T.C.T.C.  
EM 4-06-62

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

PLAUTO

AULULARIA

PEQUENA  
BIBLIOTECA  
DIFEL

AULULARIA

Tito Mácio Plauto nasceu em Sarsina, Úmbria, cerca de 254 a. C. Quando jovem foi ator e, como tal, ganhou dinheiro suficiente para especular no comércio marítimo, no que não foi feliz, vendo-se forçado a exercer mister dos mais humildes a fim de garantir a sua sobrevivência. Seu contato com o teatro, levou-o, ao redor dos trinta anos, a escrever algumas peças que, aceitas com entusiasmo pelo público, constituíram o início de fecunda e festejada carreira literária cuja fama alcançaria os nossos dias.

Como Lívio Andronico, seu antecessor, e como Terêncio, seu continuador, Plauto não foi um espírito inventivo. Imitou Menandro, Dífilo, Filemão e Apolodoro. Serviu-se de assuntos da comediografia grega, mas soube adaptá-los com graça e vivacidade ao gosto e à compreensão de uma platéia pouco afeita a sutilezas e eufemismos, retratando de preferência aspectos da vida quotidiana, sem descuidar do estilo e da linguagem, o que lhe dá realce entre os comediógrafos latinos.

*Aulularia* foge porém à sua temática. É uma comédia de caracteres. Seu personagem principal viria a ser reaproveitado por inúmeros autores situados mais próximos de nós. Euclião, o avarento, com o decorrer dos séculos, acabaria por se ver multiplicado, até atingir a perfeição do símbolo no Harpágão de Molière.

Assina a tradução, introdução e notas, a Sra. Aída Costa, catedrática de Literatura Latina da Universidade de Minas Gerais e Profa. colaboradora de Língua e Literatura Latinas da Universidade de São Paulo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0015, p 66

OFFICIAL INVESTIGATION

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0015, p. 67

Plauto

"AULULARIA"

(A Comédia da Panelinha)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0015, p. 68

PEQUENA BIBLIOTECA DIFEL

Textos greco-latinos

II

Sob a direção do  
Prof. J. CAVALCANTE DE SOUZA

PLAUTO

"Aulularia"

(A Comédia da Panelinha)

Livraria  
São José  
B. Horizonte

DIFUSÃO EUROPÉIA DO LIVRO

Tradução, introdução e notas da  
Profa. AÍDA COSTA

Capa de  
JACQUES DOUCHEZ

1967

---

Direitos Exclusivos da  
*Difusão Européia do Livro*  
Rua Bento Freitas, 362 — Rua Marquês de Itu, 79  
São Paulo

## INTRODUÇÃO

*Plauto: seu público, sua comédia, a Aulularia*

Em 240 a. C. os *ediles curules* encarregados de organizar anualmente, de 16 a 19 de setembro, os *ludi maximi*, deliberaram festejar, com solenidade especial, a vitória de Roma sobre Cartago.

Estava, então, no apogeu de seu prestígio a Comédia Nova grega. Fazia vinte anos apenas que morrera Menandro e vivia ainda Filemão, Dífilo e Apolodoro, os quais brilhavam nos teatros helênicos.

É quando Lívio Andronico, encarregado de proporcionar a Roma um novo espetáculo, inaugura o teatro grego<sup>1</sup>, fazendo representar aí uma<sup>2</sup> ou duas<sup>3</sup> peças, uma tragédia e uma comédia.

Ao que parece, deu-se Lívio, daí por diante, a notável operosidade literária, compondo peças, provavelmente para os Jogos Apolinários, tendo por concorrente apenas a Névio, que só o foi, aliás, a partir de 235.

Da obra de Lívio, restam-nos, das tragédias, trinta fragmentos e três títulos: *Gladiolus* (O Punhal), *Ludius*

1. Cícero, *Brutus*, XVIII: "Atque hic Liuius qui primus fabulam... docuit..."

2. Aulo Gélio, *Noites Aticas*, XV, XXI.

3. Cassiodoro, *Chron.*, cf. Michaut, *Plaute*, I, 18.

ou *Lydius* (O Histrião ou o Lídio) e *Virgo* ou *Verpus* ou *Virga* ou *Vargus* (título incerto), traduções de peças gregas de Menandro<sup>4</sup>, Aristômenes<sup>5</sup> e Ânfis<sup>6</sup>.

Sabe-se que o sucesso de Lívio foi definitivo. Não o houvessem os romanos prestigiado, e a comédia não teria o êxito que teve em Roma.

Como explicar-se, porém, tal sucesso, se a comédia era, segundo Donato (*De Comoedia*, V, 1, 5), essencialmente, uma peça em que se punham em cena pessoas e acontecimentos da vida particular? Podiam agradar tais pessoas e tais fatos da vida grega aos romanos? Não é para supor-se logo que se não tratava de traduções integrais, pura e simplesmente? Explicam o sucesso de Lívio os que se têm ocupado do assunto do seguinte modo: por um lado, muitos dos costumes gregos coincidem com os costumes romanos; por outro lado, havia nas peças gregas elementos permanentes que deviam agradar aos romanos, como a toda gente, em geral; e, por fim, Lívio suprimira do teatro grego muito do que não podia ser compreendido e avaliado pelos romanos, como discussões sobre moral ou filosofia.

Mas vejamos que de novo trouxe o tarentino para Roma em matéria de teatro. Trouxe o tipo. É o caso, por exemplo, do "soldado fanfarrão", que não existia em Roma. Trouxe a intriga e os temas, que se integraram definitivamente na comédia latina. Trouxe a divisão em "cantica" e "diuerbia"<sup>7</sup>.

Assim é que, se não praticou Lívio a "contaminação", pois que a êle se não refere Terêncio, quando, para defender-se de semelhante acusação, argüi de tal prá-

4, 5 e 6. *Echeiridion*, Góetes, *Plános*, respectivamente; cf. Michaut, *Plaute*, I, p. 20.

7. Tito Lívio, *Hist.*, VII, II: "Dicitur... canticum egisse".

tica a Plauto, êle não deixa de ter a sua originalidade na adaptação das peças gregas.

A Lívio Andronico costuma atribuir-se ainda a introdução em Roma do mimo ou planipédia. Como ator, êle cantava e gesticulava, mas, tendo perdido a voz<sup>8</sup>, dentro de algum tempo, pôs diante do tocador de flauta um jovem escravo, que cantava em seu lugar, enquanto êle representava o "canticum", com muita expressão, contentando-se, em fazê-lo por gestos, completamente mudo. Assim é que aos dois elementos distintos da comédia, o musical ("canticum") e o dialogado ("diuerbium"), se teria juntado um terceiro elemento: o mímico. Ora, a dissociação da mímica em relação à música e à declamação teria dado ênfase ao papel do gesticulador, o qual se teria tornado um especialista, vindo a constituir-se um gênero à parte: o mimo ou planipédia.

Em 235<sup>o</sup>, Névio estréia no teatro, ao qual se dedicou inteiramente. Ao contrário de Lívio, que vivia de ser preceptor, Névio vivia, exclusivamente, da literatura.

Conservam-se dêle, além do poema *Bellum Poenicum*, da velhice<sup>10</sup>, nove títulos de tragédia. Em maior número suas comédias montam a trinta e quatro, segundo Ribbeck, e a trinta e sete, de acôrdo com Teuffel<sup>11</sup>.

Como se vê, a literatura latina nasceu já adulta, sôbre a experiência grega.

Névio, como Andronico, à Comédia Nova, tomou de empréstimo títulos, personagens, assuntos. São os

8. Michaut, *Plaute*, p. 27.

9. Aulo Gélío, *Noites Áticas*, XVII, XXI (519/235).

10. Aulo Gélío, *Noites Áticas*.

11. *Apud* Michaut, *Plaute*, I, 33-34.

mesmos escravos velhacos, parasitas, soldados fanfarões, etc.

Pena é que, dêsse, como de Lívio, nada nos reste, sôbre o que possamos ajuizar do modo por que traduziram ou adaptaram as peças gregas, o que nos seria utilíssimo para avaliação do grau de originalidade de Plauto.

Não resta, porém, a menor dúvida de que êles desbravavam o caminho, preparavam o campo para a comédia plautina, a qual devia ter, sôbre a dêles, vantagens indiscutíveis, pelo menos, do ponto de vista do público. São os autores antigos quase unânimes em proclamar a superioridade de Plauto.

Dos fragmentos supérstites, pode imaginar-se que Lívio, Névio e Terêncio, como que representam três fases de aclimação da comédia grega em Roma. Campaniense, como em geral se admite, de qualquer modo, de uma cidade latina, Névio apresenta sôbre Lívio a vantagem de uma linguagem mais elegante e a inserção de elementos romanos em suas peças. Escreveu *Hariolus* e *Leon* no cárcere, ao qual o levaram seus ataques contínuos aos principais de Roma, à moda dos poetas gregos<sup>12</sup>, em peças de côr aristofânica.

A comédia grega, introduzida em Roma por Lívio, cultivada por Névio, terá sua expressão máxima em Plauto.

\*  
\* \* \*

---

12. Aulo Gélío, *Noites Aticas*, III, III: "ob assiduum maledicentiam et probra in principes ciuitatis de Graecorum poetarum more dicta in uincula Romae a triumuiris coniectus esset".

Dez lustros após a chegada a Roma de Lívio, Plauto Titus Maccius Plautus<sup>13</sup>, dá início à sua atividade teatral em Roma. Nascido em Sársina, nas fronteiras do país gaulês, nos Apeninos, ao norte da Úmbria, morto em 184<sup>14</sup>, pouco se sabe dos seus primeiros anos de vida. Sua língua materna deve ter sido o umbro, mesclado de elementos célticos. Como se explica, pois, o bom latim que se lhe atribui, qualidade tão exaltada pelos comentadores antigos?

Ernout<sup>15</sup> supõe que se tenha êle cedo transferido para Roma. Michaut imagina que Plauto tenha aprendido o latim na própria Sársina, a qual teria sido latinizada, já então, por Arímimo, colônia vizinha.

Livre ou escravo — não se sabe — o certo é que de condição social modesta, deve ter tido, logo, do latim e do grego, e, segundo tôda a evidência, sob a direção de um mestre erudito, bom preparo literário.

De como teria ingressado na atividade teatral não se sabe nada de positivo. Conjetura Ernout<sup>16</sup> que se tenha incorporado a alguma companhia de comediantes, da qual, se teria tornado diretor e empresário. Terá sido, então, que começou a escrever comédias imitadas aos gregos.

Quando se deu a estréia de Plauto? Em 220, 15 anos depois de Névio<sup>17</sup>, ao que parece.

13. Cf.: Ernout, *Plaute — Comédies* — Introdução. Não nos cabe aqui retomar a polêmica sôbre o nome de Plauto. Adotamos o nome que parece já plenamente aceito.

14. Segundo São Jerônimo, teria morrido em 200 (cf.: *Chron. ad A.*, 1817). Segundo Cícero, em 184: *Brutus*, 60.

15. *Plaute — Comédies* — Intr., p. VII.

16. *Plaute — Comédies* — Intr. p. VIII.

17. Aulo Gélío, *N. A.*, III, III.

Segundo Aulo Gélío, depois de ter ganho algum dinheiro no teatro, emprega-o no comércio marítimo, sendo obrigado a procurar trabalho num moinho. Aí, nos momentos de folga, terá composto três comédias: *Saturio*, *Addictus* e uma terceira cujo nome não se conservou<sup>18</sup>.

Sôbre a exatidão do que informa o autor latino nada se pode dizer com segurança. Sabe-se que foi, ao mesmo tempo, diretor de companhia teatral, empresário, ator, autor e editor, das próprias peças.

Do sucesso que alcançou o teatro plautino fala bem alto o grande número de peças apócrifas. Já na antiguidade procurou separar-se o joio do trigo, e Varrão deu-nos como autênticas as 21 seguintes<sup>19</sup>: *Amphitruo*, *Asinaria*, *Aulularia*, *Bacchides*, *Captivi*, *Casina*, *Cistellaria*, *Curculio*, *Epidicus*, *Menaechmi*, *Mercator*, *Miles Gloriosus*, *Mostellaria*, *Persa*, *Poenulus*, *Pseudolus*, *Rudens*, *Stichus*, *Trinummus*, *Truculentus*, *Vidularia*.

Gozou Plauto do mais alto conceito dos seus pósteros. Dêle diz Cícero<sup>20</sup>: "Duplex omnino est iocandi genus unum illiberale, petulans, flagitiosum, obscenum, alterum elegans, urbanum, ingeniosum, facetum. Quo genere non modo Plautus noster et Atticorum, antiqua comoedia, sed etiam philosophorum Socraticorum libri referti sunt. . ." No Império, uma única voz discordante levanta-se contra Plauto: Horácio, cuja malquerença se explica, aliás, pela prevenção do poeta para com os "veteres", que são maliciosamente invectivados e ridicularizados na deliciosa Epístola a Augusto (Livro I, Ep. I). Formam no seu côro de louvores Varro, Aulus, Gellius,

18. N. A., III, III.

19. Ernout. *Plaute — Comédies — Intr.*, XVII.

20. *De Officiis*, I, 29, 104.

Aelius, Stilon, Aurelius Opilius, interessados em esclarecer os pontos obscuros de sua vida, de sua obra, de sua língua.

Acusa Horácio a Plauto de se não inquietar pelo sucesso ou insucesso de suas peças, preocupando-se apenas com as vantagens pecuniárias<sup>21</sup>. Pode acontecer que não seja de todo desarrazoada a acusação, não obstante a suspeição de seu autor. Dependia, estreitamente, do êxito financeiro, a própria continuidade da carreira teatral de Plauto, não contando, como realmente não contava êste com o patrocínio dos poderosos.

\*  
\* \* \*

Se é verdade que era o público que possibilitava a carreira de Plauto, é-nos indispensável, para conhecer, para compreender sua obra, conhecer e compreender seu público.

Em qualquer época de sua história, diz Guillemin<sup>22</sup>, podem reconhecer-se entre os romanos as três partes do público antigo: os ignorantes, os semicultos e os letrados. No teatro estão representadas tôdas as classes, desde os nobres, aos quais foram reservados, a partir de uma certa época, os lugares privilegiados da orquestra, até os escravos, que aos homens livres obstruem a passagem: "Serui ne obsideant liberis ut sit locus, uel aes pro capite dent"<sup>23</sup>. Tôda gente vai ao teatro: homens, mulheres,

21. *Epistolae*, I, I, 185: "Gestit enim numum in loculos demittere, post hoc securus, cadat an recto stet fabula talo."

22. *Le Public et la Vie Littéraire à Rome*, p. 6.

23. Plauto. *Poenulus* Prologus, V; 23, 24: "Para trás os escravos; ou deixem o lugar para os homens livres, ou que paguem para tornar-se cidadãos."

cortêsas e mães de família, crianças acompanhadas de seus pedagogos, soldados, etc.

Qual a atitude dêsse público?

Se se tomasse ao pé da letra o Prólogo de *Poenulus*, acreditar-se-ia num público abstraído, totalmente alheio à representação: mulheres que conversam, amas que trazem crianças a chorar, o "designator" à procura de lugar vago para os retardatários, etc. Todavia, comenta muito bem Guillemín<sup>24</sup>, o Prólogo devia estar aí, não a reproduzir situações habituais na ocasião das representações, mas a explorar motivos de hilaridade, como a tagarelice das mulheres. Este não será, então, um retrato e sim uma caricatura da realidade.

Não quer isso dizer que criamos num público cem por cento educado, ao tempo de Plauto, pois que, pela sua própria heterogeneidade, não podia sê-lo. É possível mesmo que o ambiente das representações fôsse um tanto tumultuário. Certo progresso, aliás, já se fazia sentir ao próprio Plauto, como se entrevê do fato de que, em *Trinummus*, o autor se abstém de explicar a intriga, justificando-o: "Sed de argumento ne expectetis fabulae; senes qui huc uenient, rem uobis aperient"<sup>25</sup>. Mas, o argumento que nos parece considerável para provar que o público não se alheava das representações, e, ao contrário, a elas assistia com interêsse, é o de sua presença no teatro e das várias referências de autores antigos ao fato de Plauto preocupar-se com as preferências de seu público. Evidentemente que, se não interessassem as representações a êsse público, para Plauto seria indiferente contentá-lo ou não.

24. Guillemín, *Le Public et la Vie Littéraire à Rome*, p. 7.

25. *Trinummus*, V: 16 e 17.

Que êsse público, pela sua própria heterogeneidade, não devia ser requintado, não devia. Ele teria, por outro lado, as suas exigências, a menor das quais seria compreender o contexto, não só no seu enrêdo, como nas suas expressões pitorescas e facêtas.

\*  
\*   \*  
\*

Temos falado de Plauto como tradutor do teatro grego. Perguntamo-nos se não há, então, originalidade na obra plautina. Os assuntos da Comédia Nova são os assuntos da vida humana conforme os rumos do movimento realista da literatura helenística. A Comédia Nova pinta caracteres e contém uma intriga muito simples, cujo desfecho é um reconhecimento final.

Quanto à estrutura dramática, parece-nos convincentemente provado, pelo trabalho de A. Freté, *Essai sur la Structure Dramatique des Comédies de Plaute*<sup>26</sup>, que as peças de Plauto, como as peças gregas são divididas em atos.

Plauto reproduz os assuntos da vida real e quotidiana; não cultiva a comédia de caracteres, que exigiria do público romano uma sagacidade e um gôsto que dêle se não poderiam esperar. Plauto faz uma única tentativa de comédia de caracteres, que é a *Aulularia*.

Quanto às personagens, as de Plauto são, no que se refere aos tipos que encarnam, as mesmas da Comédia Nova: o soldado fanfarrão, o parasita, o impostor, o jovem galã, a ingênua, o escravo grotesco, o intrigante, o pai de bom coração, o velho amável, o amigo fiel, a

---

26. *Révue des Études Latines* publiée par la Société des Études Latines, 1930, p. 42-43.

gurguesa, etc. Têm êles nomes gregos — raros são os latinos, os quais, aliás aparecem também traduzidos para o grego<sup>27</sup> — mas apresentam traços nitidamente romanos, como a "uis comica", a vivacidade e rústica singeleza. É verdade que a ação das comédias de Plauto se desenvolve sempre na Grécia, principa'mente em Atenas, em Éfeso, Epidamno, Sicione, Tebas, Cirenaica, Etólia, em suma, em país de língua grega. Não há comédia de Plauto que se desenrole em cidade latina, osca ou umbra. Não só são gregas, ou de âmbito grego, as cidades onde se desenvolve a ação principal. Também as regiões, para onde se dirigem ou de onde vêm os seus protagonistas, são regiões gregas ou colonizadas e conquistadas pelos gregos ou atingidas pelos mercenários gregos a serviço de soberanos da Ásia. Todavia, na *Aulularia*, damos com a geografia real da Itália, com a própria Roma<sup>28</sup>.

Quanto aos costumes, se há casas com gineceu, se se bebem vinhos da Leucádia, de Lesbos, ou Cós, há, entretanto, um "impluuium" numa casa da "Amphitruo", há, em outra, jovens que aprendem as letras, o direito, as leis e depois parte para o serviço militar<sup>29</sup>, etc.

Os deuses e os cultos em Plauto são gregos, mas, os há também aí latinos. É verdade que as festas são as Afrodísias, as Deonísias, as Eleutérias, as Panatenéias<sup>30</sup>. É verdade que se purifica o filho cinco dias depois de nascer<sup>31</sup>, que se invoca Hymen, nas festas de casamen-

27. Cf. *Anthrax* = brasa — *Aulularia*.

28. *Aulularia*, 674, 675.

29. *Mostellaria*, 126-129.

30. *Poenulus*, 256, *Pseudolus*, 54, *Curculio* 644, *Mercator*, 67.

31. *Truculentus*, 423-424.

to (cf.: *Casina*, 800), mas é também verdade que deuses e ritos latinos lá estão na comédia plautina: Iupiter Capitolinus, Iupiter Prodigalis, Liber, Silvanus e outros.

Também em meio a instituições, pesos e medidas gregas, encontram-se curiões romanos (cf.: *Au'ularia*, 562), comícios romanos (*Au'ularia*, 700), fórmulas romanas de casamento (*Au'ularia*, 256, *Curculio*, 674), etc.

Do ponto de vista da forma, a grande inovação de Plauto é a combinação de metros: setenários, senários, ritmos líricos vários. Essa variedade de metros, como a variedade de personagens e de assuntos, tinha em Plauto a intenção de sintonizar sua arte com o público, de exigências tão diversas, pois que tão heterogêneo.

Quanto à língua, são concordes os comentários antigos em atribuir-lhe "elegantia" e "latinitas". Como se devem aqui entender essas expressões? Marouzeau, em *Plaute et la première crise du latin*<sup>32</sup>, lembra que se devem entender essas expressões em relação ao estado linguístico da época anterior. A língua de Roma recebera influências da linguagem dos imigrantes, com elementos dialetais ou itálicos, e a unificação do romano só se fez com Ênio e Lucílio. Dêsse modo, a língua de Plauto, expurgada daquelas influências, devia ter as duas importantes qualidades que se lhe atribuem: "elegantia" e "latinitas".

Deba'de se há tentado especificar os modelos gregos em que se teriam decalcado as peças plautinas. Os prólogos que os indicam ou são posteriores ou são suspeitos de interpolação. Enfim, pode dizer-se, apenas, com segurança, que o teatro de Plauto descende "gróss-o modo" da Comédia Nova.

---

32. *Révue des Études Latines*.

Há, certamente, algo de original na obra de Plauto, mesmo em relação, por exemplo, aos modelos gregos, a variedade: Difilo, Demófilo, Filemão, Menandro, Alexis, em confronto com Terêncio, que segue Menandro e Apolodoro<sup>33</sup>. Essa maleabilidade de Plauto deve-se àquela mesma preocupação, aqui apontada, de atender aos reclamos de um público profundamente desigual.

Mas não só imitou Plauto vários comicos gregos, como os fundiu, praticando a "contaminatio". É por demais conhecido o passo de Terêncio, em que este se defende da pecha de contaminação apontando a Plauto como useiro e vezeiro nesse processo. A contaminação de Plauto entretanto, é diferente da de Terêncio. Enquanto esse funde pedaços de peças diversas para obter uma nova peça, Plauto, num esforço de adaptação ao gosto do povo, insere episódios de outras comédias na intriga de novas personagens na cena que escreve. Plauto acrescenta, umas vezes, outras, suprime, como no-lo informa o próprio Terêncio.

Enfim, pode afirmar-se, com convicção, que Plauto não traduziu, pura e simplesmente, a comédia grega, e nem era crível que o fizesse, uma vez que já o pioneiro Lívio Andronico introduzira nela algo de romano com o fim de torná-la compreensível ao grande público.

Se Plauto tivesse traduzido, simplesmente, seu mérito seria excepcional, porque, amarrado a um texto, ele teria conseguido essa maravilha de espontaneidade e de graça que são os seus diálogos. Por melhor que seja, por mais senhor da língua e dos seus recursos estilísticos, o tradutor muito raramente consegue ocultar o autor. Ora, levando em conta que a língua latina, ao tempo, se iniciava apenas nos seus usos literários, como

---

33. Em *Adelphoi*, seus modelos são Menandro e Difilo.

acreditarmos que, em Plauto, o domínio dela e da técnica do diálogo fôsse tal que não se traísse o original? Parece-nos que Plauto não foi um mero tradutor, nem mesmo, talvez, um verdadeiro tradutor, mas que êle se tenha valido dos temas, dos assuntos e dos motivos gregos como material para as suas comédias, cuja estrutura é a estrutura grega, como se valeu dos metros gregos para empregá-los a seu modo, para tirar partido dêles, segundo seu sentido estético e o gôsto do seu público. Usou do material lingüístico com a ampla liberdade de um criador, que faz escolha pessoal, segundo a consciência que tem do sistema geral da língua e do que supõe ter o seu interlocutor, sem se ater ao texto original.

\*  
\*   \*  
\*

É incerta a data da representação da *Aulularia*. Francken<sup>34</sup> propõe o ano de 186, baseado na referência às *Bacchanalia* do verso 408<sup>35</sup>. Outros estabelecem a data de 196 ou 195, louvando-se nas referências de Megadoro ao luxo excessivo das mulheres de Roma, luxo proibido pela lei Oppia, a qual deixou de vigorar em 195<sup>36</sup>. Como se pode ver, os argumentos não convencem num e noutro caso. As Bacanaís podem ter sido proibidas em 196, e, entretanto, a memória delas permanecer por muito tempo, como realmente permaneceu, no espírito do povo, como pode ser proibido por lei o

34. Cf.: Ernout, *Plaute*, p. 146.

35. As *Bacchanalia* foram proibidas pelo Senado em 186. Lê-se no verso 408: "Neque ego unquam nisi hodie ad Bacchas ueni in Bacchanal coquinatum."

36. Cf.: T. Lívio, 34, 1.

luxo feminino, e, entretanto, luxarem as mulheres. Quando e onde foram as leis religiosa e universalmente cumpridas, mesmo que não se tratasse de mulheres? Aliás, retrucando a Megadoro, Euclião lembra a vantagem, não da vigência de lei proibitiva, mas de pessoa investida de poderes de fiscalização, um "praefectus moribus", à semelhança, naturalmente, do "gynai-conómos" ateniense<sup>37</sup>.

Teve a *Aulularia* grande êxito, não só em seu tempo, como mais tarde, durante o Baixo-Império e a Renascença. No Baixo-Império, inspirou o *Querulus* magistralmente editado por Havet, obra que, por sua vez, sugeriu a *Aulularia* de Vital Blois em versos elegíacos, de 1175, possivelmente<sup>38</sup>.

Principalmente na Itália, nos meios cultos, Plauto reviveu, pelo menos em seu espírito cômico, nas comédias do Cardeal Bibbiena, em Ariosto, e, principalmente, na *Sporta* do florentino Gambattista Gelli, de 1548, e no *Aridosio* de Lorenzino de Medici, representada em 1536, que imita o caráter do avarento e parte da intriga da *Aulularia* plautina.

Não só na Itália, também na Espanha, exerceu Plauto influência durante a Renascença, inspirando, com o seu "miles gloriosus", o centurião de *La Celestina*, romance sob forma dramática, de Fernando Rojas.

Mas, voltando à *Aulularia*, a mais célebre das obras devidas à sua inspiração à *L'Avare*, de Molière, comédia que, juntamente com *Tartuffe*, levou o famoso autor fran-

37. V. 504: "Moribus praefectum mulierum hunc factum uelim."

38. Cf.: Gustave Cohen, *La Comédie Latine en France au XII.<sup>e</sup> siècle*, p. 62.

cês ao pináculo da carreira literária e foi representada no Palais-Royal, em 1668.

Existe ainda uma imitação eslava do século XVI, assinalada por Jagié<sup>39</sup>.

Chegou até nós a *Aulularia* mutilada por uma lacuna final. Dividida em cinco atos, apresenta uma grande originalidade, no que diz respeito à métrica. Emprega Plauto os mais diversos metros, variedade de que tira notórios efeitos estilísticos. Assim é que, se, no Prólogo e no I Ato, usa senários jâmbicos, no II Ato se serve alternadamente, de tetrâmetros báquicos acataléticos (V. 120, 122 a 129), dímetros, jâmbicos (V. 121, 135 a 138), trímetros jâmbicos cataléticos (V. 130), etc.



Um tesouro — diz o Deus Lar, no Prólogo da comédia — fôra oculto "in medio foco" daquela casa e confiado à sua guarda pelo avô do atual morador, o qual levou consigo para o túmulo o segrêdo, deixando em extrema pobreza o filho, que, mesquinho como o pai, não alcançou do deus a graça da reveação do segrêdo. Euclião, neto daquele, herda a sovínice do avô e do pai.

Com nenhuma oferenda obsequia ao deus, por nada fazendo jus à sua benevolência. A filha dêle, porém, é solícita nas suas obrigações para com o Protetor da família, oferecendo-lhe, todos os dias, incenso, vinho e

---

39. "Die *Aulularia* des Plautis in einer südslavischen Umarbeitung aus des Mitte des XVI Jahrd. Festchr. für J. Vahlen, Berlin, 1900, p. 617 (*apud* Ernout, *Plaute*, p. 147).

outras coisas a seu alcance, piedade que o Deus Lar delibera recompensar descobrindo a Euclião a panela cheia de ouro. A riqueza transtorna a cabeça de Euclião. Esconde o tesouro, montando-lhe guarda noite e dia, sem sossêgo.

Começa o primeiro ato da comédia com Euclião a pôr fora de casa, sob ameaças e objurgatórias, a velha criada, que protesta sem nada compreender. Temeroso de que lhe descobrisse ela o precioso achado, pois a traste "in occipitio quoque habet oculos" (v. 64), o avarento entra para certificar-se de que o ouro lá está onde deixara e volta para fazer entrar de nôvo a escrava, perplexa diante das coisas estranhas que se passam ali: o senhor não dorme as noites inteiras e permanece os dias todos dentro de casa como um sapateiro coxo<sup>40</sup>.

Ordens terminantes são dadas a Estáfila para que nada empreste aos vizinhos, nem o fogo — que seja este extinto na casa, para que se não possa cedê-lo — nem a própria água; e até à Boa Fortuna se recuse acolhida. A esta última ordem, Estáfila sorri irônica: A Boa Fortuna — estivesse tranqüilo o patrão — jamais lhe viera à casa, embora residisse ali perto...

Hoje, deve Euclião receber o dinheiro que o presidente da cúria distribui aos cidadãos. Euclião reflete que não pode faltar. Suspeitariam de sua fortuna caso recusasse ir receber a doação. Vai com o coração nas mãos, cheio de cuidados pela panelinha que ficara escondida.

Neste ínterim Megadoro, rico vizinho do avarento, ouve os conselhos da irmã Eunômia, que arrazoá, pro-

---

40. V. 73: "quasi claudus sutor domi sedet totos dies." (Nota: A indicação de passos da Aulularia refere-se à edição da "Société d'Édition — Les Belles Lettres".)

curando demonstrar-lhe a conveniência de casar-se. Em delicioso passo, apresenta Megadoro as desvantagens dum casamento com mulher portadora de dote, orgulhosa, autoritária, vaidosa, esbanjadora até reduzir o marido à servidão "in seruitutem" (V. 168). Mas que descanse a irmã: êle já escolhera a futura espôsa, a filha do vizinho Euclião.

Megadoro vai ao encontro de Euclião, já de volta, desapontado pelo fato de não ter comparecido para a entrega do dinheiro nenhum dos membros da cúria, e pede-lhe a filha em casamento. Euclião reage, irritado, suspeito duma cilada. Quem sabe se já não fôra informado Megadoro do seu tesouro? E faz considerações rudes sôbre a situação ridícula dum pobre diante das pessoas de sua classe, quando tratado com sobreceria pelo rico. A sua situação e a de Megadoro equivaleriam, se lhe desse a filha, à do boi e do burro, atrelados ao mesmo jugo. Atolado o burro na lama, nem o veria o boi... Separado dêste, seria despedaçado a dentadas pelos burros e perseguido a chifradas pelos bois<sup>41</sup>.

Mas, afinal, diante dos protestos de sinceridade de Megadoro, Euclião promete-lhe a filha e ficam marcadas as núpcias para o mesmo dia.

Embora perturbado e suspeito, Euclião ordena a Estáfila que limpe o vasilhame (uascula), uma vez que casará, naquele dia, a filha, com Megadoro, que já fôra tomar providências para as bodas. Estáfila põe a mão na cabeça: Como? se a môça está prestes a ter filho, o escândalo a estourar?

---

41. V. 235: "Asini me mordicibus scindant, boues incur-sent cornibus."

Nesse meio tempo, chega Estrobilo, os dois cozinheiros, Ântrax e Congrião, e as duas tocadoras de flauta, Frígia e Elêusio, que Megadoro ajustara no foro para o banquete, os quais, por ordem do ricoço, se distribuem entre as duas casas, a dêste e a do seu futuro sogro. É um passo de intensa fôrça cômica, em que Estrobilo extravasa seu azedume, numa diatribe satírica contra a avareza de Euclião.

Em casa do avarento, nem lenha existe, e Congrião, o cozinheiro, declara que a madeira do teto já lhe serviria. A escrava esbraveja: que, por causa dum jantar, não se pretenda queimar-lhes a casa.

De volta do mercado, onde comprara apenas incenso e coroas de flôres, porque tudo lá estava pela hora da morte, Euclião depara com sua casa invadida por aquêl exército e investe contra Congrião, que pretende fugir, clamando por socorro às pancadas do velho enfurecido. Ignorante das causas de toda aquela sanha, lamenta o cozinheiro que o dinheiro, pelo qual alugara seus serviços, já não chegasse sequer para pagar o médico que lhe curas e as contusões sofridas na pancadaria de Euclião. Vai êste, enfim, verificar se está onde deixou sua rica panela. Trá-la de volta consigo, refeito, permitindo que Congrião retorne a seu trabalho. Não está, porém, muito satisfeito ainda, e, lamurioso, monologa contra o galo de Estáfila. Até êste travava contra o seu segrêdo, raspando com as unhas em volta do lugar onde se achava a panelinha...<sup>42</sup>

Chega Megadoro, eufórico com a opinião dos amigos em relação às suas bodas, e discorre sôbre as vantagens do casamento do rico com mulher pobre e do

---

42. V. 467, 468: "... Gallus gallinaceus... accepit ibi scalpurrira unguis circumcirca."

pobre com mulher rica: haveria mais justiça social, mais concórdia e menos inveja e as espôsas temeriam mais os esposos e êstes temeriam menos as despesas daquelas<sup>43</sup>. Prosseguindo Megadoro nos seus doestos contra as espôsas "dotatae", manifesta-se Euclião: Gostaria que o fizessem, ao futuro genro, "prefeito dos costumes femininos" ("Moribus praefectum mulierum hunc factum uelim", V. 504). Megadoro chega ao fim de suas ponderações, e a comédia atinge, pelo exagêro de pormenores, seu máximo de burlesco: o desfile interminável de profissionais à porta do marido para reclamarem o pagamento dos serviços prestados à espôsa. As cobranças culminam com a do soldado, que reclama o impôsto, quando o marido já não tem tostão, sequer no banqueiro.

Mas, no espírito de Euclião, persiste a desconfiança; êle exproba duramente o futuro genro, que lhe pusera em casa quinhentos cozinheiros (V. 553), "de seis mãos, verdadeira raça de Geriões" (V. 554), e mais aque'a "tocadora de flauta capaz de beber sòzinha, a fonte corintiana de Pirena", se desta coresse vinho. (V. 557-559.)

Megadoro protesta contra a invectiva: Ele mandara mantimentos suficientes para todos.

Nada, porém, preocupava realmente o avarento senão a sua panela de ouro. Eis que resolve ir escondê-la ao templo da Boa Fé, não podendo imaginar o que o espera: Estrobilo, o escravo de Licônides, a quem

43. V. 479-483: "... opulentiores pauperiorum filias ut indotatas ducant uxores domum et multo fiat ciuitas concordior, et inuidia nos minore utamur quam utimur et illae malam rem metuant quam metuun magiss, et nos minore sumptu simus quam sumus."

êste mandara observar o que se passava em casa de Fédria, ouve, no templo da deusa, a Euclião, que confia, à proteção desta, a panelinha de ouro, lá escondida. Quando Estrobilo penetra no templo à procura do tesouro, Euclião, já de volta, afobado — crocitara o corvo à sua esquerda escavando a terra com os pés — encontra-o, invectiva-o, espanca-o. Verificando estar a preciosa panela intacta, Euclião deixa o escravo em paz, não sem que, porém, êste jure vingar-se. Tendo ouvido a Euclião que ia esconder no bosque de Silvano o tesouro, Estrobilo adianta-se, e, duma árvore, assiste ao seu enterramento e dêle se apodera, mal se afasta o velho.

Nesse meio tempo, Licônides, sabedor dos projetos de casamento de Megadoro e de que Fédria está para ter um filho, chama sua mãe Eunômia e narra-lhe os acontecimentos das festas de Ceres, e pedindo-lhe que obtenha do tio que desista, em seu favor, do casamento com a filha do vizinho.

Aproxima-se Euclião, possesso — haviam-lhe roubado a panelinha — e topa com Licônides, o qual supõe ser tôda a fúria do homenzinho contra si, presumindo ter o velho descoberto o opróbrio da filha. E Licônides apressa-se em apaziguar o avarento, confessando-se culpado e prontificando-se de reparar a falta contra a môça, tomando-a para si, definitivamente, como espôsa.

Aqui a intriga atinge o seu clímax. Está próximo o desfecho. E os quiproquós enredam-se por dezenas de versos (731-795). Pensa o velho que o jovem se refere à panelinha enquanto êste alude à jovem.

Indo Euclião a casa verificar o que há de verdade em tudo aquilo, surge Estrobilo declarando ao senhor estar de posse de um tesouro e pedindo-lhe que o liberte. Licônides, porém, conforme promessa feita a Euclião,

de que lhe entregaria a panelinha, se descobrisse com quem estava, exige que lhe restitua o escravo.

Aqui termina o manuscrito. Com os fragmentos supérstites, Codrus Vrcceus refez o V Ato: Licônides devolve o tesouro ao dono, o qual, perturbado pela satisfação de reaver sua riqueza, a oferece ao futuro genro como dote da filha.

Notável originalidade da *Aulularia* está no fato de pertencer ela, ao mesmo tempo, ao gênero de comédia de intriga e ao gênero de comédia de caracteres. Como comédia de intriga, apresenta uma dupla ação: o destino da panelinha cheia de ouro e o casamento de Fédria, disputada por dois pretendentes. Trata-se de enredos que se entrosam sem interdependência e com predomínio do primeiro, que vai da primeira à última cena, enquanto o segundo começa no II Ato. Por outro lado, a intriga ou as intrigas desenrolam-se em tórno do avarento. Aqui, é preciso lembrar que os comentadores não vêem em Euclião a composição moral dum perfeito avarento, com aquêles traços universais e permanentes que constituem o tipo literário. A nós nos parece, ao contrário, que o caráter do avarento está plenamente traçado em Euclião.

O tema de *Aulularia* é tomado à literatura grega, onde aparece várias vezes. Eis a razão pela qual não pôde até agora apontar-se com certeza o modelo da comédia plautina. Só Menandro o põe em cena três ou quatro vezes, em *Hydría*, *Epitrépontes*, *Thesaurós*, e quem sabe? — também em *Dactylías*<sup>44</sup>.

É difícil determinar-se, dentre êsses, o modelo plautino, porque tem o avarento da *Aulularia* traços de

44. Cf.: Ernout, *Plaute*, p. 145.

vários dêles: O avarento de *Hydría* ocultava seu dinheiro e oferecia aos deuses muito pouco: um bôlo e um bocado de incenso. O de *Epitrépontes* temia que a fumaça de seu fogão levasse para fora de casa alguma coisa. Ora, Euclião, como o pai e o avô, era sovina para com o Deus Lar, protetor de sua casa, o qual dêle se queixava amargamente: "Atque ille uero m.nus minusque impendio curare minusque me impertire honoribus" (V. 18-19). Do mesmo modo que o avarento de *Epitrépontes*, Euclião aflige-se e recorre aos deuses e aos homens quando a fumaça se evola de sua casa: "Quin diuom atque hominum continuo fidem, de suo tigillo fumus si qua exit foras" (V. 300-301). Essa alusão caricatural à avareza de Euclião feita por Estrobilo é por êste mesmo glosada em outros remoques, para gáudio do cozinheiro Ântrax. Não amarra o velho à bôca uma bôlsa de couro para que não lhe escape, enquanto dorme, o ar que expira?<sup>45</sup> Não apanha os fragmentos de unhas que lhe corta o barbeiro?<sup>46</sup>

Outro traço do avarento de *Epetrépontes* é a irritabilidade, a rabugice. Euclião é também irascível, impertinente, incontentável. Que o diga Estáfila! Põe-na para fora de casa para que não descubra seu segrêdo; logo depois fá-la voltar para dentro a fim de guardar a mesma casa. Tudo, sob ameaças e descomposturas. Nada o aplaca, nem o melífluo palavreado de Megadôro, nem a perspectiva sedutora de casar a filha com homem rico, nem a humildade de Licônides que confessa o seu erro; só, talvez, a recuperação do tesouro, no fim da peça, quando, ao que se supõe dos versos supéts

45. "Quin cum it dormitum follem obstringit ob gulam... ne quid animae forte amittat dormens" (V. 302-303).

46. "Quin ipsi pridem tonsor unguis dempserat: collegit, omnia abstulit praesequina" (V. 312 e 313).

tites, êle se desfaz da panela em benefício de Licônides e se rejubila com a inquietude que desaparece e a paz que volta a reinar no seu coração: "nec noctu nec diu quietus unquam eram: nunc dormiam".

Também outras personagens da *Aulularia* parecem repetir personagens de Menandro. Lembra-o Ernout<sup>47</sup>, recordando que no cômico grego se encontram dois cozinheiros irreverentes e dicazes.

Todavia não se pode afirmar que seja *Epitrépontes* o modêlo de Plauto na *Aulularia*. A intriga da comédia grega difere muito da latina.

Para Max Bonnet, o modêlo plautino é *Hydría*. Os seus argumentos são pouco convincentes, assinala-o Ernout.

Creemos dispensável reexaminar o problema, porque nos parece incontestável ter Plauto, ainda neste caso, praticado a contaminação. A *Aulularia* é, sem dúvida, fruto de um compromisso entre várias peças da Comédia Nova, e Euclião uma personagem com traços de vários avarentos gregos, ou, diríamos melhor, com os traços universais do avarento.

Aliás, quanto mais lemos a *Aulularia* e estudamos a personalidade de Euclião, mais cresce em nós a suspeita de que êste reproduz, caricaturizado, alguma personagem contemporânea e conhecida de Plauto, na Roma de então, ou, pelo menos, nalguma viva reminiscência, de sua Sársina, um desses tipos populares, cuja história tôda gente conhece, de cujas manias e desventuras todos se julgam no direito de zombar.

---

47. Plaute, p. 145.

*As Personagens da Aulularia e seu Mundo.*

As personagens da *Aulularia*, com exceção do "Lar Familiaris", têm, tôdas, nomes gregos.

A primeira vista, poderia parecer que se trata de personagens cujos caracteres e costumes, são caracteres e costumes exclusivamente gregos, isto é, maneiras de agir, de pensar e de sentir, hábitos e gênero de vida peculiares aos gregos.

Vejamos, pois, se se confirma esta impressão, estudando cada uma delas.

Começemos pela personagem central, Euclio, cujo nome é uma formação grega, eû-kléos, "boa fama", epíteto de intenção evidentemente irônica<sup>1</sup>.

Não padece dúvida alguma — se não nos enganamos — tenha tido o autor a intenção de criar um tipo de avarento. É verdade que o avarento plautino não será um avarento absolutamente original, mesmo porque deixaria de ser um verdadeiro "tipo" literário. O que caracteriza o "tipo", isto é, a personagem simbólica, é a reunião das diversas configurações que uma determinada virtude ou uma certa deformidade moral assume em vários indivíduos.

---

1. Ou talvez: eu-klefo, o que esconde.

Assim, Euclião tem algo que lembra o avarento de *Dyskolos*, que lembra o avarento de *Hydría*, da mesma maneira que se distingue pela rabugice e a irritabilidade do *Smikrines*, de *Epitrépontes*. Estes elementos comuns são elementos acessórios, evidentemente, porquanto os essenciais são universais e constantes, de todo os tempos e lugares.

É sobre estes essenciais que há discordância. Costumam os comentadores considerar a *Aulularia* como um simples esboço de comédia de caracteres, porque Euclião não é, realmente, segundo sua opinião, um tipo de avarento. Ao que julgam, Euclião não tem aqueles traços íntimos, comunicáveis com a fisionomia externa, que distinguem o avarento, como os tem o Harpagon de Molière. René Bray, por exemplo, fazendo um paralelo entre Harpagon e Euclião, assinala que, enquanto o primeiro é uma personagem em derredor da qual gravita toda a ação, a cuja avareza se condiciona todo na intriga, é o segundo um pobre diabo que achou um tesouro<sup>2</sup>. É inegável que nem toda a ação da *Aulularia* gira em torno da avareza de Euclião, mas também é fácil verificar em Euclião todos os traços típicos de um avarento, traços que só escapam ao leitor que atenta apenas para os contornos da ação. Neste caso, vamos encontrar apenas um pobre coitado, meio ensandecido pelo súbito achado de uma panela cheia de ouro. Esconde-a com extremos de precaução, para que não lha roubem, e, inseguro do esconderijo, sobressalta-se a cada instante, investindo contra toda gente. Desconfiado de todos os circunstantes, tira o precioso depósito de casa para o templo de Boa Fé, a quem confia sua guarda, e, afinal, inseguro da própria vigilância

2. *Oeuvres Complètes de Molière*, p. 341.

da deusa, transfere-o para o bosque de Silvano, onde é, desgraçadamente, roubado pelo escravo do jovem Licônides. Mas o tesouro lhe é por êste restituído e o velho emocionado, faz doação dêle ao futuro genro.

Enquanto tôdas essas coisas se davam, um velho ricaço lhe pedira a filha em casamento e êle lha concedera depois de assegurar-se de que o pretendente não rec'amava dote e não sem muita hesitação.

Êste passo relativo ao pedido de casamento da filha, assim como aquêle final de doação do tesouro a Licônides, são apontados pelos comentadores como uma quebra de continuidade dos traços típicos de um avarento. Não nos parece, porém, que lhes assista razão. No primeiro caso, a hesitação do velho não tem razões sentimentais de preocupação pela felicidade de Fédria, mas liga-se, principalmente, ao zêlo pelo seu dinheiro. Não estaria Megadoro visando ao seu ouro desejando contrair núpcias com sua filha? Note-se que Euclião, apesar da fortuna inesperada com que o Deus Lar o presenteara, não se dispusera a dotar a filha. É bem esclarecedor o passo em que se lamenta êle diante de Megadoro, mesmo antes de conhecer as pretensões dêste, de que a filha, à carência de dote, deva ficar solteira:

"Tenho uma filha já môça, sem dote, sem colocação possível; não posso casá-la com ninguém"<sup>3</sup>.

Mas, mesmo depois de pôr a prova as intenções de Megadoro, sua única preocupação é evitar despesas com a festa nupcial. Vai ao mercado e traz apenas as indefectíveis coroas de flôres e um bocado de incenso, que

---

3. V. 191-192.

tudo o mais é muito dispendioso. Está inabalável, já agora, na sua primeira resolução: casar a filha com um mínimo de dispêndio:

"Tendo apresentado esta razão ao estômago e ao coração, deliberei que o melhor era mesmo gastar o mínimo para casar a filha. Acabo de comprar um pouco de incenso e estas coroas de flôres; serão postas no larário, em honra do nosso Deus Lar, para que êle faça feliz o casamento de minha filha" <sup>4</sup>.

Quanto ao final imprevisto da outorga do ouro ao genro, não nos parece obrigatória a interpretação comumente dada aos fragmentos do V Ato. O que sabemos, pelos Argumentos, é que Euclião acaba dando a panela como dote à filha. E dos privilégios da "uxor dotata" fala Plauto, pela bôca de Megadoro, nesta mesma comédia...

Baseado nos cinco fragmentos restantes do V Ato da *Aulularia*, o bolonhês Antonius Codrus Vrceus, no século XV, reconstruiu o V Ato, que desfecha num gesto de desprendimento e reabilitação do avaro. Não há dúvida, porém, de que é muito pouco saber-se que Euclião se rejubila por poder dormir suas noites sossegado, sem precisar mais esconder a panela dez vêzes ao dia em lugares diferentes, para que se conclua que êle deu todo o seu tesouro a Licônides. Pode-se, sim, imaginar que êle, dando-o à filha como dote, o tivesse pôsto sob a guarda do genro, com vantagem para êste, sim, mas com o principal intento de mantê-lo, em melhores mãos, mais jovens, e, por isso, menos vulneráveis.

---

4. V. 382 a 387.

Em todo caso, mesmo aceitando-se o desfecho generoso, poderia considerar-se êste epílogo uma como que catarse, originalidade, talvez, de Plauto, no que concerne à comédia.

Parece não haver dúvida esteja traçado, e bem traçado, o perfil moral do avarento Euclião. Todavia, ainda poderia dizer-se que a personalidade do velho fôra transtornada pelo inesperado achado da panelinha. Não é crível. A fisionomia psíquica do avarento é coerente e constante, abrange tôda a vida de Euclião. Não podem passar despercebidas as zombarias que dêle fazem os cozinheiros: é o homem que amarra à bôca uma bôlsa de couro, para que se não perca o ar que respira, ou que recolhe os pedaços de unha que lhe corta o barbeiro, e é também o homem que recomenda a Estáfila apagar o fogo para não dá-lo a quem o solicite, ou responder a quem lhe peça água que esta fugiu ou negar entrada em casa à própria Boa Fortuna. É interessante assinalar-se também a reação de menosprêzo por êle de Estáfila, que resmungo, irônicamente, serem inúteis tantas precauções numa casa que nada tem para roubar-se, a não ser "vazios" e "teias de aranha":

"Tomar conta da casa? para que não a carreguem? Sim, porque aqui, em casa, não há nada que interesse aos ladrões. Ela está cheia, mas é só de vazios, de teias de aranha."

---

Parece-nos inteiramente caracterizado o avarento, com os traços universais e permanentes de um avarento. Como tal, não se pode dizer que seja uma personagem grega. Se, por um lado, pode afirmar-se haver, de comum com os avarentos da comédia grega, aquelas atitudes e aquêles atos que já apontamos, sob o modêlo de *Hydría*, de *Dyskolos* ou de *Epitrépontes*, ou de qual-

quer outra comédia, por outro lado, há elementos positivamente romanos, quer na personalidade, quer no meio ambiente em que se desenvolve a ação, quer nos atos e atitudes exteriores e nas circunstâncias que os envolvem, como nos costumes de Euclião. A ação passa-se em uma praça pública de Atenas, em que tudo é romano, como comenta muito bem Jacques Nathan<sup>5</sup>: "À esquerda, a casa de Euclião; no centro, um altar de Boa Fé; à direita, a casa de Megadoro. A casa de Euclião dá para a via que leva ao bosque de Silvano":

"Há, fora dos muros, o bosque de Silvano, onde ninguém passa e cheio de salgueiros espessos: aí vou escolher um lugar. Sim, porque tenho mais confiança em Silvano que em Boa Fé"<sup>6</sup>.

A casa de Megadoro tem um "hortus"<sup>7</sup> e também uma boa adega. O "hortus" é próprio da casa dos ricos romanos<sup>8</sup> e o gosto pelo vinho também hábitos deles.

A atitude brutal, desumana, de Euclião para com a escrava e até para com os cozinheiros contratados por Megadoro para prepararem o festim das bodas, assim como para com Estrobilo, escravó de Licônides, é a atitude regular do "pater familias", com direito de vida e de morte sobre a família, na qual estão incluídos os escravos. É verdade que, como assinala Carcopino<sup>9</sup>, o

5. *La Marmite de Plaute*, p. 6. — Librairie Hachette.

6. V. 673 a 675.

7. V. 244: "Hic apud me hortum confodere iussi."

8. V. 570, 571: "At ego iussero cadum unum uini ueteris a me adferrier."

9. *La Vida Cotidiana en Roma*, p. 97.

fundo humanitário do romano e o seu sentido prático, levaram-no, muitas vèzes, a usar de uma certa benevolência para com os "serui". Isto não significa, porém, que uma pessoa mal-humorada e em estado de permanente sobressalto, que o era Euclião, não se prevalecesse dèsses direitos para dar vazão à sua bília. Nota-se que Estrobilo fala a Licônides com uma desenvoltura que não faz de modo algum pensar em um "seruus" oprimido pela crueldade do seu senhor. Aliás, com o tempo, as leis vão restringindo os direitos do senhor sôbre o escravo até que a evolução humanitária se completa, quando Antonino Pio condena, como homicídio, tôda execução de escravo à exclusiva discrição de seu Senhor<sup>10</sup>.

O senhor, em Roma, podia açoitar, prender, algemar, torturar com a fome e o frio, crucificar o seu escravo, sem dar contas a ninguém<sup>11</sup>, ao passo que, em Atenas, apesar de não ter direito algum, ser também meramente uma coisa, o escravo só podia ser submetido a torturas pelo magistrado<sup>12</sup>. Euclião ameaça Estáfila com o "fustis" (V. 48) (bastão) e o "stimulus" (V. 48) (aguilhão):

"Por Hércules que, se eu tiver hoje na mão um pau ou um aguilhão, eu mostro como te farei alongar êsse passo de tartaruga."

(V. 48-49)

À mesma Estáfila, èle promete vazar os olhos:

10. Carcopino, *La Vida Cotidiana*, p. 98.

11. Laurand, *Manuel des Études Grecques et Latines* — Tome II — Rome, p. 442.

12. Laurand, *Manuel des Études Grecques et Latines* — Tome I — Grèce, p. 442.

"Por Hércules, eu te vazarei êsse olhos, sem vergonha, para que não possas andar espiando tudo o que eu faço."

(V. 53-54)

mandar crucificar:

"Por Hércules, que, se saíres dêsse lugar um dedo, uma unha, ou se olhares para trás, antes que eu te dê ordem, eu te mandarei, na mesma hora, crucificar, para aprenderes a obedecer."

(V. 58-59)

e, de outra feita, cortar-lhe a língua e, de nôvo, vazar-lhe os olhos:

"É só chegar a casa que lhe corto a língua e lhe furo os olhos."

(V. 189)

Ao cozinheiro Congrião, que não era escravo seu, note-se, vai das palavras aos fatos, quebra-lhe a cabeça:

"Se tivesses ficado ao pé do fogo, onde tinhas de trabalhar, não terias saído de cabeça rachada."

(V. 439-440)

e a Estrobilo, escravo de Licônides, atormenta, empurra, bate:

"Que fúria te atormenta? Que tenho eu a ver contigo, ó velho?

Por que me maltratas? Por que me puxas? Por que me bates?"

(V. 631-632)

Fala Horácio do "mêdo do bastão, que obrigou os autores a mudarem de estilo, levando-os a instruir-se e a procurar agradar":

"... uetere modum, formidine fustis  
"Ad benedicendum, delectandumque redacti" <sup>13</sup>.

Pois uma lei estabelecera penas contra os poetas, cujos maus versos destruíssem as reputações: "quum etiam lex, poenaque lata, malo quae nollet carmine quemquam describi" <sup>14</sup>.

Em *Amphitruo*, o mesmo Plauto faz Mercúrio ameaçar a Sósia e obrigá-lo, com o bastão, a dizer a verdade:

"Auferere, non abibis, si ego fustem sumpsero."

(V. 358)

Como o romano, em geral, é o avarento um homem religioso, apesar de tudo. As divindades de sua devoção são Fides e Silvanus.

Fides, representada por uma velha encanecida, é, em Roma, a personificação da palavra empenhada <sup>15</sup>. Chama-a Vergílio "Cana Fides", para significar sua antigüidade histórica.

Seu templo foi erguido por Numa Pompilius. A ela referem-se vários autores latinos: Varrão, Horácio, Cícero, etc.

---

13. Epist., II, I, 164-165.

14. Epist., II, I, 163-164.

15. Pierre Grimal, *Dictionnaire de la Mythologie Grecque et Romaine*.

A Fides, Euclião confiou o seu tesouro (V. 590, 610 e 614). Traído em sua confiança, êle recorre, não ao Pã grego, mas ao latino Silvano, divindade anosa, nume dos bosques, cujo culto está ligado ao culto de Hércules e dos Deuses Lares. Sua antigüidade dentro da mitologia romana é atestada pela lenda do prodígio que realizou ao tempo da expulsão dos Tarquínios, fazendo que os etruscos se dispersassem, durante uma batalha travada com os romanos, por meio de uma iniciativa engenhosa: apareceu à noite e proclamou que os romanos tinham perdido um homem a menos que os adversários<sup>16</sup>.

Mas, nos momentos de aflição, o avarento invoca também a Apolo e a todos os deuses ao mesmo tempo. Assim é que recorre a Apolo, quando, chegado a casa, de volta do mercado, dá com o cozinheiro, a reclamar uma panela maior para os quitutes que está preparando:

"Apolo! Por favor! Vem aqui, ajuda-mel"

(V. 394)

Em certa ocasião, refere-se ao poder superior de Júpiter, quando retruca a Estáfila, irônicamente, não ser de espantar que o não faça Júpiter um rei Filipe ou um Dario:

"É, é de admirar que, para te ser agradável, Júpiter não faça de mim um Filipe ou um Dario, sua bruxa!"

(V. 86)

É a Júpiter, aliás, que êle pede sarcásticamente, proteção para Licônides, durante aquêles intermináveis

16. Pierre Grimal, *Dictionnaire de la Mythologie Grecque et Romaine*.

"qüiproquós", em que um fala da sua panela de ouro e o outro de Fédria:

"Que Júpiter te proteja tanto quanto tu não sabes o que quero dizer."

(V. 761)

Júpiter é o deus romano assimilado ao Zeus grego, reinando em Roma, no Capitólio, que lhe é consagrado de modo especial. A fundação de um outro santuário em honra a Júpiter "Stator" é atribuída, por uns, a Rômulo, em cumprimento à promessa que fizera por ocasião da batalha contra os sabinos, por outros, a Atilius Regulus, que coisa semelhante prometera durante certo combate contra os samnitas em 294 a. C.

A concepção de um Júpiter — divindade suprema, pai dos deuses — deve-se a uma assimilação ao Zeus grego, assimilação que, processada através dos etruscos, é antiga. Essa concepção foi incorporada, definitivamente, ao mundo religioso romano.

Júpiter é mencionado por Ênio<sup>17</sup>, sem inscrições arcaicas<sup>18</sup>, em Cícero, Horácio, Vergílio, etc.

O romano é um indivíduo religioso. Só mais tarde, no século II d. C., perde a religião romana seu poder sobre o coração dos homens. Euclião, não obstante sua deformidade moral, é um verdadeiro romano. Embora negue ao Deus Lar os sacrifícios devidos, acredita nos deuses e a eles recorre. Crê no mau agouro do canto do corvo à sua esquerda:

---

17. Ernout, *Recueil de Textes Latins Archaiques*, p. 149.

18. *Idem*.

"Não é por acaso que um corvo acaba de me cantar à esquerda, enquanto arranha a terra com as patas e crocita com tôda a sua voz."

(V. 624)

Cícero se pergunta porque um áugure tanta importância dá à aparição de um corvo à direita ou de uma gralha à esquerda: "quid augur, cur a dextra coruus, a sinistra cornix faciat ratum?"<sup>19</sup>

Euclião chega a desconfiar mesmo de que o galo de Estáfila esteja industriado para denunciar o lugar onde escondera o dinheiro.

Do ponto de vista religioso, Euclião é uma personagem romana: os deuses que invoca são deuses romanos.

Vimos atrás que zombam dêle porque recolhe, para não esperdiçá-los, os fragmentos de unha que lhe corta o "tonsor". Ora, freqüentar o "tonsor" é hábito de todo romano, quer seja rico, quer seja pobre e até escravo. O "tonsor" é quem se encarrega da "cura corporis" do homem, como a "ornatrix", da que diz relação às mulheres.

É o "tonsor" quem realiza as principais operações da "toilette" masculina em Roma. Os muitos ricos têm um "tonsor" como escravo a seu serviço em casa. Os demais procuram os préstimos de um daqueles muitos "tونسores" estabelecidos ao longo da "uia", nas "tabernae" da cidade, as quais se chamavam "tonstrinae". As "tonstrinae" são rodeadas de bancos onde se sentam os clientes à espera de serem atendidos. Em suas paredes há espelhos, e, no centro, um escabelo, onde se senta o freguês, a quem, o "tonsor", ajudado dos "circuitores",

19. De Divinatione, I, 39.

corta o cabelo ou simplesmente penteia, faz a barba<sup>20</sup>, e, como se vê no texto plautino, apara as unhas.

Diz Horácio que o pobre muda de casebre, de móveis, de banhos e de barbeiros<sup>21</sup>:

"Quid pauper? ride: mutat coenacula, lectos,  
"Balnea, tonsores; .....

(V. 93-94)

Euclião vai ao mercado comprar os mantimentos "filiae nuptiis"<sup>22</sup>, para as bodas da filha: "piscis", "aguinam", "bubulam", "uitulina", "cetum", "porcinam". Já se vê que é uma "cena" festiva. Euclião não está acostumado a todos êsses manjares, e a prova é que se espanta de seu preço; não sabia que eram coisas tão caras. Como em tôda parte, e em todos os tempos, cada pessoa ou cada família tem, em geral, mesa mais ou menos lauta, conforme suas posses e sua liberalidade. É de imaginar-se que a "cena" quotidiana do avarento fôsse como o "prandium" de alguns: um simples pedaço de pão<sup>23</sup>. Aquêles pratos que cobiou o velho para o banquete nupcial, não os teria, a todos, oferecido aos convidados, mas vê-se logo que êle percorreu, uma por uma, as iguarias, na esperança de levar alguma ou algumas, quem sabe? Mesmo que foram tôdas, evidentemente que ainda se estaria muito longe de uma ceia de Trimalquião ou do banquete oficial descrito por Macróbio<sup>24</sup>.

20. Carcopino, *La Vida Cotidiana en Roma*, p. 236-237.

21. *Epist.*, II, 1.

22. V. 372.

23. Cf.: *Marcial*, XII, 13.

24. *Sat.*, II, 9.

A carne de vaca, a carne de porco, o peixe, encontram-se no cardápio de Petrónio<sup>25</sup>, que, como outros mencionados por outros escritores, constituem uma escandalosa glutoneria. Os mercados romanos eram bem sortidos, embora a pequena burguesia fôsse sóbria e a plebe, geralmente, moderada na comida.

Euclião arrepiou carreira do mercado porque era tudo aí demasiado caro. É bem evidente que podiam não ser realmente altos os preços e achá-los tais a avareza do velho. Entretanto, a carestia da vida em Roma devia ser uma realidade e o queixar-se dela um verdadeiro "slogan" na época. O historiador francês Léon Homo<sup>26</sup> aponta as causas desta carestia. Desde os fins do IV século a. C. operou-se em Roma uma transformação decisiva nas condições de sua vida econômico-social, com o afluxo de novos elementos que vieram fixar-se na cidade. Era gente que desertava dos campos, com razões de ordem sócio-econômica, que não vem ao caso discutir aqui. Eram estrangeiros atraídos pela situação geográfica. Eram escravos, os numerosos escravos, a Roma trazidos em consequência das seguidas conquistas.

Isso significa que a procura de gêneros de primeira necessidade devia aumentar consideravelmente e, com ela, o custo de vida. Mas, é bom lembrar, não só de gêneros de primeira necessidade, alimentação e roupa, havia grande procura, mas também, de artigos de luxo, que, aos poucos, Roma foi conhecendo.

Euclião comprou alguma coisa no mercado para o casamento da filha: incenso e coroas de flôres<sup>27</sup>. O in-

25. Sat., 310.

26. *Problèmes sociaux de jadis et d'à présent*, p. 80.

27. V. 385: "Nunc tusculum emi hoc et coronas floreas."

censo e as flôres deviam ser oferecidos ao Deus Lar para propiciá-lo. Note que Euclião, embora tivesse sido, sempre, um grande sovina em relação ao Deus protetor da casa, sovínice de que êste mesmo se queixa no Prólogo, numa ocasião solene como a das núpcias de Fédria, faz um sacrifício e compra a oferenda, impossibilitado de resistir à fôrça da tradição.

Um elemento próprio das cerimônias das bodas em Roma é o sacrifício. Euclião alude ao sacrifício aos deuses declarando que vai tomar o seu banho para vir oferecer a oblação<sup>28</sup>. O sacrifício é a primeira parte do ritual das núpcias. Família e amigos, num santuário vizinho ou no "atrium" da casa, oferecem holocausto sangrento aos deuses.

Instituição romana ainda é a cúria, que entra nos acontecimentos em que está envolvida a ação do velho avarento:

"O presidente de nossa cúria anunciou que vai distribuir moedas de prata pelos cidadãos."

(V. 107-108)

Lamenta-se Euclião por ter de sair. Não pode fazê-lo sossegado, deixando o tesouro em casa; mas não há outro jeito, pois o presidente da sua cúria anunciara distribuição de moeda de prata aos cidadãos. Se não fôr buscar o seu "nummus"<sup>29</sup> pensarão que está rico.

Roma estava dividida em "curiae", tendo cada uma seu oratório e seu culto. Era cada cúria um grupo de

28. V. 611.

29. L. L. 5, 173: "in argento nummi, id ab Siculis", apud Ernout A. et Meillet. *Dictionnaire Etymologique de la Langue Latine*.

famílias com um culto comum, celebrado por um sacerdote particular, o "magister curiae".

Por sua vez, é o "nummus" moeda romana, palavra antiga de origem grega, que se acha no umbro. Entre os romanos, indica, em geral, o sestércio, a moeda mais usual, sendo as fortunas romanas, ordinariamente, avaliadas nesta moeda<sup>30</sup>.

Hesitam os comentadores sobre a romanidade desse uso da distribuição de "nummi argenti" entre os cidadãos, por parte do "magister curiae". Será, possivelmente, um traço da instituição grega dos "phratriárchoi", chefes das "fratrias", como as cúrias romanas, constituídas de algumas famílias que se reúnem para a celebração do culto. É possível, pois, tenha Plauto, neste passo, traduzido expressão grega. Assinala Jacques Nathan que a "fratria" grega tinha rendimentos e podia fazer distribuições a seus membros necessitados<sup>31</sup>. Diz Micaella tratar-se dos "demárchoi"<sup>32</sup>.

A Congrião ameaça o avarento denunciar perante os triúviro:

"Vou já denunciar-te aos triúviro" (1.416).

e, a Licônides, conduzir à presença do pretor e processá-lo:

"Por Hércules, vou já agarrar-te e levar-te ao pretor e mover um processo contra ti, se tu não ma devolves."

(V. 759)

30. Cf.: Laurand, *Manuel des Études Grecques et Latines* — Tome II — Rome, p. 493.

31. *La Marmite de Plaute*, p. 14, nota 5.

32. Mário Antimo Micaella, *Plauti Aulularia*, p. 38.

Em Roma<sup>33</sup>, estêve a justiça, a princípio, inteiramente a cargo dos magistrados eleitos pelo povo, do cônsul e do pretor e, em casos excepcionais, da própria assembléia popular. Note-se que, enquanto Euclião promete denunciar o jovem Licônides ao pretor, ao cozinheiro Congrião, êle ameaça de acusar diante dos triúnviros. Eram os triúnviros magistrados, perante os quais, compareciam escravos, cortesãs e oradores<sup>34</sup>.

De tudo que ficou exposto, pensamos poder concluir que Euclião, apesar de seu nome grego, é uma personagem romana, pelo ambiente físico em que se desenvolve sua ação, pelas instituições sob as quais vive, pelos seus costumes, pelo seu modo de viver, etc.



Eis aqui dois legítimos representantes da burguesia romana: Eunômia e Megadoro.

Eunômia, do grego "Eunomia", figura mítica, uma das três Horas que presidem às estações e guardam as portas do céu a serviço de Jano:

"Praesideo foribus caeli cum mitibus Horis:  
"It, redit officio Iuppiter ipse meo"<sup>35</sup>.

Eram, na mitologia grega, as Horas, filhas de Têmis<sup>36</sup>. Eunômia personificava a Ordem. Como nome

---

33. Cf.: Laurand, *Manuel des Études Grecques et Latines* — Tome II — Rome, p. 482.

34. Apud: Henri Clouard, *Plaute — Théâtre*, p. 556, nota 48.

35. Ovídio, *Fastos*, I, 125-126.

36. Hes., *Th.*, 902, apud Bailly, *Dictionnaire Grec-Français*.

comum, é empregada a palavra por Homero (Od. 17,487) e outros autores. Como apelativo, o nome parece ter sido usado na literatura latina, pela primeira vez, por Plauto. Aparece, na época cristã, juntamente com o masculino Eunomius ou Eunomus<sup>37</sup>.

Quem é a Eunômia da *Aulularia*?

Uma senhora de bom senso e boas intenções, que se interessa pela felicidade do irmão, solteirão velhote e rico. De sua afeição e de seu interesse de verdadeira irmã, vale-se ela facilmente para aconselhá-lo a casar-se:

"Meu irmão, eu quero que estejas certo de que o que te vou dizer é inspirado, como é próprio de uma boa irmã, pela minha afeição por ti e pelo interesse."

(V. 120-122)

Assume uma condição de humildade simulada, é bem de ver, fazendo a confissão de seus defeitos femininos. Não ignora que tôdas as mulheres são insuportáveis, pelo muito que falam, defeito a que nenhuma jamais escapou:

"Não ignoro que nós, as mulheres, somos tidas como insuportáveis. Diz-se com razão que somos muito faladeiras; diz-se até que, realmente, nunca, em tempo algum, houve alguma mulher muda."

(V. 123 a 125)

---

37. Apud Forcellini, *Lexicon Totius Latinitatis* — Tomo V, Onomasticon.

A êsse preâmbulo, acrescenta que êle, Megadoro, só a ela tem de parente e ela só a êle como irmão, fato que os deve levar a se interessarem muito um pelo outro e a se aconselharem mütuamente, de modo que nada se ocultem.

Trabalhado por tão sutis argumentos, Megadoro, bonachão, propõe-se a ouvi-la. Ela principia seu excelente conselho:

"Penso que é uma coisa muito boa para ti o que venho aconselhar-te."

(V. 145)

declarando desejar muito que êle seja feliz, que tenha filhos, que se case. O velho manga com ela e ela lhe propõe uma mulher de grande fortuna, de meia-idade, oferecendo-se para pedi-la em casamento em seu nome. E, quando, tendo recusado seu bom partido, o irmão se declara disposto a desposar a filha do pobretão vizinho, ela não se irrita, nem sequer ensaia dissuadi-lo, ao contrário, elogia o mal-afamado Euclião.

"Conheço-o, por Cástor, é um bom homem."

(V. 172)

Após esta cena, Eunômia desaparece, ressurgindo só quando o "adulescens", seu filho, lhe relata uma das suas costumeiras estroinices e lhe pede obtenha de Megadoro que desista de casar-se com Fédria, para que êle possa contrair núpcias com a jovem. Vemos, então, a distinta senhora, ainda serena e compassiva, dirigir-se à casa do irmão para obter o que lhe pede Licônides, aceitando, com superioridade moral, a nora sem dote.

Como se vê de sua rápida intervenção na comédia, Eunômia é uma mulher da burguesia romana. Tem, de romana, uma discrição mais ou menos altiva, um notório bom senso e dedicação, que se inquieta com o celibato do mano e colabora para remediar um ato indecoroso do filho, salvaguardando a situação das vítimas. Tem, de universal, aquela humildade calculada, manhosa e bem feminina, de confessar as deficiências e os defeitos para tocar a masculina sensibilidade, ao lado de um zelo desinteressado e ativo para com os seres que lhe são caros, desprezando o interesse subalterno que lhe podia despertar a fortuna do irmão, solteirão e sem outros herdeiros, e um casamento vantajoso do filho.

•  
• •

Megadorus, do grego "méga dôron" ("magnum donum"), nome que se não incorporou ao onomástico romano, pelo que se saiba. A palavra, evidente criação plautina, significa "generoso", ao pé da letra "grande dom", e traz a evidente intenção de definir o caráter da personagem. É realmente Megadoro um homem rico que recusa casamento com mulher "dotada", preferindo, a esta, uma jovem pobre.

Todavia, se êste é o traço mais visível do indivíduo Megadoro, outros estruturam sua personalidade e definem seu caráter de romano. Na verdade, não é necessária muita argúcia para perceber o espírito escarninho de Megadoro. No diálogo com a irmã, entre expressões de ternura fraterna, êle tem palavras irônicas, manifesta intenção de zombar.

Examinemos, primeiro, o diálogo com Eunômia. Quando esta termina seu finório preâmbulo, diz-lhe

êle: "da mihi, optuma femina, manum" <sup>38</sup>, como se dissessemos mais ou menos assim: "toque aqui os ossos; você é formidável." E quando a matrona, advertida do gracejo, lhe replica que não existe mulher nenhuma "optuma", ao contrário, cada uma é pior que a outra, "Nam optuma nulla potest eligi: Alia alia peior... est" <sup>39</sup>, êle concorda plenamente. Estamos a ver-lhe a cara zombeteira chalaceando:

"É a minha opinião, e, nunca, minha irmã, é certo, eu te contradirei, neste particular."

(V. 140-141)

Mas êle continua mofando da prestimosa senhora: tu me matas; tuas palavras batem-me à cabeça como pedras:

"Pobre de mim, estou morto."

(V. 149)

"Porque, minha irmã, essas tuas palavras, pobre de mim, me fazem saltar os miolos, como pedras."

(V. 151-152)

E continua afirmando que prefere morrer a casar-se. Em todo caso, se a irmã lhe quer mesmo dar uma espôsa, há de ser para que êle case hoje e a enterre amanhã:

"É evidente que prefiro morrer a casar-me... Em todo caso, se me queres dar uma espôsa, eu me casarei com uma condição: ela entra em casa amanhã, depois de amanhã sai morta. Com essa

---

38. V. 135.

39. V. 138-139.

condição, dá-me a espôsa que tu queres, prepara o casamento."

(V. 154 a 157)

Não se podem levar a sério palavras de Megadoro contra o casamento. Ele já tem, como se diz, uma noiva "engatilhada"; tira-a do bôlso do colête. É a grande surpresa reservada à mana.

Confirma a impressão sôbre o caráter zombeteiro de Megadoro a atitude de Euclião ao ouvir o pedido de casamento da filha feito por êle. Euclião recebe com hostilidade a proposta de casamento, primeiro, porque suspeita que o pretendente cobiça seu tesouro, depois, porque se julga numa situação ridícula. O avarento sente-se humilhado, machucado em seu amor-próprio por aquilo que êle suspeita escárnio do ricaço, e, então, admoesta o interlocutor de que não tem o direito de chasqueá-lo daquele modo:

"Ahl Megadoro, é uma coisa indigna de teu caráter o que estás fazendo, zombando de mim, que sou um pobre e nenhum mal fiz a ti nem aos teus. Sem dúvida, que não mereço, nem por meus atos, nem por minhas palavras, que faças isso que estás fazendo comigo."

(V. 220 a 222)

É de crer-se, diante do texto, que Megadoro fôsse mesmo conhecido por seu espírito zombeteiro, por vêzes impertinente.

O "Italum acetum" do romano Megadoro atinge seu ponto alto no passo de fina ironia em que êle descreve, para o futuro sogro, a condição ruínosa a que uma espôsa "dotada", esbanjadora e indócil, reduz o marido:

"Nenhuma mulher viria dizer-te: Tu sabes muito bem que te trouxe um dote superior ao dinheiro que tinhas. É justo, pois, que me dêes púrpura, jóias, criados, mulos, cocheiras, pajens, meninos de recado e carros para eu andar."

(V. 498 a 502)

Megadoro, contudo, também sabe assumir uma atitude de circumspecta sisudez e bom senso, deixando falar o espírito prático do romano. Antes de dizer a Euclião que deseja casar-se com Fédria, faz que êle lhe passe um atestado de boa conduta, e de boa situação financeira. É um homem de negócios que fala:

Meg.: "Dize-me que pensas de minha família?"

Euc.: "Boa."

Meg.: "De meu crédito?"

Euc.: "Bom."

Meg.: "De minha conduta?"

Euc.: "Não é má, não é desonesta."

Meg.: "Tu sabes a minha idade?"

Euc.: "Sei que é grande como a tua fortuna."

Meg.: "Por Pólux, de minha parte, eu sempre achei, e continuo achando, que tu és um cidadão sem nenhuma maldade."

Euc.: "Está cheirando o meu ouro. E, então, que desejas de mim?"

Meg.: "Uma vez que tu sabes quem eu sou e eu sei quem tu és, que isso reverta em benefício meu, teu e de tua filha! Peço-te a filha em casamento. Promete que ma darás?"

(V. 213 a 219)

Assim foi feito o pedido de casamento.

É verdade que há também um outro passo, mais ou menos sentimental, como aquêle em que o velho (V. 225) insiste em obter a mão de Fédria, dizendo ao pai:

"Vt propter me tibi sit melius mihi que propter te et tuos" (para fazer eu a tua felicidade e tu e os teus fazerem a minha) ou o seguinte, em que êle acrescenta:

"Quanto mais estreitamente a gente se relacionar com pessoas de bem melhor será."

(V. 236-237)

O espírito prático do romano manifesta-se nas considerações que faz Megadoro sôbre as vantagens sociais do casamento entre pobres e ricos. Fizessem todos como êle, casassem os ricos com mulheres sem dote, e a cidade gozaria de maior concórdia, desapareceria a inveja, as espôsas seriam mais submissas e parcimoniosas. Quanto às ricas, às "dotatae", desposassem estas quem desejassem, contanto que abrissem mão do dote. Isto faria que se dedicassem mais ao cultivo de suas virtudes morais:

"Ora, se os outros ricos fizessem o mesmo com as filhas dos pobres, se casassem com mulheres sem dote, não só haveria mais paz na cidade como também teríamos que enfrentar menos inveja. Além disso, elas teriam mais mêdo de nós do que agora e nós gastaríamos menos. Para a maior parte das pessoas isso seria ótimo. A oposição só viria de uns poucos ambiciosos, cuja avidez e apetite insaciável não conhecem nem lei nem sapateiro capazes de pô-los sob medida. Naturalmente haverá quem pergunte: "Mas com quem se casariam, então, as ricas, com dote, se se atribuísse às pobres êsse di-

reito?" — Que elas se casem com quem quiserem, contanto que o dote não as acompanhe. Se se fizesse assim, elas se esforçariam por ter mais virtudes do que têm hoje, para levá-las em lugar do dote. Garanto que as mulas, cujo preço é maior que o dos cavalos, se venderiam bem menos caro que os poldros gauleses."

(V. 478 a 493)

Horácio, mais tarde, em sua Ode contra os vícios do século <sup>40</sup>, exalta a felicidade daqueles povos, entre os quais, a mulher ricamente dotada não escraviza o marido e não conta com um brilhante sedutor, povos para os quais, o mais belo dote é a virtude paterna, é um casto respeito à aliança jurada solenemente, em que a mulher se precata contra qualquer outro homem, que não seja o marido, povos, perante os quais, a infidelidade é um crime e a morte o seu preço:

"Nec dotata regit uirum

"Coniux nec nitido fidit adultero

"Dos est magna parentium

"Virtus, et metuens alterius uiri

"Certo foedere castitas

"Et peccare nefas, aut pretium est mori."

(V. 19 a 24)

Este passo de Horácio elucida o passo em questão de Plauto.

B. Plinval <sup>41</sup>, em artigo sobre o "miles impransus", da *Aukularia*, contesta a verossimilhança, dentro dos cos

40. *In Saeculi Vitia*, III, 24.

41. "À Propos du Miles Impransus de Plaute", em *Mélanges de Philologie, de Littérature et d'Histoire Anciennes*, à Alfred Ernout, p. 300.

tumes romanos, das referências do cômico latino à prepotência das espôsas portadoras de dote, argumentando que, jamais, em Roma, uma mulher, por mais rica que fosse, escaparia à "auctoritas uiri". Afirma o articulista que Plauto se limita aí à função de mero tradutor, des preocupado de que o quadro que traça em nada reproduz a sociedade romana da época.

Poderia objetar-se, ademais, que o tempo de Horácio é outro, outras as condições da vida social em Roma. Aqui, porém, como algures, é preciso não nos esquecermos de que a mentalidade de um povo, seus usos e costumes, não se forjam num dia, mas estabelecem-se, via de regra, através de séculos de fermentação, de prolongados choques e relutâncias, de lenta experiência.

Nada impede, pois, considerarmos as referências de Plauto como perfeitamente válidas para a sociedade romana de seu tempo.

Quanto aos usos pessoais de Megadoro, pouca coisa se depreende do texto, apenas que é bom bebedor de vinho e tem o costume de fazer suas compras no mercado.

No que toca ao vinho, em Roma, como na Grécia, é, juntamente com a água, bebida indispensável. Aliás, a antiguidade do uso do vinho é atestada pela própria antiguidade da palavra. Sabe-se que se trata de um nome mediterrânico, do qual o grego "oînos", o armênio "gini" e as formas semíticas sôbre "wain", são reflexos mais ou menos independentes uns dos outros<sup>42</sup>.

São famosos os opíparos banquetes romanos regados a vinho. Mas o vinho não era só bebida dos fes-

42. Ernout et Millet, *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine*.

tins ou das refeições mais caprichadas; era-o do "prandium" quotidiano, a regar, muitas vêzes, um puro pedaço de pão:

"Vt sapiant fatuae, fabrorum prandia betae,  
"O quam saepe petet uina piperque cocus!"<sup>43</sup>

("Para que elas tenham gôsto, estas insípidas acelgas, comida de operários, quão freqüentemente pedira o cozinheiro vinho e pimental!")

Alude ainda Megadoro a um "miles impransus"<sup>44</sup>, que surge inesperadamente após os vinte e quatro profissionais do luxo feminino, para extorquir o último tostão ao desventurado marido.

G. Plinval<sup>45</sup> acredita tratar-se de cena inteiramente grega, em seu desenvolvimento e em seus pormenores. O "miles impransus" seria a versão latina dada por Plauto ao "misthotés" grego.

Contra Plinval, porém, muitos comentadores, entre os quais Ernout<sup>46</sup>, não hesitam em explicar que se trata, realmente, de um "tribunus aerarii" encarregado de cobrar o impôsto militar, o "aes militare", sôldo que o senado votara em 405 a. C. em favor dos plebeus em serviço nas legiões.

Assim, podemos dizer que Megadoro é uma personagem totalmente romana, como as anteriores.

\* \* \*

---

43. Marcial, XIII, 13.

44. V. 528.

45. "A Propos du Milles Impransus de Plaute" — *Mélanges*, p. 299.

46. *Plaute — Comédies*, vol. I, p. 178.

Lyconides, do grego "Lykonídes", de "lúkon eídos", "que se parece com lobo". Trata-se, certamente, de alusão à índole incontida do rapaz. É o jovem galã da peça.

A personalidade de Licônides nada tem de particular; é um rapaz pouco morigerado, que se entrega a excessos num dia de festa de Ceres e que, muitos meses mais tarde, ou para reparar o mal que fizera à filha de Euclião ou porque realmente a amasse, procura casar-se com esta, disputando-a ao tio, que se aprontava para com ela contrair matrimônio naquele dia.

Abre-se com a mãe e lhe pede auxílio para conseguir o que deseja. Isso denota que as relações entre mãe e filho são à base de confiança e compreensão, o que em nada destoa da educação dos romanos, pela qual a mulher, embora privada de todos os direitos perante o marido, pelo menos no casamento "cum manu", conserva, porém, seu lugar no coração dos filhos. Se, oficialmente, a educação dos filhos só lhe é facultada até a idade escolar<sup>47</sup>, na verdade, ela não perde, muitas vezes, a influência sobre eles, a não ser, naturalmente, quando outra mulher lha disputa, como sói acontecer, aliás, em todos os tempos e lugares... Se se quisesse invocar algum testemunho histórico, aí estaria a célebre Cornélia, mãe dos Gracos.

Licônides tem a religiosidade comum aos romanos: desculpa-se de sua "stultitia" perante Euclião fazendo crer que se trata da vontade inexorável dos deuses:

"Foi a vontade dos deuses, eu acho; se eles não o quisessem eu sei que isso não teria acontecido."

(V. 742)

47. Cf.: Marrou, *Hist. de l'Educ. dans l'Ant.*

e jura por Júpiter que há de restituir ao avarento todo o seu dinheiro, se êste lhe vier às mãos:

"Então que o grande Júpiter faça de mim o que quiser."

(V. 776)

O que merece exame são as festas de Ceres, durante as quais ocorreu a aventura de Licônides:

"Confesso que violentei tua filha na noite das festas de Ceres. Foi o vinho, foi o impulso da juventude."

(V. 794-795)

A palavra Ceres, cujas formas oscas, "kerrés" e "kerré" aparecem em inscrições, tinha, a princípio, genericamente, significado de, mais ou menos, "genius", donde o adjetivo "kerriuiis", dêle derivado, com o mesmo sentido de "genialis". No antigo latim, a forma "cerus", "gênio", correspondia ao umbro "cerfus", que se encontra no *Carmen Saliorum*. Ligam-se estas palavras ao verbo "creare", e, do sentido genérico de "genius", passou o termo ao caráter especial de nome próprio designativo de determinada divindade. Na Campânia, a forma itálica "Kerri" veio a traduzir a Deméter grega, à qual Cícero faz uma aproximação etimológica: "Esta (a mãe de Prosérpina) tem, ela própria, o nome de Ceres, que equivale a "Geres", a "gerendis frugibus" (que vem do fato de que ela é produtora de trigo), com a substituição de um "g" por um "c" inicial; o mesmo acidente se produziu na Grécia, onde o nome de "Deméter" que tem a deusa, está por "Geméter" <sup>48</sup>.

48. *De Natura Deorum*, II, 26.

Ceres identifica-se com a deusa grega Deméter, cujo culto se introduziu já no V século em Roma. Conta-se que, quando os etruscos, sob o comando de Porsetna, atacavam Roma, recebeu, em 496 a. C., o ditador A. Postumius<sup>49</sup> ordem dos Livros Sibílinos, trazidos de Cumas, para erguer um templo em honra de Ceres, Líber e Líbera. Ergueu-o o cônsul Sp. Cassius três anos depois, ao pé do Aventino, fazendo-o decorar por pintores gregos<sup>50</sup>.

No comêço do século V os romanos constroem o templo de Ceres ao pé do Aventino e a estátua de bronze da loba no alto do Capitólio, obras, ambas, gregas, pelo menos na sua decoração. Os pintores gregos Damófilos e Górgasos vêm decorar o templo de Ceres<sup>51</sup>. Êsses monumentos têm uma grande importância histórica, porque marcam, como lembra Homo, concretamente, o início da tomada direta de contato entre gregos e romanos, no campo de batalha.

O culto de Ceres, conservando, embora, pelo seus ritos e fórmulas seu caráter original grego, como aliás aconteceu também aos de Aesculapius e Magna Mater, popularizou-se em Roma integrando-se na vivência religiosa de seu povo:

“Por acaso, vão celebrar-se as núpcias de Ceres, Estrobilo?”

(V. 354)

Sabe-se que os gregos se abstinham de vinho durante os mistérios Eleusinos<sup>52</sup>, festas realizadas em hon-

49. Tácito, *Annales*, II, 49.

50. Cf.: Daremberg et Saglio, *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*.

51. Homo, *La Civilisation Romaine*, p. 82.

52. Cf.: Jacques Mathan, *La Marmite de Plaute*, p. 38.

ra de Deméter, em Elêusis, nas quais, os iniciados representavam a história dos sofrimentos da deusa à procura de sua filha Prosérpina, raptada por Hades, deus dos Infernos, enquanto colhia flores nas proximidades de Hena, cidade da Sicília. Sabe-se, por outro lado, pela declaração de Licônides de que se embriagara nas festas de Ceres, dêsse modo explicando seus excessos, que os romanos não se privavam do vinho e, pelo contrário, abusavam dêle durante a realização desses festejos, que duravam, como em Atenas, nove noites consecutivas, em lembrança das nove noites, durante as quais Deméter percorrera a terra em busca de Prosérpina.

A nós nos parece que não há nenhuma contradição. De que os romanos conservavam a consciência da proibição de oferecer libações de vinho à deusa parece não haver dúvidas. Macróbio censura Vergílio por aconselhar tais oferendas a Ceres, contrárias aos ritos sagrados: "... dic, quae se, quod erat monstrum secuturum et cum Cereri libari uino iuberet, quod omnibus agris uetatur" <sup>53</sup>

Mas também não resta dúvida de que os romanos, embora conscientes da prescrição, não se importavam com ela, chegando Vergílio a ordenar as libações com vinho:

"Cuncta sibi Cererem pubes agrestis adoret  
"Cui tu lacte fauos et miti dilue Baccho" <sup>54</sup>;

no que é, aliás, censurado por Macróbio, que se socorre da autoridade de Plauto, invocando o passo da *Aulularia*, isto é, a interpelação que, entre mordaz e decepcionada, faz Estáfila a Estrobilo.

53. Saturnalia, III, 11.

54. Georgicas, I, 343-344.

Dêsse modo, pode imaginar-se, com tôda probabilidade de acertar, que os romanos, oficialmente, respeitassem a interdição e, particularmente, se entregassem à mais ímpia embriaguez durante os festejos, esquecidos do jejum prescrito em memória dos prolongados sofrimentos da deusa.

Licônides é, ademais, um dêsses jovens amorosos, comuns em Plauto, que têm, simplesmente, um papel episdico na trama. Não a conduz, não obstante sua intervenção seja indispensável, na comédia, ao desfecho do casamento. Seu aparecimento no momento crucial, em que Euclião se descobre roubado, permite a cena de quiproquós, de alta comicidade da peça. O mesmo se dá com Pleusidippus em *Rudens* ou Pleusicles em *Miles*.



Estáfila, do grego "staphyle", significa cacho de uva madura, alusão ao amor da escrava pelo vinho. Já vimos que o romano era um grande apreciador do vinho.

Estrobilo, do grego "Stróbilos", porque, dado ao mesmo vício de Estáfila, rodopia, desgovernado por efeito do álcool. Estrobilo aparece na peça ora como escravo de Megadoro, ora como escravo de Licônides (um cochilo de Plauto?).

Estáfila e Estrobilo podem ser estudados em conjunto, pois apresentam os mesmos traços de caráter. Ambos são resmungões, zombeteiros, dedicados ao pálio, bons e religiosos.

Estáfila não apanha sem queixar-se, sem resmungar para ser ouvida do próprio senhor. Logo ao iniciar-se a primeira cena, protesta contra Euclião que a põe fora de casa:

"Mas por que bates em mim, uma pobre infeliz?"

(V. 42)

"Antes me levassem os deuses à força que servir-te dêste jeito."

(V. 50-51)

Ao mesmo Euclião, que o surpreende ao voltar para o templo da Boa Fé e o cobre de injúrias, retruca Estrobilo irreverentemente:

"Que fúria te atormenta? Que tenho eu a ver contigo, ó velho? Por que me maltratas? Por que me puxas? Por que me bates?"

(V. 631-632)

Ambos os escravos, apesar de se sujeitarem aos castigos, zombam de Euclião. Já lembramos atrás como Estáfila redargue ao senhor, que lhe ordena tome conta da casa para que não na roubem, que certamente isto será para que não carreguem o prédio, porquanto, dentro, só há "vazios" e "teias de aranha".

Logo adiante ela manifesta de nôvo seu desdém pelos temores de Euclião. Vedar a entrada à Boa Fortuna? Mas por que êste mêdo? Jamais se aproximou a divindade da casa, apesar de morar ali perto:

"Por Pólux, não tenhas mêdo, eu creio que ela própria terá o cuidado de não entrar. Nunca veio a nossa casa, apesar de morar aqui perto."

(V. 101-102)

Por falar em Fortuna, é bom lembrar que o culto desta divindade, que se identifica com a Tyché grega, terá sido introduzido em Roma por Seruius Tullius, o rei mais favorecido por ela. Mais tarde, e, aos poucos, esta divindade foi assimilada, por influência helênica, a outras divindades, principalmente a Isis<sup>55</sup>.

Diverte ouvir como se desprega a língua da velha escrava a dialogar com o cozinheiro Congrião:

"Quê? seu sujo! Mesmo dedicado a Vulcano, não quererás que toquemos fogo à nossa casa por causa dèste jantar, para garantir o teu salário?"

(V. 359-361)

Estrobilo, porém, não lhe fica atrás. Pelo contrário, ganha da velha. Já comentamos como informa êle a Congrião e Ântrax da avareza de Euclião. Para melhor ilustrar o que afirma, conta que não emprestaria Euclião nada a ninguém, nem mesmo a Fome, se esta lhe pedissem:

"Por Hércules, mesmo que lhe pedisses a Fome, êle ta negaria."

(V. 311)

E escarnece da própria deusa. Para que lhe valha Boa Fé permitindo-lhe apoderar-se do tesouro de Euclião, promete-lhe um pote de vinho. Sim, oferecer-lhe-á vinho; mas, feita a oferenda, êle o beberá à sua própria saúde:

55. Pierre Grimal, *Dictionnaire de la Mythologie Grecque et Romaine*.

"Mas se o acho, ó Boa Fé, ofereço-te uma bilha cheia de vinho misturado com mel. Sim, eu to oferecerei; mas, depois de oferecê-lo, eu próprio o beberei."

(V. 621 a 623)

E é notável o ar jocoso que se lhe adivinha no rosto, caçoando de si mesmo, ao chegar, ufano da proeza, com a panela na mão: "Sou mais rico que os grifos que habitam montanhas de ouro. Nem vale a pena lembrar os reis; são uns mendigos. Eu sou o mesmo Filipe":

"Eu sozinho supero os picos que habitam os montes de ouro. Já nem falo dêsses outros reis; são uns reles mendigos. Eu agora sou o rei Filipe."

(V. 701 a 704)

Não admira que o escravo se refira à riqueza de Filipe, pois suas moedas, como as de Dario, tinham curso em Roma <sup>56</sup>.

Apesar de tudo, porém, os dois escravos não têm o coração endurecido e sabem dedicar-se aos seus amos. Estáfila consagra — lê-se nas entrelinhas — afeição materna à filha do senhor: é uma confidente; protege-a da fúria do pai; compartilha com ela a desgraça que lhe sucedeu; aflige-se com a proximidade do escândalo:

"Que fazer agora? Estamos perdidas, a filha do meu senhor e eu."

(V. 274, 275)

---

56. Jacques Nathan, *La Marmite de Plaute*, p. 12.

"Por Cástor, temo que tenha de engolir hoje uma taça de desgostos e amarguras."

(V. 279)

Também Estrobilo quer ser prestadio a seu amoroso<sup>57</sup> dono, o jovem Licônides. Sabe que se devem executar imediatamente suas ordens<sup>58</sup> e que é preciso amparar o senhor para evitar que caia quando apaixonado:

"Quando o escravo serve a um senhor amoroso — como é o meu caso — se vê o senhor dominado pela paixão, parece-me que é de seu dever, o dever de um bom escravo, contê-lo, para tentar salvá-lo, e não empurrá-lo para onde se inclina."

(V. 593-594)

O escravo serviçal e dedicado, não estranha na história da escravatura de Roma. Seria ocioso mencionar os casos de escravos, que, como o Tirão de Cícero, conquistaram, pelo devotamento, a amizade dos amos.

O espírito zombeteiro e maldizente é, por sua vez, já o assinalamos, uma constante na personalidade romana. Não é à toa que Cícero chama Roma de "maledica ciuitas"<sup>59</sup>.

Ainda assim, poderia surpreender a irreverência, a quase desfaçatez com que os escravos enfrentam os senhores na comédia plautina. É verdade que, no caso presente, se Estáfila desacata o seu próprio senhor, Es-

57. V. 592: "Nam qui amanti ero seruitutem seruit..."

58. V. 587, 588.

59. *Pro Caelio*, XVI, 38.

trobilo fá-lo em relação ao avarento. Entretanto se Euclião não é o seu dono, é um senhor e não um escravo, um senhor com o direito de moê-lo de pancada. Perfeitamente normal, contudo, essa irreverência dentro dos costumes de Roma. Não lançavam os soldados romanos os mais pesados chistes à face do próprio general vencedor, durante as próprias cerimônias do triunfo, achincalhe a que não escapou o próprio César?<sup>60</sup> É verdade que, neste caso, os fesceninos tinham um valor especial, um valor mágico.

\*  
\* \* \*

Ântrax, do grego "ánthrax", carvão, tem o nome que lembra sua atividade: o material comburente do fogo em que prepara os seus quitutes.

Congrião, do grego "góggrion", cõngrio, nome de um peixe que se introduz por tôda parte. Com êle, possivelmente, quer Plauto significar o temperamento medido do cozinheiro.

Ântrax é dado a graças, a pilhérias. Completa o perfil do avarento que Estrobilo traça, dizendo que, a um milhafre que lhe roubara a comida, Euclião pretendia levar a juízo:

"Um dia, um milhafre rouba-lhe a comida. O homem lá vai todo em lágrimas ao pretor. Chorando, lamentando-se, põe-se a pedir-lhe que lhe seja permitido citar em juízo o milhafre."

(V. 316 a 319)

---

60. Suetônio, *Caesar*, XLIX, 51.

Congrião é infeliz, vai trabalhar em casa do avarento. O resultado é sair de lá quebrado com as pancadas do velho, e decepcionado porque o dinheiro que receberá pelo serviço não dará nem para o médico:

"Que fazer agora? Por Pólux, má inspiração me trouxe aqui. Fui contratado por uma moeda. Mais vou gastar com o médico."

(V. 447-448)

É digna de nota a referência de Congrião à deusa dos ladrões, Laverna, a quem ele invoca como sua protetora:

"Que Laverna, a deusa dos ladrões, me proteja. Se não deixas que eu leve as minhas coisas, eu faço um fuzuê dos diabos, aqui, na frente de tua casa.

(V. 445-446)

Tinha Laverna um bosque sagrado e uma estátua na Via Salaria. Os devotos precisavam de fazer suas preces diante dela, em silêncio, para que não se conhecessem os seus projetos<sup>61</sup>.

Horácio em Epístola "ad Quinctium" fala do "homem de bem", cuja justiça é admirada pelo forum e pelos tribunais: ele imola aos deuses um boi ou um porco. Orando, a princípio, em voz alta, clama: "Jano! Apolo!", depois, temendo ser ouvido, com a ponta dos lábios, ele murmura esta prece: "Bela Laverna, faze que eu engane a todos os olhos, que me creiam a mesma justiça, a mesma santidade":

---

61. Ernout, *Plaute*, p. 174.

"Labra mouet, metuens audiri: Pulchra Lauerna,  
"Da mihi fallere, da iustum sanctumque uideri."

(V. 60-61)

Os cozinheiros Ântrax e Congrião foram contratados por Megadoro, no forum, para o preparo do banquete nupcial. E, então, perguntar-se-á, não era Megadoro rico? não tinha cozinheiro?

A resposta no-la dá a história dos costumes romanos. Lembra Jacques Nathan<sup>62</sup> informar-nos Plínio, o antigo, de que em Roma nem os ricos podiam dar-se ao luxo de um cozinheiro, em virtude do preço que custavam. Por isso, várias pessoas associavam-se para comprá-los e alugavam-nos para as cerimônias. Só as grandes casas os tinham e tinham não só o cozinheiro, o "coquus", como também o padeiro, o "pistor", o confeitoiro, o "dulciarius". Foi aos poucos surgindo uma arte culinária e também uma arte de fazer cardápios, de servir a mesa, cortar a carne, etc.<sup>63</sup>

Pitódico, do grego "Pythodikos", o bom intendente.

É uma personagem "sui generis" na comédia, talvez mordomo de Megadoro. Surge na aparição meteórica e misteriosa de um monólogo<sup>64</sup>. Parece superintender os trabalhos da casa. Delibera descerem os cozinheiros ao subterrâneo. E teme que os que trabalham embaixo comam tudo e nada deixem para os de cima.

Julgam, em geral, os comentadores, seja êste monólogo uma interpolação, pois a personagem aparece aí pela primeira e última vez e nada daquilo que diz indica seu papel na intriga.

62. *La Marmite de Plaute*, p. 31.

63. Cf.: Aulo Gélío, II, 24; *Macr., Sat.*, III, 17.

64. V. 363.

Phaedria, do grego "Pháidra, brilhante, tem o nome que lhe condiz, certamente, com a beleza física. É invisível; ouvem-se-lhe apenas os gritos, o apêlo que faz à proteção da divindade, na situação angustiosa em que se encontra:

"Ail eu morro, minha ama! Acode-me, dói-me o ventre, Juno Lucina, ajuda-me."

(V. 691-692)

É invisível ao espectador, e, ao que parece, também às outras personagens envolvidas nas tramas, nos últimos tempos, pelo menos, com exceção de Estáfila. Fédria está, entretanto, inteiramente presente na comédia, como centro que é de uma das intrigas, a de seu casamento.

Esta situação discreta da jovem é bem conforme com os hábitos romanos. A mulher vivia, em geral, a princípio, mais ou menos segregada do convívio social.

Ainda no tempo de Trajano, as mulheres permaneciam em casa a maior parte do tempo<sup>65</sup>. Se eram pobres e não tinham, como as ricas, o pessoal servil para o trabalho doméstico, pelo menos até a hora de ir às termas, ficavam em casa trabalhando<sup>66</sup>.

Seu casamento, ou melhor, os ajustes do seu casamento, estão também absolutamente dentro do preceito e do praticado em Roma. Megadoro combina com Euclião; marca as bodas para o mesmo dia; proce-

65. Carcopino, *La Vida Cotidiana en Roma*, p. 267.

66. Juvenal, VI, 603.

de aos preparativos, sem consultá-la, sem mesmo sequer vê-la. Renunciando às núpcias com ela, Megadoro cede-a a Licônides, despreocupado, do mesmo modo, do que ela pense disso. O único problema é o assentimento do pai. Não é preciso saber se ela concorda. Mas, ela vai concordar... quando, nas cerimônias dos esponsais, pronunciar a fórmula tradicional. Vai participar do festim nupcial até o momento em que será levada à casa do noivo, num cortejo aberto por duas flautistas, seguidas das cinco pessoas que levam as tochas.



Frígia, do grego "Phrygia", da Frígia, e Eleusium, de "Eleusis", região da Frígia, porque os tocadores de flauta se traziam do Oriente.

São alugadas por Megadoro para o cerimonial, em que sua presença é indispensável. Como acabamos de ver, duas flautistas abrem o cortejo nupcial que conduz a recém-casada à morada do espôso<sup>67</sup>.

Amantes do vinho, de uma delas, diz Euclião, beberia tôda a fonte de Pirene, fôsse de vinho esta fonte.

Já assinalamos aqui quanto o vinho entrava nos hábitos romanos. Quer puro, quer misturado com o mel (o "mulsum"), era o vinho a bebida ordinária do "ientaculum", do "prandium" ou da "cena".

Phrygia e Eleusium não discrepam em nada do ambiente de Roma; são personagens não só concebíveis como indispensáveis dentro da cultura romana.




---

67. Carcopino, *La Vida Cotidiana en Roma*, p. 133.

Dromo, do grego "drómos", corrida, e Maquerião, do grego "machairion", dim. de "máchaira", espada, filhos ou simples ajudantes do cozinheiro Ântrax, não se sabe. Sabe-se apenas que têm prática de serviços culinários e que auxiliam na cozinha.

\*  
• •

Do estudo das personagens da *Aulularia* parece-nos que uma conclusão se impõe: elas só têm de grego o nome. No mais, são perfeitamente romanas. Pensam, sentem e agem como romanas, movem-se num ambiente romano. Se algo existe, nestas personagens, que seja mera transposição da comédia grega sem correspondência na realidade romana, há de ser muito pouco.

São tipos da vida real: o avarento, o casal burguês de irmãos, o velho amável e simpático e a velha prestimosa, os escravos, como em geral em Plauto, metidos a engançados, que se vingam de sua odiosa condição com sátiras maldosas contra os seus amos.

São personagens reais, em caricatura, é verdade. A preocupação do "cômico" apresenta-as, evidentemente, numa deformação burlesca. Enquanto Terêncio se esforça por fazer sorrir, Plauto — que está nisto muito longe de um Molière — vale-se de todos os recursos para obrigar a rir um riso sem ressaibos de amargura.

Qual seria, pois, o sentido dêsses nomes gregos? Parece-nos que seria o de obter-se aquêlo efeito a que se costuma chamar de "côr local", aquêlo "caráter estrangeiro", a que alude Bourgeois<sup>68</sup> e que os latinos obtinham pelo recurso estilístico do emprêgo de helenismos.

---

68. Cf.: "L'Hellénisme, procédé d'expression dans le Géorgiques III et IV" — *Révue des Études Latines* — 18.<sup>e</sup> année — 1940 — Tome XIII, p. 73.

AVLVLARIA\*

(A Comédia da Panelinha)

PERSONAGENS

- O DEUS LAR — Prólogo  
EUCLÃO — velho  
ESTÁFILA — velha escrava  
EUNÔMIA — irmã de Megadoro  
MEGADORO — velho  
ESTROBILO — escravo  
CONGRÃO — cozinheiros  
ÂNTRAX  
FRÍCIA — flautistas  
ELÊUSIA  
PITÓDICO — escravo  
ESTROBILO — escravo de Licônides  
LICÔNIDES — o jovem  
FÉDRIA — a jovem

\* Texto da edição *Les Belles Lettres*, 1952.

ARGUMENTO I<sup>1</sup>

O velho avaro Euclião, que só acredita em si mesmo, acha enterrada em sua casa uma panela que contém um tesouro; enterra-a novamente bem fundo e, lívido de inquietude, transtornado, monta-lhe guarda. Licônides lhe desonrara a filha. Nesse ínterim, persuadido pela irmã a casar-se, Megadoro pede a mão da filha do avaro. O velho, insensível, a custo a concede, e, temendo por sua panela, tira-a de casa e esconde-a, sucessivamente, em vários lugares. O escravo dêsse Licônides, que lhe desonrara a filha, arma-lhe ciladas. Licônides suplica a seu tio Megadoro que lhe ceda a jovem como espôsa, a êle, que a ama. Logo depois, Euclião, que tinha sido traiçoeiramente despojado de sua panela, encontra-a inesperadamente. Feliz, dá a filha em casamento a Licônides.

## ARGUMENTO II

Com o máximo empenho, possuído de terríveis apreensões, Euclião guarda uma panela cheia de ouro que encontrara. Licônides desonrara sua filha. Megadoro quer casar-se com ela, que não tem dote, e, para que Euclião lha dê de boa vontade, êle fornece os cozinheiros e o banquete. Euclião teme pelo seu ouro e esconde-o fora de casa. Tendo-o observado, um escravo do sedutor furta-lhe o tesouro. Licônides devolve-o a Euclião, o qual lhe faz presente da mulher, do ouro e do filho.

---

1. Os Argumentos I e II e o "Prólogo" são expressos em metro senário jâmbico.

## PRÓLOGO

DEUS LAR<sup>2</sup> — Para que ninguém pergunte, admirado, quem sou, eu o direi em poucas palavras. Eu sou o Deus Lar desta casa, de onde me vistes sair. Esta casa, há muitos anos que nela estou, que a habito, desde quando era do pai e do avô dêste que hoje

5 nela vive. Acontece que o avô dêste me confiou às escondidas de tôda gente, um tesouro: enterrou-o no meio da casa, suplicando-me que lho guardasse.

10 Quando estava para morrer, tal era a sua avareza, não quis, de modo nenhum, revelar o segrêdo ao filho e preferiu deixá-lo sem recursos a dizer onde estava o tesouro. Deixou-lhe apenas um pequeno lote de terra, com o qual, com muita labuta e miseravelmente, pudesse viver. Morto o que me havia

15 confiado o ouro, pus-me a observar se, porventura, o filho tinha por mim mais um pouco de consideração. Ora, realmente, êste cada vez se preocupava menos comigo e cada vez menos me prestava as honras devidas. Dei-lhe a paga que merecia: morreu pobre como

20 viveu. Deixa um filho, o que mora atualmente nesta casa, com as mesmas características morais que o pai e o avô. Tem êle uma única filha; faz-me esta, todos os dias, oferenda de incenso, vinho ou outra

25 coisa qualquer; dá-me coroas de flôres. Por sua causa fiz que seu pai Euclião descobrisse o tesouro, a fim de que, mais facilmente, a pudesse casar, se ela o desejasse. Sim, porque um jovem de alta posição a tinha violentado. Êle, o

---

2. *Lar familiaris*, protetor da família. As estátuas dos "Lares" dispunham-se ao redor do "atrium", ou no "lararium", uma espécie de capelinha, onde se lhes prestava o devido culto.

- 30 jovem, sabe quem é aquela a quem violentou; ela, porém, não o conhece, nem seu pai a sabe desonrada. Hoje farei que um velho da vizinhança a peça em casamento. E o farei para que a despose mais facilmente o jovem que a seduziu. O velho
- 35 que vai pedi-la em casamento é o tio do jovem que a violentou numa noite das festas de Ceres<sup>3</sup>. Mas já está o velho a gritar, lá de dentro, como é de seu costume. Põe para fora a velha escrava, a fim de que ela não lhe descubra o segrêdo. Acho que êle quer dar uma espiada no tesouro para ver se lho não roubaram.

ATO I<sup>4</sup>

## CENA I

## EUCLIÃO — ESTÁFILA

- 40 EUCLIÃO — Sai; estou mandando. Vamos, sai. Por Hércules<sup>5</sup>, é preciso que vás para fora, espiã, com êsses teus olhos que esmiúçam tudo.

---

3. *Ceres*, nome romano da deusa grega Deméter. Suas festas ("Cerealia" e "Fordicidia") celebravam-se nos dias 15 e 19 de abril, respectivamente. Diz-se que os Livros Sibílicos, consultados pelos etruscos, comandados por Porsena, aconselharam a introduzir em Roma o culto de Dionisos e de Deméter, o que foi feito em 496 a. C.

4. Em versos senários jâmbicos.

5. *Hercules* forma latinizada do grego Heraclês, filho de Zeus e Alcmena. Aparece na *Aulularia* sob a forma de "hercle", em expressões interjectivas de juramento.

ESTÁFILA — Mas, por que bates em mim, uma pobre infeliz?

EUCLIÃO — Para que sejas mesmo infeliz, e para que, má, como és, leves uma vida infeliz, digna de tua maldade.

ESTÁFILA — Mas por que motivo me puseste agora para fora de casa?

45 EUCLIÃO — Devo, acaso, dar-te as razões do que faço, armazenem de pancadas? Bota-te bem para fora da porta. Para lá, por favor. Vejam só como anda! É, mas sabes que é que te espera? Por Hércules, que se eu tiver hoje na mão um pau ou um agulhão, eu mostro como te farei alongar êsse passo de tartaruga.

50 ESTÁFILA — Antes me levassem os deuses à força que servir-te dêste jeito.

EUCLIÃO — Como resmungas esta bandida! Por Hércules, que eu te vazarei êsses olhos, sem vergonha, para que não possas andar espiando tudo  
55 o que eu faço. Afasta-te; mais; mais; mais... Basta! Pára aí! Por Hércules, que, se saíres dêsse lugar um dedo, uma unha, ou se olhares para trás, sem ordem minha, por Hércules, eu te mandarei, na mesma hora, crucificar, para aprende-  
60 deres. O que sei é que nunca vi alguém mais patife que esta velha, e que tenho um mêdo horrível de que, quando eu menos esperar, ela, de traição, não me pregue uma peça, e não fareje  
65 onde está escondido o ouro. Ela tem ôlho também na parte posterior da cabeça, a infame. Vou já ver se o ouro está como o deixei. Pobre de mim, êle me atormenta de todo jeito.

## ESTÁFILA

velha

- Por Cástor<sup>6</sup>, não serei capaz de dizer que mal aconteceu ao meu senhor, não sou capaz de imaginar de que loucura está possuído. À coitada
- 70 de mim, como estão vendo, põe-me, num dia, dez vezes fora de casa. Por Pólux<sup>6</sup>, não sei que fúrias se apoderaram desse homem. Leva as noites tôdas em claro; e os dias, passa-os todos em casa, como um sapateiro coxo. E não sei como continuam a esconder-lhe a desonra da filha; sua
- 75 hora se aproxima. Só me resta — eu acho — transformar-me num i maiúsculo, com um nó corredio no pescoço.

## CENA II ou III

EUCLÃO — ESTÁFILA

velho                      velha

- EUCLÃO — Finalmente eu saio agora com o coração mais aliviado, depois que verifiquei que
- 80 tudo, lá dentro, está em ordem. Volta já para dentro, e toma conta da casa.

---

6. Cástor e Pólux, os Discursos, divindades gregas, irmãos de Helena e Clitemnestra, mulher de Agamenão, são filhos, Cástor e Helena de Lêda, filha do rei da Etólia e de Zeus, e Pólux, de Lêda e Tíndaro, rei da Lacedônia. São divindades guerreiras. Foi-lhes confiada a supervisão dos jogos olímpicos. Cástor e Pólux surgem na lenda romana a participar da batalha do Lago de Regilo, ao lado dos romanos. Em Roma tornaram-se patronos dos jogos do circo. Aparecem no texto em formas interjectivas.

ESTÁFILA — Pois não?! Tomar conta da casa? para que não a carreguem? Sim, porque aqui, em casa, não há nada que interesse aos ladrões. Ela está cheia, mas é só de vazios e teias de aranha.

- 85 EUCLIÃO — E é de admirar que, para ser-te agradável, Júpiter não faça de mim um rei Filipe ou um Dario, sua bruxa! Essas aranhas, eu as quero guardar para mim. Sou pobre, confesso; estou conformado; o que os deuses me dão, eu recebo. Entra; fecha a porta; volto já. Vê de  
90 não deixares entrar nenhum estranho em casa. Para que ninguém resolva pedir fogo, quero que o apagues, a fim de não servir de pretexto a alguém para vir aqui pedinchar algo. Se o fogo não estiver apagado, tu é que te apagarás, e na hora.  
95 Quanto à água se te pedirem, dize que fugiu. Faca, machado, pilão, almofariz, coisas de uso caseiro, que os vizinhos costumam sempre pedir emprestado, tu dirás que entrou ladrão e as carregou. Enfim, em minha ausência, não quero que se introduza ninguém em minha casa. E ainda eu te digo  
100 mais: Se a própria Boa Fortuna cá vier, não a deixes entrar.

ESTÁFILA — Por Pólux, não tenhas medo; eu creio que ela própria terá o cuidado de não entrar. Nunca veio à nossa casa, apesar de morar aqui perto.

EUCLIÃO — Cala-te e põe-te para dentro.

ESTÁFILA — Calo-me, e vou para dentro.

- 105 EUCLIÃO — Por favor, fecha a porta com os dois ferrolhos. Vou já. Que tormento ser obrigado a sair de casa. Por Hércules, saio muito a contragosto; mas sei o que devo fazer. O presidente de nossa cúria anunciou que vai distribuir

- moedas de prata pelos cidadãos. Se não reclamo as minhas, se não as procuro, creio que tôda gente
- 110 suspeitará que tenho ouro em casa. Pois não é verossímil que um homem pobre faça tão pouco caso de um numo que não o vá buscar. Pois, agora, não obstante tôda a minha cautela para que ninguém soubesse, parece que tôda gente já sabe,
- 115 tôda gente me cumprimenta com mais amabilidade que antes. Aproximam-se, param, apertam-me as mãos; perguntam-me como estou de saúde, que é que faço, como vão os negócios. Bem, vou indo para onde tenho de ir; depois voltarei para casa o mais depressa possível.

## A T O I I

CENA I<sup>7</sup>

EUNÔMIA<sup>8</sup> — MEGADORO<sup>9</sup>  
mulher                      velho

- 120 EUNÔMIA — Meu irmão, eu quero que tu estejas certo de que o que te vou dizer é inspirado, como é próprio de uma boa irmã, pela minha afei-

7. Plauto apresenta, nesta 1.<sup>a</sup> cena, uma variedade de metros: báquicos, anapésticos, créticos, setenários, trocaicos e octonários trocaicos cataléticos.

8. *Eunômia*, do grego *Eunomia*, figura mítica, uma das três Horas, que presidem às estações e guardam as portas do céu, a serviço de Jano. Como apelativo parece ter sido usado na literatura latina, pela primeira vez, por Plauto.

9. *Megadoro*, do grego "méga doron". A palavra é criação plautina, significa "generoso", ao pé da letra, "grande dom", na evidente intenção de definir o caráter da personagem.

ção por ti e pelo teu interêsse. Não ignoro que nós, as mulheres, somos tidas como insuportáveis. Diz-se e com razão que somos muito faladeiras; 125 diz-se até que, realmente, nunca, em tempo algum, houve alguma mulher muda. Entretanto, meu irmão, pensã sòmente nisto: nós somos, um 130 do outro, o parente mais próximo. E, assim, é justo que nós nos aconselhemos e advirtamos mutuamente sòbre tudo aquilo que nos parecer de nosso interêsse e que não nos escondamos nada, um do outro, e nem nos deixemos de falar por medo e de nos comunicarmos, eu a ti e tu a mim, os nossos segredos. Foi por isso que te trouxe às escondidas aqui, para fora, para conversar contigo em particular sòbre negócios de família de teu interêsse.

135 MEGADORO — Toca os ossos, mulher formidável!

EUNÔMIA — Onde é que está? Quem é esta mulher formidável?

MEGADORO — És tu.

EUNÔMIA — Eu? É o que dizes?

MEGADORO — Achas que não és formidável? Se achas, eu acabarei também achando.

EUNÔMIA — Não resta dúvida de que é preciso que fales a verdade, pois não há escolher: mulher alguma existe formidável. Cada uma é pior que outra, meu irmão.

140 MEGADORO — É a minha opinião, e nunca, minha irmã, é certo, eu te contradirei, nesse particular.

EUNÔMIA — Presta-me atenção, por favor.

MEGADORO — Sou todo ouvidos; dispõe; ordena o que te aprouver.

145 EUNÔMIA — Penso que é uma coisa muito boa para ti o que venho aconselhar-te.

MEGADORO — Como é de teu hábito, minha irmã.

EUNÔMIA — É o que eu desejo!

MEGADORO — Vejamos de que se trata.

EUNÔMIA — De garantir por todo o sempre, com os filhos que tiveres, a tua felicidade.

MEGADORO — Queiram-no os deuses!

EUNÔMIA — Desejo que te cases.

MEGADORO — Pobre de mim! estou morto!

EUNÔMIA — Por que assim?

150 MEGADORO — Porque, minha irmã, essas tuas palavras, pobre de mim, me fazem saltar os miolos; são como pedras.

EUNÔMIA — Vamos, faze o que te aconselha tua irmã.

MEGADORO — Bem, se tiver vontade, farei.

EUNÔMIA — É para teu bem.

155 MEGADORO — É evidente que prefiro morrer a casar-me... Em todo caso, se me queres dar uma espôsa, eu me casarei, mas, com uma condição: ela entra em casa amanhã; depois de amanhã, sai morta. Com essa condição, dá-me a espôsa que tu queres; prepara o casamento.

160 EUNÔMIA — Poderia dar-te uma com um dote muito grande. Mas é uma mulher já madura, de meia-idade. Se queres pedi-la-ei em casamento para ti, meu irmão.

MEGADORO — Acaso permites que te faça uma pergunta?

EUNÔMIA — Pois não?! Pergunta o que quiseres.

MEGADORO — Se por acaso um homem velho que se casa com uma mulher de meia-idade, tem com a velha um filho, duvidas que haja outro nome adequado a êsse menino que não seja o de Póstumo? Mas, eu posso poupar-te, diminuir-te 165 êsse trabalho, mana. Graças aos deuses e aos nossos antepassados, sou suficientemente rico. Êsses bons partidos — seu orgulho, seus gordos dotes, seu alarde, seu mandonismo, seus carros guarnecidos de marfim, seus mantos, sua púrpura — absolutamente não me tentam; com os seus gastos, essas mulheres reduzem os maridos à escravidão.

170 EUNÔMIA — Dize-me, por favor, quem é a mulher com quem queres casar?

MEGADORO — Direi já. Conheces o velho Euclião, um pobre, nosso vizinho?

EUNÔMIA — Conheço. Por Cástor, um bom homem.

MEGADORO — Pois é com uma donzela, filha dêle, que eu quero casar-me. Não digas nada, mana, já sei o que vais dizer: ela é pobre. Ê; esta môça pobre agrada-me.

EUNÔMIA — Sejam-te os deuses propícios.

MEGADORO — É o que eu espero.

EUNÔMIA — E agora, precisas alguma coisa de mim?

175 MEGADORO — Passa bem.

EUNÔMIA — Tu também, mano.

MEGADORO — Vou ter com Euclião, se estiver em casa. Mas ei-lo, o homem, que volta para casa, não sei de onde.

CENA II <sup>10</sup>

EUCLIÃO — MEGADORO

180 EUCLIÃO — Bem que eu tinha o pressentimento, quando saía de casa, de que ia dar uma caminhada em vão. Bem que eu não queria ir. Não apareceu ninguém na cúria, nem mesmo o presidente que devia distribuir o dinheiro. Agora vou correndo para casa. Estou aqui e meu coração está lá, em casa.

MEGADORO — Saúde e felicidade sempre, Euclião!

EUCLIÃO — Sejam-te os deuses propícios, Megadoro.

MEGADORO — Como vais? Vais bem, tão bem quanto desejas?

185 EUCLIÃO — Aí há coisa; um rico com adulação para cima de um pobre. O homem já deve saber que eu tenho dinheiro; por isso é que me cumprimenta com tanta afabilidade.

MEGADORO — Vais bem? Responde.

EUCLIÃO — Por Pólux, não muito bem, quanto a dinheiro.

MEGADORO — Por Pólux, se te contentas com o que tens, tens o suficiente para viver bem.

EUCLIÃO — Por Hércules, a velha falou do meu ouro a êste indivíduo: está evidente, está claro. É só chegar a casa que lhe corto a língua e lhe arranco os olhos.

MEGADORO — Que é que estás resmungando aí?

---

10. Versos setenários trocaicos.

190 EUCLIÃO — Estou a lamentar-me da minha miséria. Tenho uma filha já môça, sem dote, sem colocação possível; não posso casá-la com ninguém.

MEGADORO — Não digas isso; tem ânimo, Euclião. Ela terá um dote; eu te ajudarei; dize-me se tens necessidade de alguma coisa; estou às tuas ordens.

195 EUCLIÃO — Está é pedindo, e não prometendo. Está de bôca aberta para abocanhar o meu ouro. Numa das mãos traz pedra, com a outra oferece-me pão. Não acredito em rico que se desfaz em amabilidades para com um pobre. Quando lhe põe gentilmente a mão em cima é para fazer-lhe uma ursada. Eu os conheço, a êsses pólipos, que não largam mais depois que tocaram em alguma coisa.

MEGADORO — Presta-me atenção, um minuto; em poucas palavras, eu quero, Euclião, consultar-te sôbre assunto de comum interêsse, meu e teu.

200 EUCLIÃO — Desgraçado de mim! Roubaram-me aí dentro o tesouro. Agora êle quer isto, eu sei: fazer comigo um acôrdô. Mas, vou ver lá, a casa.

MEGADORO — Aonde vais?

EUCLIÃO — Volto já. Tenho uma coisa a ver em casa.

205 MEGADORO — Por Pólux, espero que, ao falar-lhe da filha para pedi-la em casamento, acabe esta desconfiança de que estou a zombar dêle. Não há ninguém no mundo que a pobreza tenha feito mais avarento que êle.

EUCLIÃO — Os deuses me protegem; o tesouro está salvo: o que não se perdeu está salvo. Tomei um susto terrível. Antes de entrar estava morto

de mêdo. Aqui estou de volta, Megadoro, se queres de mim alguma coisa.

210 MEGADORO — Muito obrigado. Por favor, não te aborreças de responder-me o que te perguntar.

EUCLIÃO — Desde que não me perguntes nada que não me apraza dizer-te.

MEGADORO — Dize-me que pensas de minha família?

EUCLIÃO — Boa.

MEGADORO — De meu crédito?

EUCLIÃO — Bom.

MEGADORO — De minha conduta?

EUCLIÃO — Não é má; não é desonesta.

MEGADORO — Tu sabes a minha idade?

EUCLIÃO — Sei que é grande como a tua fortuna.

215 MEGADORO — Por Pólux, de minha parte, eu sempre achei, e continuo achando, que tu és um cidadão sem nenhuma maldade.

EUCLIÃO — Está cheirando o meu ouro. E, então, que desejas de mim?

MEGADORO — Uma vez que tu sabes quem eu sou e eu sei quem tu és, que isso se reverta em benefício meu, teu e de tua filha! Peço-te a filha em casamento. Promete que ma darás.

220 EUCLIÃO — Ah! Megadoro, é uma coisa indigna de teu caráter o que estás fazendo, zombando de mim, que sou pobre e nenhum mal fiz nem a ti nem aos teus. Sem dúvida que não mereci, nem por meus atos nem por minhas palavras, que fizeses isto que estás fazendo comigo.

MEGADORO — Por Pólux, não vim aqui para zombar de ti, nem estou zombando; acho que nem isso teria cabimento.

EUCLIÃO — Por que, então, me estás pedindo a filha em casamento?

225 MEGADORO — Para que, por mim, as coisas se tornem melhores para ti, e por ti e pelos teus, elas se tornem melhores para mim.

230 EUCLIÃO — Uma coisa, não posso deixar de ter presente, Megadoro; é que tu és um homem rico, poderoso, enquanto eu sou um homem pobre, paupérrimo. Não posso deixar de ter presente, que, se eu agora casasse contigo minha filha, tu serias o boi e eu o jumento: atrelado contigo ao mesmo jugo, não podendo agüentar o pêso, eu, o asno, ficaria atolado no lôdo, e, tu, o boi, não darias sequer pela minha existência, seria como se eu nunca tivesse existido. Tratando-me tu por cima dos ombros, rir-se-iam de mim os da minha classe. Se sobreviesse uma desavença eu não teria estábulo certo nem entre uns nem entre outros: os burros me despedaçariam a dentadas, os bois, a chifradas.

235 Seria um grande perigo para mim subir dos burros aos bois.

MEGADORO — Quanto mais estreitamente a gente se relacionar com pessoas de bem melhor será. Aceita a minha proposta; ouve o que estou dizendo e dá-me a tua filha.

EUCLIÃO — Mas eu não tenho dote para dar-te.

MEGADORO — Pois não o dês. Contanto que ela traga consigo bons costumes, trará dote suficiente.

240 EUCLIÃO — Eu te digo isso para que não vás imaginar que descobri algum tesouro.

MEGADORO — Eu sei, não é preciso que me digas. Consente no casamento.

EUCLIÃO — Seja. Mas, por Júpiter, estarei perdido?

MEGADORO — Que é que tens?

EUCLIÃO — Não é como um ferro que tivesse estalado?

245 MEGADORO — É que mandei cavar o jardim aqui em casa. Mas onde está o homem? Foi-se embora e não me deu nenhuma certeza; êle faz pouco caso de mim porque vê que eu quero conquistar sua amizade, como é o costume das pessoas. E, se o rico vai solicitar as boas graças de um mais pobre, o pobre tem medo de entrar em entendimento com êle. Por timidez perde a sua oportunidade. Quando passa esta oportunidade, já tarde, êle se arrepende.

250 EUCLIÃO — Por Hércules, se eu não te faço arrancar a língua pela raiz, eu te permito e até te ordeno que me faças mutilar por quem tu quiseres.

MEGADORO — Por Hércules, vejo, Euclião que tu julgas, sem atender à minha idade, ser um homem a quem possas pregar peças. Não o mereço.

EUCLIÃO — Por Pólux, Megadoro, que não, mesmo que o quisesse, não tenho com que pegar peças.

MEGADORO — Por que, então, não me prometeste ainda a filha em casamento?

255 EUCLIÃO — Sob condição, com o dote de que já falei.

MEGADORO — Dás, então, a palavra?

EUCLIÃO — Dou.

MEGADORO — Sejam-nos os deuses propícios!

EUCLIÃO — Permitam-no os deuses! Faze por lembrar a nossa combinação; minha filha não levará nenhum dote.

MEGADORO — Lembro.

260 EUCLIÃO — Pois sim! Eu sei como costumais embulhar a gente, quando combinais uma coisa. O que se combinou não está combinado; o que não se combinou está combinado, à vossa vontade.

MEGADORO — Não discutirei contigo, absolutamente. Mas por que se não há de celebrar hoje mesmo o casamento?

EUCLIÃO — Por Hércules, ótima idéia!

MEGADORO — Então vou prepará-lo. Queres alguma coisa?

EUCLIÃO — Isto! Até logo!

MEGADORO — Olá, Estrobilo<sup>11</sup>, avia-te para acompanhar-me ao mercado, depressa.

265 EUCLIÃO — Lá se foi êle. Deuses imortais! Quanto vale o ouro! Na certa êle já ouviu dizer que eu tenho um tesouro em casa; e o está cobichando. Por isso é que tanto se empenha por uma aliança comigo.

### CENA III<sup>12</sup>

EUCLIÃO — ESTÁFILA  
velho                      velha

EUCLIÃO — Onde estás, que já andaste espalhando por tôda a vizinhança que eu vou dar um dote a minha filha? Olá, Estáfila, é a ti que estou chamando. Estás ouvindo? Vamos! Põe já bri-

---

11. Aparece aqui como escravo de Megadoro. É, em outros passos, o escravo de Licônides. (Cochilo de Plauto?)

12. Versos setenários trocaicos.

lhando o pouco de meu vasilhame. Contratei o casamento de minha filha; caso-a hoje com o nosso vizinho Megadoro.

ESTÁFILA — Sejam os deuses propícios! Mas, por Cástor, hoje não pode ser; é de repente demais.

EUCLÃO — Cala a bôca e vai; que tudo esteja pronto quando eu voltar do forum. E fecha bem a casa; volto já.

275 ESTÁFILA — Que fazer agora? Estamos perdidas, a filha do meu senhor e eu. A vergonha do parto está muito perto e vai tornar-se pública. O que até agora estêve encoberto e escondido não pode continuar em segredo. Vou entrar, a fim de que quando o amo voltar, tudo que mandou fazer esteja feito. Por Cástor, temo ter de engolir hoje uma taça de desgostos e amarguras.

#### CENA IV<sup>13</sup>

ESTROBILO — ÂNTRAX E CONGRILÃO.  
escravo                      cozinheiros

FRÍCIA E ELÊUSIO  
2 flautistas

280 ESTROBILO — Depois de ter feito compras no mercado, e alugado os cozinheiros<sup>14</sup> e estas flau-

13. Versos senários jâmbicos.

14. Note-se que os cozinheiros em Roma alugavam-se, escravos que eram.

15. As flautistas, também escravas, eram indispensáveis ao cerimonial de casamento.

tistas<sup>15</sup> no forum, o senhor encarregou-me de dividir a mercadoria em duas partes.

ÂNTRAX — Quanto a mim, por Hércules, digo-o para tôda gente ouvir, não me dividirás em dois; se queres que eu vá para qualquer lugar, inteiro, às tuas ordens.

285 CONGRILÃO — Que linda, que pudica prostituta! Se algum te quisesse, bem que tu te deixarias dividir.

ESTROBILO — Ora, o que eu disse, Ântrax, tinha um sentido muito diferente dêsse que lhe atribuis. Mas o meu amo casa-se hoje.

ÂNTRAX — Com a filha de quem?

290 ESTROBILO — De Euclião, nosso vizinho, aqui perto, que me mandou dar a êle a metade do mantimento, um dos cozinheiros e uma das flautistas.

ÂNTRAX — Exatamente metade para cá, metade para a tua casa?

ESTROBILO — Exatamente como estás dizendo.

295 ÂNTRAX — Quê? não poderia o velho pagar com o seu dinheiro as compras para o casamento da filha?

ESTROBILO — Ah! Não podia, não!

ÂNTRAX — Por que não paga?

ESTROBILO — Perguntas por que não paga? Êste velho é mais sêco que a pedra-pomes.

ÂNTRAX — Ah! Sim?

CONGRILÃO — É mesmo assim como dizes?

ESTROBILO — Julga-o tu mesmo.

(lacuna do texto)

300 Julga que o seu patrimônio está perdido, que está arruinado por completo. E mais: põe-se a chamar pelos deuses e pelos homens mal escapa para fora de seu casebre um pouco de fumaça. E mais: quando vai dormir tapa a bôca com um saco de couro.

ÂNTRAX — Por quê?

ESTROBILO — Para que, dormindo, não perca, por acaso, um pouco de sua respiração.

305 ÂNTRAX — Não tapa também outro orifício para que, dormindo, não perca nada?

ESTROBILO — Acho que debes acreditar em mim como eu acredito em ti.

ÂNTRAX — Naturalmente que eu acredito.

ESTROBILO — Sabes que mais, por Hércules? Chora a água que perde quando se lava.

310 ÂNTRAX — Julgas que este velho nos daria, se lho pedíssemos, um talento, para comprarmos a nossa liberdade?

ESTROBILO — Por Hércules, mesmo que lhe pedisses a Fome<sup>16</sup> ele ta negaria. Outro dia o barbeiro cortou-lhe as unhas; ele recolheu todos os pedacinhos e os levou consigo.

ÂNTRAX — Por Pólux, tu falas de um homem para lá de avarento.

315 ESTROBILO — Pensas, na verdade, que ele é avarento e vive tão miseravelmente?

[ÂNTRAX] — Um dia, um milhafre rouba-lhe a comida. O homem lá vai todo em lágrimas

---

16. *Fames* = Fome, alegoria da fome. Vergílio a coloca no vestibulo dos Infernos, do Orco, ao lado da Pobreza, VI, 276. Ovídio a situa no Cítia, país desolado.

320 pretor. Chorando, lamentando-se, põe-se a pedir-lhe que lhe seja permitido citar em juízo o milhacre. Mil outros casos eu contaria, se houvesse tempo. Mas, dize-me, qual de vós é mais esperto?

ÂNTRAX — Eu; e eu sou muito melhor que os outros.

ESTROBILO — Estou pedindo um cozinheiro, não um ladrão.

ÂNTRAX — Pois é de um cozinheiro que falo.

ESTROBILO — E tu, que dizes, Congrião?

CONGRIÃO — Como me vês, assim eu sou.

ÂNTRAX — Ele é cozinheiro de feira; costuma cozinhar de nove em nove dias<sup>17</sup>.

325 CONGRIÃO — Homem de seis letras, tu me insultas? Ladrão!

ÂNTRAX — Ladrão és tu, três vezes ladrão!

ESTROBILO — Cala-te já. Apanha-me o mais gordo dos dois cordeiros e vem para dentro.

ÂNTRAX — Está bem.

ESTROBILO — Tu, Congrião, toma o outro e vai lá para dentro. Vós, aqui, segui-o e, vós outros, vinde conosco para casa.

330 CONGRIÃO — Por Hércules, a distribuição não é justa; êles ficaram com o cordeiro mais gordo.

ESTROBILO — Em compensação, ser-te-á dada a flautista mais robusta. Vai, então, com êle, Frígia, e tu, Elêusia, entra aqui em casa.

335 CONGRIÃO — Oh! Estrobilo pérfido! É assim que tu me jogas na casa dêste velho avarento? Se

17. De nove em nove dias, havia feira em Roma. Instalavam-se, então, no forum, cozinhas, ao ar livre, onde os cozinheiros faziam uma comida rápida e pouco saborosa, para as numerosas pessoas que acorriam a Roma para tratar de negócios.

eu pedir alguma coisa aí, ficarei rouco de pedir e não me darão nada.

ESTROBILO — Tu és um idiota. Não tem graça andar-se direito e não valer nada o que se faz.

CONGRILÃO — Como isso?

ESTROBILO — Ainda perguntas? Para come-  
 340 çar, não terás lá nenhuma confusão. Se quiseres alguma coisa, levarás da tua casa, sem perda de tempo. Aqui, em casa, ao contrário, temos muita confusão e muita gente, mobiliário, jóias, rou-  
 345 pas e prataria. Se desaparecer alguma coisa — eu te conheço e sei que só não pegas nas coisas quando não estão em tua frente — dirão, foram os cozinheiros que roubaram; prendam-nos; amarrem-nos; surtem-nos; ponham-nos no subterrâneo. Lá nada disso te poderá acontecer, porque não terás nada, lá, para abocanhares. Vem comigo.

CONGRILÃO — Está bem.

### CENA V<sup>18</sup>

ESTROBILO — ESTÁFILA — CONGRILÃO  
 escravo                    velha                    cozinheiro

ESTROBILO — Olá, Estáfila. Vem abrir-nos a porta.

350 ESTÁFILA — Quem está chamando?

ESTROBILO — Estrobilo.

ESTÁFILA — Que queres?

ESTROBILO — Que recebas êste cozinheiro, es-  
 ta flautista e a comida para o casamento. Megad-  
 doro mandou trazer isto para Euclião.

18. Versos senários jâmbicos.

ESTÁFILA — Por acaso, vão celebrar-se as núpcias de Ceres, Estrobilo?

ESTROBILO — Por quê?

ESTÁFILA — Porque vejo que não trouxeram nenhuma gota de vinho<sup>19</sup>.

ESTROBILO — Mas trarão já, assim que o patrão voltar do forum.

ESTÁFILA — Não há lenha nenhuma em casa.

CONGRÃO — Não há tabiques?

ESTÁFILA — Há, por Pólux!

CONGRÃO — Então há lenha. Não precisas pedi-la fora.

ESTÁFILA — Quê? seu sujo! Mesmo dedicado a Vulcano, não quererás que toquemos fogo à  
360 nossa casa por causa deste jantar, para garantir o teu salário?

CONGRÃO — De modo nenhum.

ESTROBILO — Faze-os entrar.

ESTÁFILA — Segui-me.

## CENA VI<sup>20</sup>

PITÓDICO

escravo

PITÓDICO — Trabalhai. Enquanto isso, vou ver que fazem os cozinheiros; vai dar trabalho, por

19. Os gregos abstinham-se de vinho durante os Mistérios Eleusinos, festas em honra a Deméter, em Elêusis. Segundo declaração de Licônides, porém, os romanos se embriagavam na festa de Ceres, a Deméter romana. Macróbio, aliás, censura a Vergílio por aconselhar libações de vinho nessas festas (*Georg*, I, 343-344).

20. Versos senários jámbicos.

- 365 Pólux, fiscalizá-los hoje. Só haveria um jeito: que  
fizessem o jantar no subterrâneo; e de lá o trou-  
xéssemos em cestas. Mas, se resolvem comer lá  
embaixo o que tiverem cozinhado, os de cima fi-  
cam sem jantar, enquanto os debaixo jantam. Mas  
370 estou a bater papo, como se não houvesse nada a  
fazer, com estas aves de rapina enchendo a casa.

CENA VII<sup>21</sup>

EUCLÃO — CONGRÃO  
velho      cozinheiro

- EUCLÃO — Resolvi tomar coragem, afinal, ho-  
je, para celebrar condignamente as núpcias de mi-  
nha filha. Vou ao mercado, peço peixe, caro; peço  
375 cordeiro, caro; peço carne de vaca, cara; peço vi-  
tela, atum, porco, tudo caro. E tanto mais caro,  
quanto eu não tinha dinheiro. Saio de lá furioso,  
porque não há nada para comprar. Ah! mandei  
às favas a todos aquêles sujos. Depois, a caminho,  
comecei a pensar: se a gente põe fora dinheiro  
380 num dia de festas, depois é preciso passar fome,  
mesmo que a gente tenha feito economia. Tendo  
apresentado esta razão ao estômago e ao coração,  
deliberei que o melhor era mesmo gastar o mínimo  
para casar a filha. Acabo de comprar um pouco  
385 de incenso e estas coroas de flôres; serão postos  
no larário, em honra ao nosso Deus Lar, para que  
êle faça feliz o casamento de minha filha. Mas  
que é isto? Aberta a nossa casa? E barulho den-  
tro? Pobre de mim! Será que me estão roubando?

21. Versos senários jâmbicos.

390 CONGRILÃO — Vai pedir uma panela maior, se possível, à vizinhança; esta é pequena, não dá.

EUCLILÃO — Ai de mim! Estou perdido, por Hércules. Estão a roubar-me o ouro! Pedindo a panela! Sou um homem assassinado, se não corro já lá dentro. Apolo! Por favor! Vem aqui, ajuda-me! Trespasa com as tuas setas estes ladrões se é verdade que já socorreste outros, em circunstâncias idênticas. Mas estou perdendo tempo. Vamos correndo, antes que me liquidem completamente.

### CENA VIII <sup>22</sup>

#### ÂNTRAX cozinheiro

400 Dromo, escama os peixes. Tu, Maquerião, trata o melhor que puderes, do congro e da moréia. Quanto a mim, vou pedir emprestado a Congrião, aqui ao lado, uma fôrma para cozinhar o pão. Tu, aí, para fazeres alguma coisa útil, de pena-me o galo, põe-no mais liso que um histrião depilado. Mas, que gritaria é esta que vem do vizinho? No mínimo são os cozinheiros, por Hércules, que fazem das suas. Vou para dentro para que não haja aqui a mesma confusão.

---

22. Versos senários jámbicos.

## ATO III

CENA I<sup>23</sup>

CONGRÃO  
cozinheiro

Caros concidadãos, habitantes da cidade ou da vizinhança, estrangeiros, abri todos, caminho, para eu fugir, deixai abertas tôdas as praças. Nunc até hoje, eu tinha ido cozinhar numa bacanal, para bacantes. Pobre de mim e de meus ajudantes, quebraram-nos de bordoadas. Estou inteirinho doído; estou completamente morto; o velho fêz de mim um ginásio de pancadaria. Em lugar nenhum do mundo eu vi cantar o pau tão valentemente. E pôs-nos fora, a mim e a êles, moídos de pancada! Ah! por Hércules, coitado de mim, estou perdido. Começa a Bacanal; ei-lo que nos segue. Já sei que vou fazer: foi êle mesmo que me ensinou.

EUCLÃO — CONGRÃO  
velho cozinheiro

EUCLÃO — Voltei. Para onde foges? Agarra! Agarra!

415 CONGRÃO — Por que estás a gritar, seu estúpido?

EUCLÃO — Vou já denunciar-te aos triúnviros.

---

23. Esta cena e a segunda são, possivelmente, cantadas. Tratar-se-ia de um "canticum" de ritmo vário e de métrica incerta. Há numerosos "cantica" nas comédias plautinas. Do verso 406 ao verso 410: octonários trocaicos. Do verso 411 ao verso 412: senários trocaicos. Do verso 413 ao verso 414: octonários jâmbicos.

CONGRILÃO — Por quê?

EUCLILÃO — Porque tens aí uma faca.

CONGRILÃO — Como convém a um cozinheiro.

EUCLILÃO — Por que me ameaçaste?

CONGRILÃO — Eu? O que acho um mal foi não ter-te atravessado o flanco.

420 EUCLILÃO — És o homem mais celerado do mundo, o homem a quem eu mais desejaria fazer mal, de propósito.

CONGRILÃO — Por Pólux, vê-se logo, embora não o digas; está na cara, os fatos falam por si mesmos. Com as bordoadas fiquei mais mole que um dançarino. Mas com que direito me bates, seu miserável?

EUCLILÃO — Com que direito? Ainda perguntas? Será que te bati menos do que devia?

425 CONGRILÃO — Basta! Mas, por Hércules, custar-te-á caro, se é que esta minha cabeça ainda não perdeu os sentidos.

EUCLILÃO — Por Pólux, não sei que acontecerá depois; agora o que sei é que tua cabeça sente as pancadas. Mas que tinhas de fazer na minha ausência, sem minha autorização? Quero saber.

CONGRILÃO — Cala a bôca. Viemos fazer o jantar das núpcias.

430 EUCLILÃO — Que tens tu com isso, que eu coma cru ou cozido? És, por acaso, meu tutor?

CONGRILÃO — Quero saber: deixas ou não deixas que façamos o jantar aqui?

EUCLILÃO — E eu quero saber se minha casa ficará intacta.

CONGRILÃO — Tomara que eu leve intacto tudo o que trouxe para cá. Não quero mais nada; não me interessa o que é teu.

EUCLÃO — Eu sei; não é preciso dizer-me; eu te conheço.

435 CONGRÃO — Por que razão nos proíbes de fazer o jantar aqui? Que fizemos nós? Que dissemos nós que te desagradasse?

440 EUCLÃO — Ainda perguntas, celerado, quando farejaste todos os cantos de minha casa, quando varaste por todos os meus quartos? Se tivesses ficado ao pé do fogo, onde tinhas de trabalhar, não terias saído de cabeça rachada. Bem feito. Era o que merecias. E agora para que não ignores a minha decisão: Se te aproximares desta porta, sem minha ordem, eu farei de ti o mais infeliz dos mortais. Agora já conheces a minha decisão.

445 CONGRÃO — Para onde vais? Volta. Que Laverna, a deusa dos ladrões, me proteja. Se não deixas que eu leve as minhas coisas, eu faço um fuzê dos diabos aqui, na frente da tua porta. Que fazer agora? Por Pólux, má inspiração me trouxe aqui. Fui contratado por um numo. Mais vou gastar com o médico.

EUCLÃO — CONGRÃO  
velho            cozinheiro

<sup>24</sup> EUCLÃO <sup>25</sup> — Por Hércules, doravante ela irá comigo. Aonde eu fôr, eu a levarei comigo, pa-

24. Do verso 449 até a Cena V os versos são setenários trocaicos.

25. Aparece, mal dissimulada, sob a roupa de Euclão, pela primeira vez a panela que encerra o tesouro. A cada réplica, Congrião avançará para Euclão, que recuará escondendo a panela.

450 ra que nunca mais esteja exposta a tão grandes perigos. Entrai agora todos, cozinheiros, flautistas, à vontade. Leva, Congrião, se queres, leva para dentro até um rebanho de escravos. Cozinhai, trabalhai, esbaldai-vos à vontade.

CONGRIÃO — Bem a tempo, depois que me encheste, a mais não poder, de brechas a cabeça.

455 EUCLIÃO — Vamos, entra: foste contratado para trabalhar, não para falar.

CONGRIÃO — Está bem, seu velho; por Hércules, que tu me pagarás pelas pancadas que me deste. Fui contratado para cozinhar, não para apanhar.

EUCLIÃO — Cita-me em justiça e não me aborças mais. Vai fazer o teu jantar, ou vai daqui para o diabo que te carregue.

CONGRIÃO — Vai tu para o diabo.

#### CENA IV

EUCLIÃO

460 Foi-se, Deuses imortais! Que audácia um homem pobre meter-se a tratar, com um homem rico, negócio de dinheiro ou qualquer outro. Veja-se Megadoro; lança mão de todos os meios para fazer-me a caveira. Mandou-me aqui os cozinheiros fingindo que era em minha honra e era, na verdade, para roubar-me, a mim, coitado, o tesouro. Até o meu galo, aliás o galo da velha, estêve quase a dar cabo de mim. Pôs-se a esgravatar com as unhas a terra em volta do lugar onde estava enterrado o tesouro. Por que estou a falar? Fico azêdo; tomo um pau e mato o galo,

- 470 ladrão apanhado em flagrante. Por Pólux, acho que os cozinheiros tinham prometido ao galo uma recompensa se êle lhes revelasse o esconderijo. Eu lhes tirei a arma das mãos. [Para que falar? Com o galo encerrou-se a questão.] Mas o meu genro Megadoro vem chegando do forum. Não ousaria mais, agora, passar diante dêle sem parar para dar-lhe uma palavrinha.

CENA V<sup>26</sup>

MEGADORO — EUCLIÃO  
os dois velhos

- 475 MEGADORO<sup>27</sup> — Contei a vários amigos o meu projeto de casamento. Foram unânimes em gabar a filha de Euclião; acharam que tive boa idéia e agi avisadamente. Ora, se os outros ricos fizessem o mesmo com as filhas dos pobres, se se casassem com mulheres sem dote, não só haveria mais paz na cidade, como também teríamos que enfrentar menos inveja. Além disso, elas teriam mais medo de nós do que agora e nós gastaríamos menos. Para a maior parte dos homens seria ótimo. A oposição só viria de uns poucos ambiciosos, cuja avidez e apetite insaciável não conhecessem nem lei nem sapateiro capazes de pô-los sob medida. Naturalmente haverá quem pergunte: "Mas com quem se casariam, então, as
- 480
- 485
- 490 ricas, com dote, se se atribuísse às pobres êsse di-

26. Versos senários jâmbicos.

27. Longo monólogo, Euclião, que escuta, sem nada dizer, diverte o público com os seus jogos fisionômicos de aprovação. Megadoro dirige-se ao público.

reito?" — Que elas se casem com quem quiserem, contanto que o dote não as acompanhe. Se se fizesse assim, elas se esforçariam por adquirir mais virtudes do que têm hoje, para levá-las em lugar do dote. Garanto que as mulas, cujo preço é maior do que o dos cavalos, se venderiam bem menos caro que os poldros gauleses.

495 EUCLIÃO — Que os deuses me ajudem tanto quanto eu estou encantado de ouvi-lo. Perfeito o que disse da economia!

MEGADORO — Nenhuma mulher viria dizer-te: "Tu sabes muito bem que te trouxe um dote superior ao dinheiro que tinhas. É justo, pois, que me dês púrpura, jóias, criados, mulos, cozinheiros, pajens, meninos de recados e carros para eu andar."

500 EUCLIÃO — Como êle conhece bem os costumes das nossas grandes damas. Como eu gostaria de vê-lo prefeito dos costumes femininos<sup>28</sup>.

505 MEGADORO — Hoje vê-se mais carro nas casas da cidade do que no campo. Mas isto ainda não é nada em comparação com as outras despesas que elas reclamam. Cá está o pisoeiro<sup>29</sup>, o recamador, o ourives, o tecelão de linho, os negociantes: passamaneiros, camiseiros, tintureiros que tingem de côr de laranja, tintureiros que tingem de côr de violeta, tintureiros que tingem de amarelo, ou os costureiros que fazem túnicas com mangas, ou os perfumistas, os revendedores de tecidos, os sapateiros, os fabricantes de cal-

28. Euclião lembra aqui a conveniência dum "praefectus morbus", que, à semelhança do "gynaikonómos" ateniense, fiscalizasse o cumprimento da lei que proibia os excessos do luxo feminino.

29. Pisoeiro, o que prepara o pano depois de tecido.

- çado elegante que trabalham sentados. E aqui estão os que fazem sandálias, aqui estão os tintureiros que tingem de côr de malva. Querem dinheiro os pisoeiros, querem dinheiro os alfaiates; 515 querem dinheiro os fabricantes de faixas; querem dinheiro os fabricantes de cintos. Tu pensas, então, que estás livre de tôda essa gente. Mil outros aparecem para cobrar. No átrio<sup>30</sup> estão a postos os fabricantes de couro, os passamaneiros, os caixoteiros. São levados à tua presença. Tu pagas 520
- Pensas que não deves mais nada, quando se aproximam os tintureiros que tingem de côr de açafraão. Enfim, há sempre um maldito que vem cobrar alguma coisa.

EUCLÃO — Eu iria falar com êle agora se não tivesse mêdo de que interrompesse a sua falação sôbre os costumes das mulheres... Vou deixar que êle continue.

- MEGADORO — Quando se liquida a conta com 525 todos êsses vendedores de bugigangas eis que se apresenta o soldado cobrando seu dinheiro. Vai-se discutir a conta com o usurário. O soldado fica aí implantado; supõe que se lhe vai dar o dinheiro. Feita a conta, êle, ao contrário, deve muito mais ao banqueiro. Ao soldado promete-se pagar um outro dia. Êstes e muitos outros são os inconvenientes dos grandes dotes. Incômodos e despesas insuportáveis. Mulher sem dote, submete-se à autoridade do marido. Mulher que leva 530 dote só faz a desgraça e a miséria do homem. 535 Mas aqui está o meu sogro. Como vais, Euclião?

30. *Atrium*, a parte mais importante da casa romana, sala situada logo depois da entrada, de forma quadrada, em tôrno da qual se dispunham as estátuas dos "Lares".

CENA VI

EUCLIÃO — MEGADORO

EUCLIÃO — Deliciei-me com o teu sermão.

MEGADORO — Então, tu ouviste o que eu disse?

EUCLIÃO — Do princípio ao fim.

540 MEGADORO — Mas parece-me que tu podias estar um pouco mais elegante para o casamento de tua filha.

EUCLIÃO — Aquêles que têm presente sua origem sabem que devem ser elegantes de acôrdo com as suas posses. Por Pólux, Megadoro, eu, como qualquer outro pobre, podes acreditar, não tenho em casa mais dinheiro de que se pensa cá fora.

545 MEGADORO — Sim, tu tens o suficiente e queiram os deuses conservar-te o que tens agora e aumentar-te cada vez mais o pecúlio.

EUCLIÃO — Isto não me agrada: "O que tu tens agora!" Êle sabe tanto quanto eu o que eu tenho. A velha denunciou-me.

MEGADORO — Por que hás de estar só? por que foges à minha companhia?

EUCLIÃO — Por Pólux, estava pensando em fazer-te uma acusação.

55 MEGADORO — Qual?

EUCLIÃO — Ainda me perguntas qual? Enche-me, a mim, desgraçado, todos os cantos da casa, de ladrões. Introduziste em minha casa quinhentos cozinheiros de seis mãos cada um, verda-

555 deira raça de geriões<sup>31</sup>. Argus<sup>32</sup>, que era todo olhos, ao qual Juno outrora confiou a guarda de Juno, êle próprio não conseguiria jamais vigiá-los. Ainda por cima, aquela tocadora de flauta, que seria capaz de beber, sòzinha, a fonte corintiana de Pirene, se dela corresse vinho. E, além disso, os mantimentos...

560 MEGADORO — Por Pólux, mas são suficientes para uma legião. Mandei até um cordeiro.

EUCLIÃO — Ah! sim! Não sei de animal que se pareça mais com um curião<sup>33</sup> que êste cordeiro.

MEGADORO — Gostaria que me disseses o que entendes por cordeiro curião.

EUCLIÃO — Sim, porque êle é pele e osso, tanto a curadoria o faz emagrecer. Ainda vivo, podem-se-lhe ver as vísceras ao sol. É transparente como uma lanterna púnica.

MEGADORO — Eu paguei para que o matem.

EUCLIÃO — Então seria melhor que pagasses para o levarem para a cova; pois creio que já está morto.

MEGADORO — Quero beber hoje contigo, Euclião.

570 EUCLIÃO — Por Hércules, eu hoje não bebo.

MEGADORO — Mas eu mandarei trazer de casa um pote de vinho velho.

EUCLIÃO — Por Hércules, não quero, decidi beber só água.

31. Gerião, gigante de três cabeças, triplo até os quadris.

32. Argus, tinha, segundo alguns, quatro olhos, um par na frente e outro atrás, segundo outros, uma porção de olhos espalhados por todo o corpo.

33. Trocadilho: curio = curião, chefe da cúria, que tem na época de Plauto apenas atribuições religiosas.

MEGADORO — Eu, hoje, se estiver vivo, te porei bêbado de vinho, apesar de tua resolução de beber só água.

575 EUCLÍÃO — Já vi tudo. Faz isso para me derubar com o vinho; e depois, as minhas coisas mudam de residência. Vou ficar de ôlho; vou esconder a panela em qualquer lugar fora de casa. Ele perderá ao mesmo tempo o seu trabalho e o seu vinho.

MEGADORO — Se não precisas de mim, vou ao banho, para preparar-me para o sacrifício.

580 EUCLÍÃO — Certamente, por Pólux, ó panela minha, tu tens muitos inimigos, tu e o ouro que te confiei! Panela minha, para mim o melhor é levar-te agora para o templo da Boa Fé<sup>34</sup>; lá eu te esconderei convenientemente. Ó Boa Fé, tu me conheces e eu te conheço. Cuidado, não vás desmentir o teu nome, se te confio êste depósito. Ve-

585 nho procurar-te, ó Boa Fé, pela confiança que me inspiras.

## ATO IV<sup>35</sup>

### CENA I

#### ESTROBILO

escravo de Licônides

ESTROBILO<sup>36</sup> — É próprio de um bom escravo fazer o que faço, executar sem demora e bem hu-

34. Bona Fides é, para Roma, a personificação da "Palavra Empenhada". Foi-lhe consagrado um templo no Palatino, onde lhe eram oferecidos sacrifícios.

35. Versos setenários trocaicos.

36. Monólogo com acompanhamento de flauta.

590 morado as ordens do senhor. O escravo, que quer servir a contento o seu senhor, convém que pense, primeiro, no senhor e, depois, em si próprio. Dormindo, mesmo dormindo, não deve esquecer que é escravo. Quando o escravo serve a um senhor amoroso — como é o meu caso — se vê o senhor dominado pela paixão, parece-me que é seu dever, o dever de um bom escravo, contê-lo, para tentar salvá-lo, e não empurrá-lo para onde se inclina. Como os meninos que aprendem a nadar, a quem se dá uma jangada de junco, para que se cansem menos, para que nadem e façam os movimentos de mão com mais facilidade, do mesmo modo, acho que o escravo deve ser, igualmente, para o senhor apaixonado, uma jangada, a fim de que êle não vá ao fundo como uma sonda. Que êle aprenda a conhecer as ordens do seu senhor; que seus olhos aprendam a ler-lhe no rosto a vontade. Que mais veloz que uma quadriga 600 se apresse a cumprir suas ordens. Quem tiver essas precauções estará livre do chicote e não fará nunca, por seu comportamento, brilharem as algemas. Acontece que o meu senhor ama a filha de Euclião, êste pobre coitado que mora aqui. Disseram-lhe que ela vai casar-se com o Megadoro, de cá, do lado. Êle mandou-me para 605 investigar, a fim de que o ponha a par do que há. Vou, sem que ninguém desconfie, sentar-me aqui, no altar sagrado. Daqui poderei apreciar tudo o que fazem, de um lado e do outro.

CENA II<sup>37</sup>

EUCLIÃO — ESTROBILO

610 EUCLIÃO — Toma cuidado, agora, Boa Fé; não  
 vás denunciar a ninguém que o meu ouro está aqui.  
 Não tenho medo de que alguém o encontre: está  
 muito bem escondido. Por Pólux, seria uma bela  
 muamba para quem o encontrasse: uma panela  
 cheia de ouro. Mas eu te peço, ó Boa Fé, não per-  
 mitas que isso aconteça. Vou agora tomar o meu  
 banho para fazer o sacrifício aos deuses e para  
 não fazer esperar o genro, a fim de que êle possa  
 levar, o mais breve possível, minha filha para sua  
 casa. Abre o ôlho, abre bem o ôlho, ó Boa Fé, a  
 fim de que eu possa levar de tua casa a minha pa-  
 615 nela, sã e salva. A tua lealdade eu a confiei: de-  
 positei-a em teu bosque sagrado.

ESTROBILO — Deuses imortais! Que coisa eu  
 ouvi êste homem dizer! Uma panela cheia de ouro  
 aqui dentro do templo de Boa Fé! Cuidado,  
 por favor, ó deusa não sejas mais fiel a êle que  
 a mim. Êste é o pai — ao que me parece, da-  
 quella a quem ama o meu senhor. Vou entrar aqui,  
 620 dar uma batida no templo para ver se acho o  
 ouro em algum lugar, enquanto êle está ocupado.  
 Mas se o acho, ó Boa Fé, ofereço-te uma bilha  
 cheia de vinho misturado com mel. Sim, eu te ofe-  
 recerei; mas, depois de oferecê-lo, eu próprio o  
 beberei.

---

37. Versos setenários trocaicos.

CENA III <sup>38</sup>

625 EUCLIÃO — Não é por acaso que um corvo acaba de me cantar à esquerda, enquanto arranhava a terra com as patas e crocitava com tôda a sua voz. Logo meu coração começou a dar pinotes, a saltar dentro do peito. Mas estou perdendo tempo; corramos depressa.

CENA IV <sup>39</sup>

## EUCLIÃO — ESTROBILO

630 EUCLIÃO — Para fora, minhoca, que acabas de sair debaixo da terra. Ainda há pouco não te deixavas ver; agora, que és visível, vais morrer. Por Pólux, impostor, eu te tratarei impiedosamente.

ESTROBILO — Que fúria é esta? Que tens eu a ver contigo, ó velho? Por que me maltratas? Por que me puxas? Por que me bates?

EUCLIÃO — Ainda me perguntas, tu que mereces ser moído de pancada? Não és ladrão; és três vêzes ladrão.

635 ESTROBILO — Dize-me que é que te roubei.  
EUCLIÃO — Devolve-ma, e depressa.

ESTROBILO — Que é que queres que eu te devolva?

EUCLIÃO — Ainda perguntas?

ESTROBILO — Não te tirei absolutamente nada.

---

38. Versos setenários trocaicos.

39. Versos senários trocaicos.

EUCLIÃO — Dá-me o que roubaste. Não te decides?

ESTROBILO — Decidir-me a quê?

EUCLIÃO — Não podes levá-la.

ESTROBILO — Mas que é que tu queres?

EUCLIÃO — Põe-me, já, isso aí.

ESTROBILO — Por Pólux, ó velho, acho que tu estás acostumado a que to ponham.

EUCLIÃO — Põe-me isso, aí, por favor. Deixa de graça. Eu não estou brincando.

ESTROBILO — Que eu hei de pôr aqui? Dize de uma vez por tôdas, pelo nome de quem é que estás falando. Por Hércules, que não tirei nada, que eu não toquei em nada.

640 EUCLIÃO — Mostra aqui tuas mãos.

ESTROBILO — Pega; eu as mostro; ei-las.

EUCLIÃO — Estou vendo. Vamos, mostra-me agora a terceira.

ESTROBILO — Maus espíritos e negros humores perturbam êste velho. É ou não uma injustiça isto que estás fazendo comigo?

EUCLIÃO — Confesso que sim. Porque não estás pendurado, como merecias, faço-te uma imensa injustiça. Mas vou já tratar disso, se não confessares.

ESTROBILO — Confessar? confessar-te o quê?

EUCLIÃO — Que é que tiraste daqui?

ESTROBILO — Que os deuses me castiguem se eu te tirei alguma coisa, como o desejaria.

EUCLIÃO — Vamos, sacode-me o "pallium".

ESTROBILO — Seja feita a tua vontade.

EUCLIÃO — Será que não tens nada entre as túnicas?

ESTROBILO — Procura onde quiseres.

EUCLIÃO — Ah! bandido! tão bonzinho, para que eu pense que não me roubou nada. Mas eu te conheço as bandalheiras. Vamos, mostra-me outra vez a mão direita.

ESTROBILO — Ei-la.

650 EUCLIÃO — Mostra-me agora a esquerda.

ESTROBILO — Aqui estão as duas.

EUCLIÃO — Não quero mais revistar-te. Devolve-me o que me roubaste.

ESTROBILO — Devolver-te o quê?

EUCLIÃO — Deixa-te de gracinhas. Naturalmente que tens aí o que é meu.

ESTROBILO — Tenho? Que é que eu tenho?

EUCLIÃO — Não vou dizer. Era o que querias ouvir. Entrega-me já o que tens aí. É meu.

ESTROBILO — Estás doido. Tu não me revistaste à vontade e não achaste nada que te pertencesse?

655 EUCLIÃO — Fica aí. Fica aí. Quem está lá? qual era o outro que estava contigo lá dentro? Estou perdido, por Hércules! Está lá dentro o outro fazendo desordem. Se não o pego já, êle vai-se embora. Afinal, a êste eu revistei todo; êle não tem nada. Vai para onde quiseres.

ESTROBILO — Que Júpiter e todos os deuses acabem contigo.

EUCLIÃO — Belo agradecimento! Vou entrar no templo e estrangular o teu cúmplice. Vamos longe de meus olhos! Vais ou não vais?

ESTROBILO — Já vou.

660 EUCLIÃO — Por favor, cuidado! Que eu não te veja mais!

CENA V<sup>40</sup>

ESTROBILO — Eu preferiria cair morto, de morte desgraçada, a não pregar uma peça neste velho. Ele não ousará mais agora esconder aqui o ouro. Acho que vai levá-lo consigo e mudá-lo de lugar. Ah! a porta do templo rangeu. Eis o velho que carrega para fora seu ouro. Vou aproximar-me um pouco de lá, da porta.

665

CENA VI<sup>41</sup>

## EUCLIÃO — ESTROBILO

EUCLIÃO — Eu que pensava que se podia confiar cegamente em Boa Fé. Ela zombou de mim. Se o corvo não viesse em meu auxílio, coitado de mim, eu estaria perdido. Por Hércules, eu gostaria muito de rever aquêles corvo que me pôs de sobreaviso, para, pelo menos, dizer-lhe algumas palavras amáveis. Sim, porque a comida, quanta lhe desse, seria perdida! Agora estou pensando num lugar onde esconder isto, um lugar bem deserto. Há, fora dos muros, o bosque de Silvano, onde ninguém passa e cheio de salgueiros espessos: aí vou escolher um lugar. Sim, porque tenho mais confiança em Silvano que em Boa Fé.

670

675

ESTROBILO — Ótimo! Ótimo! Os deuses me querem são e salvo. Vou na frente, subo numa árvore e de lá tomo conta do lugar onde o velho esconde o ouro. Embora o senhor me tenha man-

40. Versos senários jâmbicos.

41. Versos senários jâmbicos.

- 680 dado esperá-lo, prefiro, naturalmente, passar um  
lôgro no velho, mesmo que me custe pancadaria.

CENA VII <sup>42</sup>

LICÔNIDES — EUNÔMIA — FÉDRIA  
o jovem a mulher a jovem

- 685 LICÔNIDES — Eis aí, mamãe, tu conheces, ta-  
to quanto eu, a minha aventura com a filha de  
Euclião. E agora eu te peço, eu te suplico, minha  
mãe, como te supliquei há pouco, conta o caso  
ao tio.

EUNÔMIA — Tu sabes que os teus desejos são  
os meus. E tenho esperança de ser bem sucedida  
junto a meu irmão. Aliás, a tua causa é justa, se  
é verdade, como garantes, que, sob o efeito da em-  
briaguez, foi que violaste a jovem.

- 690 LICÔNIDES — Eu, acaso, teria coragem de men-  
tir-te, minha mãe?

FÉDRIA — Ai! eu morro, minha ama! Acode-  
me. Sinto dores. Juno Lucina, ajuda-me!

LICÔNIDES — Está aí, minha mãe; isto diz mais  
que as minhas palavras. Ela está gritando. O fi-  
lho está a nascer.

EUNÔMIA — Vem comigo, meu filho, vamos à  
casa do meu irmão. Não saio de lá enquanto não  
tiver conseguido o que desejas.

- 695 LICÔNIDES — Vai. Eu te acompanho, mi-  
mãe. Mas acho estranho que não esteja aqui  
meu escravo Estrobilo, a quem eu ordenei que me

42. Versos senários jâmbicos.

700 esperasse neste lugar. Estou pensando aqui comigo: se está trabalhando para mim, é uma injustiça irritar-me contra êle. Vou entrar lá, onde se fazem comícios para decidir a minha sorte.

✓ CENA VIII <sup>43</sup>

705 ESTROBILO — Eu, sòzinho, supero os grifos ou picos <sup>44</sup>, que habitam os montes de ouro. Já nem falo dêses outros reis; são uns reles mendigos. Eu agora sou o rei Filipe. Que dia feliz! Saí daqui antes dêle e muito antes trepei na árvore e de lá fiquei vendo o lugar onde o velho escondia o ouro. Logo que êle se foi embora, desci da árvore, desenterrei uma panela cheia de ouro; e dei o fora de lá imediatamente. Vejo que o velho entra em casa; êle me vê. É que me afastei um pouco do caminho. Mas, como?! Êle vem aí. Vou esconder isto em casa.

CENA IX <sup>45</sup>

## EUCLÃO — LICÓNIDES

EUCLÃO — Estou perdido, acabaram comigo, mataram-me! Para onde é que hei de correr? Para onde é que não devo correr? Pega! pega! Mas a quem? e quem o há de pegar? Não sei,

43. Versos senários jámbicos.

44. Picos, povo fabuloso da antigüidade.

45. Esta cena apresenta versos de ritmo anapéstico, mas de medidas diferentes, muitas vêzes.

- não vejo nada; vou como um cego e não sei, na verdade, para onde vá, ou onde esteja, ou quem eu mesmo seja, perdi a cabeça. Eu vos peço, eu
- 715 vos suplico, vinde em meu auxílio, dizei-me qual foi o homem que me roubou. Que dizes tu? Quero crer em ti. Tu pareces uma pessoa honesta. Que há? Por que estais rindo? Eu vos conheço, a todos. Eu sei que há um mundo de ladrões entre vós, que se escondem sob a toga branca em fôlhas e ficam sentadinhos como se fôsem muito honestos. Heim! Quê? Ninguém está com ela? Tu me assassinas. Dize-me. Quem está com ela? Não sabes? Ah! pobre, pobre desgraçado! estou morto! Estou reduzido a nada, tantas lágrimas, tantos males, tantos desgostos me trouxe êste dia maldito, além da fome e da pobreza! Sou o mais desgraçado de quantos homens vivem na Terra. De que me serve viver, agora que perdi todo êsse ouro que guardei com tanto cuidado? Privei-me do necessário, de tudo o que desejava, de todo prazer. Agora outros o aproveitam, gozam com o meu mal, com a minha ruína. Não posso suportar isso.
- 720
- 735

LICÔNIDES — Quem é êsse homem que assim se lamenta na frente de casa, tão triste? Acho que é Euclião. Estou completamente perdido. Foi tudo descoberto. Já sabe; acho, que a filha teve um nenê. Que hei de fazer agora? Será melhor ficar aqui ou ir embora? Enfrentá-lo ou fugir dêle?

730 Por Pólux, não sei que hei de fazer.

CENA X<sup>46</sup>

EUCLIÃO — LICÔNIDES

EUCLIÃO — Quem é que está falando aí?

LICÔNIDES — Sou eu, um infeliz.

EUCLIÃO — Infeliz sou eu, eu que estou miseravelmente perdido, esmagado por tantos males e desgostos.

LICÔNIDES — Não te preocupes!

EUCLIÃO — Por misericórdia, como poderia não preocupar-me?

LICÔNIDES — O mal que tanto te faz sofrer fui eu que cometi: eu o confesso!

EUCLIÃO — Que é que estás dizendo?

LICÔNIDES — A verdade.

EUCLIÃO — Que mal eu te fiz, môço, para fazeres isto comigo, para me pores a perder, a mim e aos meus?

LICÔNIDES — Foi um Deus que me impeliu, êle que me atraiu para ela.

EUCLIÃO — Mas como?

LICÔNIDES — Confesso que errei; eu sei que sou culpado. Por isso, eu vim pedir-te perdão, que queiras conceder-me o teu perdão.

EUCLIÃO — Como ousaste fazer isto, apoderar-te do que não é teu?

LICÔNIDES — Que queres que eu faça? O que está feito está feito. Impossível voltar atrás. Foi a vontade dos deuses, eu acho; se êles não o quisessem eu sei que isso não teria acontecido.

46. Nesta cena alternam-se versos setenários, octonários, trocaicos e setenários jâmbicos.

EUCLIÃO — Mas os deuses quiseram também, creio, que eu te enforque em minha casa.

LICÔNIDES — Não digas isso.

EUCLIÃO — Por que, sem minha ordem, tocaste nela, que é minha?

LICÔNIDES — Por causa do vício do vinho e do amor é que eu fiz isso.

745 EUCLIÃO — Homem descarado, ousares vir a mim dizer isso, sem vergonha! Se isso é direito se te podes excusar disso, vamos roubar públicamente, em pleno dia, as jóias das senhoras. E, depois, se nos apanharem, nós nos desculparemos dizendo que fizemos isso embriagados, por causa  
750 do amor. Coisa muito vil é o vinho e o amor, se ao ébrio e ao amante tudo é permitido fazer impunemente.

LICÔNIDES — Mas eu venho espontâneamente suplicar-te que perdoes a minha loucura.

EUCLIÃO — Não gosto dos homens que vêm desculpar-se depois que fizeram o mal. Tu sabias que ela não era tua; não a devias ter tocado.

LICÔNIDES — Pois bem, já que ousei tocá-la  
755 não me recuso a ficar com ela para mim em vez de qualquer outra.

EUCLIÃO — Mas, então, tu ficares com ela, que é minha?

LICÔNIDES — Não a quero contra a tua vontade, mas acho que é preciso que ela seja minha. Ademais, tu mesmo hás de reconhecer, agora, o digo, Euclião, que é preciso que ela seja minha.

EUCLIÃO — Por Hércules, vou já agarrar-te e levar-te ao pretor e mover contra ti um processo, se tu não ma devolves.

LICÔNIDES — Devolver-te o quê?

760 EUCLIÃO — Aquilo que tu me roubaste.

LICÔNIDES — Eu roubei algo teu? De onde? Que queres dizer com isso?

EUCLIÃO — Que Júpiter te proteja assim como tu não sabes o que quero dizer!

LICÔNIDES — A não ser que tu me digas o que reclamas.

EUCLIÃO — A minha panela de ouro, estou dizendo, é o que reclamo de ti, a que tu me roubaste, como tu mesmo confessaste.

LICÔNIDES — Por Pólux, eu não disse nem fiz nada disso.

EUCLIÃO — Ah! então negas?

765 LICÔNIDES — Certamente que nego e torno a negar; eu não sei que ouro é êsse, que panela é essa, nem nunca ouvi falar nela.

EUCLIÃO — Dá-me a que tu trouxeste do bosque de Silvano. Vamos, devolve-ma; eu prefiro dividir contigo a metade. Embora sejas um ladrão, não te incomodarei. Vamos, devolve-ma.

770 LICÔNIDES — Tu estás louco para me chamares de ladrão. Eu pensei, Euclião, que tinhas vindo a saber de outra coisa, que me diz respeito. É um assunto importante sôbre o qual desejo falar contigo com vagar, se é que tens vagar.

EUCLIÃO — Dize com sinceridade: não foste tu que me roubaste o ouro?

LICÔNIDES — Não; palavra de honra.

EUCLIÃO — Não sabes quem a tirou?

LICÔNIDES — Também não, palavra de honra.

EUCLIÃO — E se souberes quem é o ladrão tu mo dirás?

LICÔNIDES — Direi.

EUCLÍÃO — E não exigirás do ladrão a tua parte? nem me esconderás o ladrão?

775 LICÔNIDES — Não.

EUCLÍÃO — Se me estás enganando?

LICÔNIDES — Então que o grande Júpiter faça de mim o que quiser.

EUCLÍÃO — É suficiente. Agora, vamos, pod

LICÔNIDES — Se tu não me conheces, não sabes de que família eu sou, eu te digo que êste aqui, Megadoro, é meu tio; meu pai era Antímaco; eu me chamo Licônides e minha mãe é Eunômia.

780 EUCLÍÃO — Conheço essa família. Mas que queres? Quero saber o que desejas.

LICÔNIDES — Tu tens uma filha.

EUCLÍÃO — Tenho. Está lá dentro de ca

LICÔNIDES — Tu a prometeste, acho, a meu tio?

EUCLÍÃO — Já sabes tudo.

LICÔNIDES — Êle me encarregou de dizer-te que desiste do casamento.

785 EUCLÍÃO — Como? Que desiste? Depois de tudo pronto? Depois de preparadas as cerimônias do casamento? Que todos os deuses e as deusas imortais ponham a perder aquêle que por sua pa me pôs a perder, a mim, infeliz, desgraçado.

LICÔNIDES — Deixa disso! Não blasfemes. Agora, para tua felicidade, e para a felicidade de tua filha, dize: "Oxalá assim o queiram os deuses."

EUCLÍÃO — Oxalá assim o queiram os deuses!

790 LICÔNIDES — Oxalá assim o queiram os deuses também para mim. Agora, escuta. Não há homem, por menos que valha, que confesse sua culpa, que tenha vergonha do que fêz, que não queira desculpar-se. Eu te peço, Euclião, se, sem o saber, eu te ofendi, à tua filha, perdoa-me. Dá-me Fédria em casamento como mandam as leis. Confesso que violentei tua filha na noite das festas de Ceres. Foi o vinho, foi o impulso da juventude.

EUCLIÃO — Oh! que coisa horrível estou ouvindo?!

LICÔNIDES — Por que te lamentas, tu a quem eu fiz avô para as núpcias da filha? Pois tua filha acaba de dar à luz, dez meses depois: faz a conta. Por isso é que meu tio desistiu dela em meu favor. Entra, indaga se não é assim, como te estou dizendo.

800 EUCLIÃO — Estou inteiramente perdido! Muitas desgraças se juntam à minha desgraça. Vou para dentro saber que há de verdadeiro nisso.

805 LICÔNIDES — Vou junto. Parece que, afinal, quase chegamos a pôrto de salvação. Agora não sei onde possa achar o meu escravo Estrobilo. A menos que, dentro de pouco, eu dê com êle aqui. Depois eu entro; vou atrás dêle. Agora vou dar ao velho tempo para saber dos acontecimentos por meio da velha ama que serve de companheira a sua filha; ela está informada do que houve.

ATO V<sup>47</sup>

ESTROBILO — LICÔNIDES — EUCLIÃO

ESTROBILO — Oh! deuses imortais! Que alegrias, quantas alegrias me proporcionais! Tenho uma panela cheia, com quatro libras de ouro. Haverá homem mais rico que eu? Haverá em Atenas um homem a quem os deuses tenham si-

810 mais propícios?

LICÔNIDES — Parece-me que ouvi uma voz de alguém que falava dêste lado.

ESTROBILO — Olha! Não é o meu senhor que estou vendo?

LICÔNIDES — Não é o meu escravo Estrobilo que estou vendo?

ESTROBILO — Éle mesmo.

LICÔNIDES — Não é outro, não.

ESTROBILO — Vou ter com êle.

LICÔNIDES — Vou ao seu encontro. Creio que

815 êle, como lhe ordenei, já foi ver a velha ama da môça.

ESTROBILO — Por que não falar-lhe, não dizer-lhe que achei esta bela prêsa. E, depois, pedir-lhe que me liberte. Vou falar-lhe. Achei...

LICÔNIDES — Que é que achaste?

ESTROBILO — Não o que as crianças acham nas favas quando elas gritam: "Acheil!"

47. Esta cena tem métrica variadíssima: setenários, octonários trocaicos, versos de medida jâmbica, etc. Não há interrupção entre os dois atos. Estrobilo sai da casa de Megadoro dançando, gesticulando. Não vê o senhor a um canto.

LICÔNIDES — Já estás a fazer brincadeira, como é de teu costume?

ESTROBILO — Calma, senhor; já vou contar, escuta.

LICÔNIDES — Vamos, fala, pois.

820 ESTROBILO — Achei hoje, meu senhor, uma imensa riqueza.

LICÔNIDES — Onde?

ESTROBILO — Uma panela cheia de ouro, eu te digo, de quatro libras.

LICÔNIDES — Que coisa vergonhosa estou a ouvir de ti?

ESTROBILO — Roubei-a daqui, do velho Euclião.

LICÔNIDES — Onde está o ouro?

ESTROBILO — Numa arca, lá em casa. Agora eu quero que tu me libertes.

825 LICÔNIDES — Eu, libertar-te, grandíssimo bandido?

ESTROBILO — Vamos, senhor, sei o que queres fazer. Por Hércules, que eu apenas queria agradecer contigo; e tu já te preparavas para tirar-me o ouro. Que farias se eu o tivesse encontrado?

LICÔNIDES — Não me convencem as tuas gracinhas. Vamos, devolve o ouro.

ESTROBILO — Eu, devolver o ouro?

LICÔNIDES — Devolve, estou dizendo, para que eu o faça chegar ao dono.

ESTROBILO — Onde está êste ouro?

LICÔNIDES — Tu acabaste de confessar que está na arca.

830 ESTROBILO — Por Hércules, que estava brincando, como é de meu costume.

.....

Estou dizendo...

LICÔNIDES — Sabes o que te espera?

ESTROBILO — Por Hércules, podes matar-n  
mas nunca arrancarás nada de mim.

.....

(Falta o resto do manuscrito)

#### FRAGMENTOS

- I — Para pagar as fitas de açafão, as faixas, enfim para essas despesas femininas.
- II — Como roubou o homem.
- III — Eu cavava dez buracos por dia.
- IV — E nem de noite nem de dia tinha sossêgo; agora vou dormir.
- V — Os que me servem legumes crus, seria bom que os temperassem.

#### DUVIDOSOS

- I — Vamos, estás escondido, Estrobilo, essa testa enrugada?
- II — ... Mas eis o leno que está saindo; daqui, escondido, vou ouvir o que diz.

## SUPLEMENTO DE "CODRVS VRCEVS" 48

790 LICÔNIDES — Quer queiras, quer não, quando eu te tiver amarrado pelos pés e pelas mãos, e, suspenso, te tiver arrancado os testículos herniosos. Mas porque estou demorando e não me atiro ao pescoço dêste bandido e não obrigo imediatamente sua alma a sair por trás? Tu me dás ou não dás o ouro?

ESTROBILO — Vou dar.

LICÔNIDES — Quero que o dês já; nada de demora.

ESTROBILO — Dou já; mas eu te peço que me permitas respirar. Ail Ai! Que é que queres que eu te dê, senhor?

LICÔNIDES — Não sabes, bandido? É a panela de quatro libras, cheia de ouro. Ousas negar que tu disseste, há pouco, que a tinhas roubado? Já, aqui, neste instante, os escravos incumbidos do chicote.

800 ESTROBILO — Senhor, ouve só uma coisa.

LICÔNIDES — Não ouço nada. Escravos encarregados do chicote, vamos, vamos!

OS ESCRAVOS ENCARREGADOS DO CHICOTE — Que há?

LICÔNIDES — Quero que preparem as correntes.

48. Codrus Vrceus, sábio do século XV, reconstituiu o fim do 5.º Ato, baseado em elementos fornecidos pelo Prólogo, pelo Argumento e por alguns versos citados por um gramático. A nossa tradução dêste final do V Ato é feita sobre o texto da edição Garnier.

ESTROBILO — Ouve-me, por favor, depois me mandarás algemar quanto quiseres.

LICÔNIDES — Eu ouço; mas fala depressa.

ESTROBILO — Se me mandares torturar até a morte, vê o que acontecerá: primeiro, perdes um escravo; depois, não consegues o que desejas. Mas se tu me tivesses concedido, logo, como prêmio, a doce liberdade, já terias conseguido tudo o que desejas. A Natureza fêz todos os homens livres e todos os homens, por natureza, aspiram a se livres. A escravidão é o pior dos males a pior das desgraças. A primeira coisa que Júpiter faz aos que odeia é torná-los escravos.

LICÔNIDES — Tu tens uma certa razão.

ESTROBILO — Ouve o resto agora: Em nosso tempo os senhores são muito avarentos. Costumamos chamá-los de Harpagões, Harpias e Tântalos, pobres no meio da opulência, sedentos no meio do vasto oceano; não há riqueza que lhes sejam suficientes nem as de Midas nem as de Creso; nem tôdas as riquezas da Pérsia podem fartar sua cupidez insaciável. Os senhores usam iniquamente de seus escravos; os escravos, em troca, servem mal seus senhores. Assim acontece que nenhum dos dois age como devia agir. O velhos avarentos fecham-lhes, a mil chaves, a dispensa, o celeiro. Aquelas coisas que êles desejam que sejam dadas apenas aos filhos, os escravos, ladrões, manhosos, velhacos, lhas roubam, embora estejam fechadas a mil chaves. Êles as roubam, êles as consomem, êles as devoram. Nem a cruz nunca os fará confessar as centenas de roubos que praticaram. Assim os maus escravos vingam-se da escravidão, rindo e divertindo-se. Eu concluo, pois, que é a liberdade que faz fiéis os escravos.

LICÔNIDES — Tu falaste bem, sem dúvida; não, como prometeste, em poucas palavras. Mas se eu te libertar, tu me restituirás o que eu quero?

ESTROBILO — Restituirei; eu, porém, quero testemunhas. Perdoa-me, senhor, mas eu não tenho confiança em ti.

LICÔNIDES — Como quiseres; cem testemunhas até, e já.

ESTROBILO — Megadoro! Eunômia! Vinde aqui, por favor. Vinde cá fora. Terminado o negócio, voltareis imediatamente.

840 MEGADORO — Quem nos está chamando? Eis-me aqui, Licônides.

EUNÔMIA — Estou aqui, Licônides. Que acontece? Falai.

LICÔNIDES — É breve.

ESTROBILO — Chamei-vos como testemunhas. Se eu trazer aqui uma panela de quatro libras, cheia de ouro e a devolver a Licônides, Licônides me libertará e eu me torno senhor de mim mesmo. Prometes?

LICÔNIDES — Prometo.

ESTROBILO — Ouviste o que êle disse?

MEGADORO — Ouvimos.

ESTROBILO — Jura, então, por Júpiter.

LICÔNIDES — Eis a que me reduz a compaixão pelo mal alheio! Tu és um grande insolente! Façamos, contudo, o que êle manda.

850 ESTROBILO — Em nosso século não há muita boa-fé. Fazem-se atas; exige-se a presença de doze testemunhas; o escrivão registra a data e o lugar. Entretanto, acha-se ainda um rétor que nega tudo.

LICÔNIDES — Mas, por favor, acaba logo com isso.

ESTROBILO — Toma esta pedra.

LICÔNIDES — Se eu conscientemente te enganar, que Júpiter, sem que a cidade sofra qualquer mal, me atire fora os bens, como eu atiro fora esta pedra. Estás contente agora?

ESTROBILO — Estou. Vou buscar o ouro.

LICÔNIDES — Vai a passo de Pégaso e voando.

LICÔNIDES — MEGADORO — EUCLIÃO — EUNÔMIA

860 LICÔNIDES — É penoso para um homem sério um escravo tolo, que quer saber mais que o seu senhor. Oxalá, Estrobilo, liberto, vás parar numa funesta cruz. Agora o que é preciso é que me tragas a panela de ouro, para que eu possa livrar meu sogro Euclião da tristeza para a alegria, a fim de que me conceda em casamento sua filha, que acaba de ter um filho. Mas aí está de volta Estrobilo, todo carregado. Acho que vem trazendo a panela. É isto mesmo, é a panela que êle traz.

ESTROBILO — Licônides, como prometi, trouxe-te o que achei, a panela de quatro libras, cheia de ouro. Demorei-me por acaso?

870 LICÔNIDES — Certamente. Oh! deuses imortais! Que vejo? ou que tenho eu aqui? Mais três ou quatro vêzes seiscentos filipes de ouro! Mas chamemos, imediatamente, Euclião. Ó Euclião! Euclião!

MEGADORO — Euclião! Euclião!

EUCLIÃO — Que há?

LICÔNIDES — Vem para aqui, para baixo. Os deuses te protegem; temos aqui a panela.

EUCLÃO — A panela? Não me estás enganando?

LICÔNIDES — Estou dizendo: aqui está a panela. Agora corre, voa.

EUCLÃO — Oh! Grande Júpiter! Oh! Deus Lar! Oh! Juno Rainha! e tu, meu Alcides dos tesouros! Enfim, tivestes vós piedade de um pobre velho? Oh! querida panela! Teu velho amigo aperta-te alegremente em seus braços e beija-te docemente! Não posso fartar-me de abraçar-te. Oh! minha esperança! Oh! meu coração! Afinal, acaba-se minha desgraça.

LICÔNIDES — Sempre pensei que eras péssimo para as jovens, para os homens, para os velhos, para todos. A indigência leva os jovens à prostituição, os homens ao roubo, os velhos à mendicância. Mas é muito pior, como eu vejo agora, termos mais dinheiro do que nos é necessário. Ah!

890 Quanto sofrimento causou há pouco a Euclião a perda do seu ouro!

EUCLÃO — A quem devo apresentar os meus agradecimentos? aos deuses, que não abandonam os homens bons? às pessoas amigas e corretas? Ou a uns e a outros ao mesmo tempo? A todos. E, primeiro, a ti, Licônides, origem e autor de tanto bem, eu te ofereço esta panela de ouro; aceita-a de coração aberto; eu quero que seja tua, assim como a minha filha. Declaro-o na presença de Megadoro e de sua virtuosa irmã Eunômia.

LICÔNIDES — Fico-lhe muito grato, muito grato, como mereces, Euclião, meu querido sogro.

900 EUCLIÃO — Para mim, tu te mostrarás suficientemente grato se aceitares agora, com satisfação, o meu presente e a mim próprio.

LICÔNIDES — Aceito e quero que a minha casa seja a tua, Euclião.

ESTROBILO — Falta ainda, senhor, que te lembres agora de libertar-me.

LICÔNIDES — Lembraste bem; sê livre, Estrobilo. Tu o mereces. Vai agora para dentro concluir os preparativos do jantar.

ESTROBILO — Espectadores, o avarento Euclião mudou; tornou-se, súbitamente, generoso. Assim, vós, também, usai de magnanimidade, e, se a comédia vos agradou, aplaudi-a generosamente.

★

Este livro foi composto e impresso pela

EDIPE

*Artes Gráficas*

Rua Conselheiro Furtado, 516

SÃO PAULO

PEQUENA BIBLIOTECA  
DIFEL

Textos greco-latinos sob a direção do  
PROF. J. CAVALCANTE DE SOUZA  
da Faculdade de Filosofia da Universidade  
de São Paulo

PLATÃO

O BANQUETE

Tradução, introdução e notas do  
PROF. J. CAVALCANTE DE SOUZA

PLAUTO

AULULARIA

Tradução, introdução e notas da  
PROF.<sup>a</sup> AIDA COSTA

ARISTÓFANES

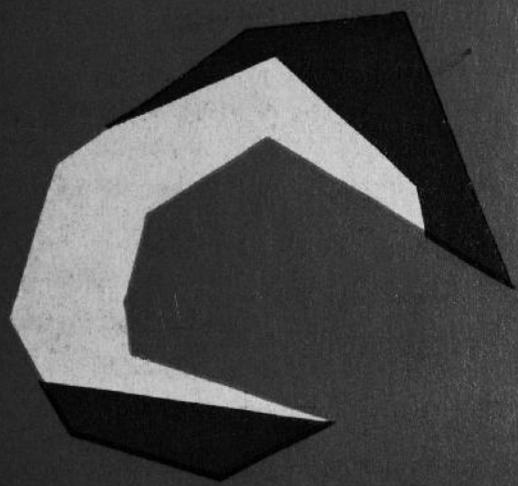
AS NUVENS

Tradução, introdução e notas da  
PROF.<sup>a</sup> GILDA MARIA REALE  
STARZYNSKI

★

DIFUSÃO EUROPÉIA DO LIVRO

Rua Bento Freitas, 362 — 6.º  
Rua Marquês de Itu, 79  
SÃO PAULO



DIFUSÃO EUROPÉIA DO LIVRO

BIBLIOTECARIA

1917

O primeiro - Invenção de  
 Planto, o velho avô  
 Enclim Lache em sua casa,  
 Interceda, para a felicidade  
 de ouro, ao povo de  
 grande - há a parte  
 toda mundo, conhece o seu  
 tempo segredo a quem conhece  
 He o Testes, um rapaz,  
 legados, um mundo de  
 Henrique e abuse da Chedra,  
 filha de Indio, um vizinho  
 tio de legados, pede a obter  
 de Chedra, no entanto  
 esta se ca que pede e a seu  
 Reduto, porque que o  
 He Beça - Entalato, um  
 escravo de legados, não a  
 prender, e este obra





# Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO

Rio de Janeiro — Brasil.

Belo Horizonte, 26 de maio de 1969

Ilmo. Sr.

Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas  
do Departamento de Polícia Federal

BRASÍLIA - DF

Senhor Chefe:

Com a presente, passamos às mãos de V.Sa. três (3) livros impressos, contendo a peça intitulada "AULULARIA", de Plauto, na tradução da Profa. Aída Costa; três (3) exemplares mimeografados da peça "O MESTRE", de Eugène Ionesco e tradução de Luísa Neto Jorge e três (3) exemplares da peça "A MENINA CASADOIRA", de Eugène Ionesco e tradução de Luísa Neto Jorge, a fim de serem censuradas conforme dispõe o Regulamento desse conceituado Serviço.

Esclarecemos que as tradutoras - sras. Aída Costa e Luísa Neto Jorge -, não são filiadas à SBAT.

Sem outro particular, no momento, aproveitamos a oportunidade para reiterar-lhe protestos de elevado aprêço.

Cordialmente,

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS  
Sucursal de Minas Gerais

GROVER FERREIRA  
Diretor

PARA SER ENTREGUE

EM BRASÍLIA

M. J. D. P. F.	
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS	
Protocolo N.º	2020
Em	03/06/1969
	<i>[Assinatura]</i>
	Protocolista

RECEBI O PROGRAMA ANEXO	
Em	25 de Junho de 1969
	<i>[Assinatura]</i>

3  
20  
23



SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS  
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

P A R E C E R

I) Documentação

- a) Título em Português: Aulularia
- b) Título original: Avylaria
- c) Autor: Tito Mácio Plauto
- d) Tradutor: Profª Aída Costa
- e) Diretor: Grover Ferreira
- f) Produtor: \_\_\_\_\_
- g) Companhia: Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
- h) Classificação da Censura: livre

II) Análise

- a) Gênero: Comédia
- b) Argumento: Euclião acha enterrado em sua casa uma pequena panela cheia de ouro. Daí por diante não pensa senão em guardá-la dia e noite com medo de que alguém suspeite de sua riqueza. Seu sossêgo desaparece. Lyeonides, sobrinho de Megadoro, violenta a filha de Euclião, resultando em gravidez. O pai da moça tudo ignora, e a promete em casamento a Megadoro, que sabendo posteriormente da estória, cede-a a Lyeonides. Por fim Euclião entrega a panelinha cheia de ouro ao futuro genro.
- c) 1 - Mensagem: Mostra-nos o autor, de maneira burlesca, tôdas as situações vividas por Euclião, com a guarda do tesouro, chegando a ser motivo de zombaria por parte dos escravos. Mostra-nos também o ridículo de tudo aquilo.
- 2 - Impressão final: nada de marcante. A peça se desenrola com uma certa estabilidade.
- d) Diálogos: Próprio para o gênero da peça.
- e) Cenas: Quase tôdas pitorescas e sem malícia.

f) Personagens: Euclião, figura principal da peça, Megadoro, Gonglião, Anthax, Estáfila, bem retratam as figuras romanas, características da época. "Euclião como "Pater-Familia" possui o direito de vida e morte de sua família que se estendia aos seus escravos, haja visto a maneira pela qual se dirigia a estes últimos.

g) Valor educativo: Ensina-nos que nem sempre o dinheiro nos conduz a paz.

III) Conclusão Nada há que venha ferir a legislação vigente.

Brasília, 11 de junho de 1969

*Iara Sardinha Schnabel*  
Iara Sardinha Schnabel - 94

Sr. Chefe da Seção de Censura

Técnico de Censura - Cart. nº

Anexo, encaminho a peça abaixo indicada, com o voto da Técnica de Censura credenciada IARA SARDINHA SCHNABEL, que a examinou.

TÍTULO:- AULULARIA

AUTOR:- Tito Mácio Plauto - Trad:-Aída Costa

RESTRIÇÃO SUGERIDA: L I V R E

Em, 12/06/69

*Jose Sampaio Braga*  
JOSE SAMPAIO BRAGA  
TCTC-SC/SCDP

*Jose Augusto Costa*  
*[Handwritten signature]*

JOSE AUGUSTO COSTA  
Chefe da S.de Censura- substituto

*Para outro  
Censor examinar  
[Handwritten signature]*

*De acordo, ao  
Seu Censor credenciado  
Carlos Lucio Menezes nº 130689*  
CARLOS LUCIO MENEZES  
Chefe do SCDP- substituto



SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS  
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

P A R E C E R

I) Documentação

- a) Título em Português: AULULÁRIA
- b) Título original: AVLVLÁRIA
- c) Autor: TITO MÁRCIO PLAUTO
- d) Tradutor: PROFª AÍDA COSTA
- e) Diretor: GROVER FERREIRA
- f) Produtor: \_\_\_\_\_
- g) Companhia: \_\_\_\_\_
- h) Classificação da Censura: 14 ANOS

II) Análise

- a) Gênero: Comédia
- b) Argumento: Um velho avarento de nome Euclião vivia sempre escondendo e preocupado com sua panela cheia de ouro. Paralelamente, sua filha havia sido desonrada por Licónides. Quando este soube que o seu tio Megadoro estava propenso a casar-se com a jovem a quem seduzira, relata ao pai da moça tudo o que aconteceu. Neste momento Euclião havia perdido sua panela com o ouro, achando-a em seguida com a ajuda de Licónides. O velho, satisfeito, entregou a panela cheia de ouro a Licónide como presente de casamento, pois este iria desposar a jovem que havia desonrado.
- c) 1 - Mensagem: A preocupação do velho avarento em perder a panela com o ouro e a desconfiança que tinha de todos aqueles que dele se aproximavam.

2 - Impressão final: Boa - a transformação final do personagem principal, de avarento a generoso, passando inclusive a acreditar naqueles com os quais convive.

- d) Diálogos: normal - sem nada a comentar
- e) Cenas: Pelo script percebe-se que as mesmas oferecem bons momentos de diversão visual sadia.

f) Personagens: Todos os personagens são bem conduzidos dentro do texto, cada um transmitindo a sua mensagem.

g) Valor educativo: que nem tudo na vida vale pelo dinheiro, e sim pelo que representamos interiormente e podemos oferecer a nossos semelhantes.

III) Conclusão Uma comédia antiga mas que transmite ao espectador bons momentos de diversão. Os diálogos são bem feitos, nada tendo a ver. A boa interpretação do ator principal valorizará em muito a apresentação da peça. Considerando que a peça se desenrola explorando a desonra de uma jovem ( a peça ~~se~~ inicia com este problema já contecido), sou da opinião que devemos excluir do público infantil tais fatos, motivo pelo qual opino pela liberação com impropriedade para menores de 14 anos.

Brasília, 25 de junho de 19 69

Técnico de Censura - Cart. nº 57

*Eduardo Carlos Pedrosa*  
EDUARDO CARLOS PEDROSA

TÉCNICO DE CENSURA CREDENCIADO

SR. CHEFE SEQ. CENSURA,

ANEXO, ENCAMINHO A PEÇA ABAIXO INDICADA, COM O OVOTO DO TÉC. CENSURA EDUARDO, QUE A EXAMINOU.

TÍTULO: ATRULÁRIA  
AUTOR: PLAUTO  
REST: 14 (QUATORZE) ANOS

OBS: LIBERADA ANTERIORMENTE COM IMPROPRIEDADE DE 14 ANOS EM 25 JUNHO DE 1969

*Jose Sampaio Braga*  
JOSE SAMPAIO BRAGA  
TCTC

*Ao chefe do SCDP.  
em 25/6/69  
Sampaio*

*Em 25/6/69.  
Expediente com  
com e sup. de 14 anos  
Alapour*



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0015, p.204  
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

# CENSURA FEDERAL

## TEATRO



Certificado Nº 1338/69

PEÇA -111/ AULULARIA /111-

ORIGINAL DE PLAUSO

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 25 de JUNHO de 1974

CLASSIFICAÇÃO

Brasília, 25 de JUNHO de 1969

**IMPRÓPRIO**  
**ATÉ 14 ANOS**

Chefe do S. C. D. P. ALOYSIO MURLETHALER DE SOUZA

M. J. - D. P. F.

**CERTIFICADO DO S. C. D. P.**

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0015, p. 203

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 42, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada -!!!/ AULUARIA /!!!-

Original de PLAUTO

Tradução de AIDA COSTA

Adaptação de \_\_\_\_\_

Produção de (CENSURA REQUERIDA PELA SBAT - BELO HORIZONTE - MG..)

Tendo sido censurada em 25 de JUNHO de 19 69 e recebido

a seguinte classificação: IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 14 (CATORZE) ANOS..

CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL E À AFIXAÇÃO DE CARTAZ CONFORME

§ 2º ART. 1º DA LEI 5536/68..

**OBS. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE É VALIDO QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE AUTENTICADO PELO SCDP..**

Brasília, 25 de JUNHO de 19 69

**JOSÉ SAMPAYO BRAGA**

Chefe da Turma de Censores  
de Teatro e Congêneres



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

COPIA PARA CONTRÔLE DO D. T.

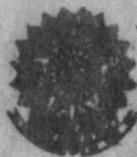
BRDFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0015, p. 206

SDR/MG  
BHTE - MG

280-TCTC 16 09 69

RERA OF NR 2928/69/SPS/TCDF ESSA DE VG CHEF SCDP  
AUTORIZA ENTREGA DOC INTERESSADOS PEÇAS "AULULÁRIA" VG "O MESTRE"  
ET "MOÇA CASADOIRA" PT SDS CHEFE SCDP

*Handwritten signature*



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
DELEGACIA REGIONAL EM MINAS GERAIS BRASÍLIA, D. F.

Of. nº 2928 /69/SPS/TCDP/DR/MG Em 11.9.1969

Do Delegado Regional do DPF em Minas Gerais  
Ao Exmo. Senhor Diretor-Geral do DPF.-Brasília  
Assunto Relatório .(encaminha)

Senhor Diretor-Geral

Em atenção ao mem. nº 453/69-TOTC de 2/7/69, encaminho a V.Excia. o relatório que nos foi presente pelo Chefe da TCDP, que, tendo determinado ao Fiscal de Censura Isaac / Ferreira dos Santos, este compareceu no auditório do Colégio / Santa Maria, sito a rua Pouso Alegre, 707, Floresta, nesta Capital, e assistiu a prévia das peças teatrais "Alularia" de Plauto; "O Mestre" e "A Moça Casadoira", ambas de Ionesco.

R E L A T Ó R I O:

Por determinação de V.Sa., comparecemos na noite de ontem, dia 10 do corrente, à encenação prévia das peças teatrais: "Alularia" de Plauto, "O Mestre" de Eugene Ionesco e "A Menina Casadoira", igualmente de Eugene Ionesco, levada a efeito pelo Grupo de Teatro Coluni, do Colégio Universitário da U.F.M.G. Em face dessa representação, cumpre-nos apresentar o presente relatório para os efeitos devidos.

Das peças encenadas destaca-se "Alularia" clássico que vem atravessando os séculos, sempre com atualidade. Depois da Grécia o sucesso de Plauto transpôs-se a Roma e dali, dadas as conquistas Romanas, generalizando a civilização Grego-Latina, espalhou-se por todos os povos e conseguiu atingir os tempos atuais, ficando pela sua força impressionista como o arco luminoso da arte teatral através dos tempos.

O Grupo Teatral Coluni, composto de Universitários, encena globalmente as três peças citadas acima, numa só apresentação, fazendo desenvolver as cenas com graça e flexibilidade, o que recomenda não só a direção como os atores, maxime tratando-se de elementos que se iniciam na arte teatral.

continuação fls. 24)

Na desenvoltura das peças, não podendo registrar que destoasse dos textos, pelo que devemos expressar apenas, o nosso aplauso pela iniciativa do grupo de teatro Coluni. É o que nos cumpre relatar. Belo Horizonte, 11 de setembro de 1969. ass. - Isaac Ferreira dos Santos - Fiscal de Censura.

Na oportunidade renovo a Vossa Excelência meus protestos de elevada estima e distinta consideração e respeito.

DR. ANTÔNIO BILIO ROMANO  
Delegado Regional do DPF/MG

URA - DA - ...

RECEBI ...

...